

PASSAGEM & JUVENTUDE

UM ESTUDO DE RITUAIS FEMININOS
EM CAMADAS DE BAIXA RENDA



TÂNIA MARIA G. E S. MONTEIRO

Dissertação de Mestrado em Antropologia

Orientador: Russel Parry Scott

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Antropologia

Recife, agosto de 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA e CIÊNCIAS HUMANAS

MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

PASSAGEM E JUVENTUDE:

Um Estudo de Rituais Femininos
em Camadas de Baixa Renda

TÂNIA MARIA G. E S. MONTEIRO

Dissertação de Mestrado Apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal de Pernambuco
para a obtenção do Grau de Mestre.

ORIENTADOR: Russel Parry Scott

Recife - Agosto de 1988.

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITARIA
50000 - Recife - Pernambuco - Brasil

129/17-02-89 BC-PIU

JN000163141 I/89

Jw. 07 AC-169031
Ex-890012900

A minha avó paterna Auta Guimarães e Souza, um exemplo de mulher forte e trabalhadora que sempre se preocupou com a educação da juventude e principalmente da mulher.

Ao meu avô materno João Pedrosa da Fonseca, pelo carinho e compreensão que sempre me dedicou.

A Luiz meu companheiro desde a adolescência.

Aos meus filhos muito amados, Tânia, Luiz Filho, Paula e Taclana,

A todos dedico este trabalho



AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato natural do homem. Como ninguém percorre o caminho árduo do trabalho intelectual, sozinho, devo mencionar as ajudas que recebi durante este meu labor.

Ressalto em especial meu agradecimento às jovens de Águas Compridas, bairro pesquisado, e às mães pela acolhida amável que me permitiu estudá-las. Não posso esquecer de agradecer a comunidade do bairro e em especial

aos "historiadores" que me trouxeram luzes à compreensão do momento vivido pelas jovens.

Agradeço aos "meus guias" no bairro, Cristiano e Ana Maria, em especial a esta última que me acompanhou em todos os momentos vividos na comunidade do bairro. A família do sr. João Braga foi de real valia para o desenvolvimento desta pesquisa, a eles agradeço.

Ao meu orientador Prof. Russel Parry Scott pelo incentivo nas horas difíceis, pela amizade e atenção que me dedicou em tantos momentos.

Agradeço a todos os professores do Mestrado em Antropologia da U.F.PE que em momentos diferentes colaboraram em muito com este trabalho. Tenho que destacar em especial a participação das Professoras Judith Hoffnagel, Danielle Perin da Rocha Pitta, Maria do Carmo Brandão e Maria do Carmo Vieira, pelo incentivo e crítica construtiva que me proporcionaram a construção desta Dissertação.

Agradeço também à Profa. Tânia Dauster (Doutorado em Antropologia do Museu Nacional) e à Profa.

Alice Inês de Oliveira e Silva (Universidade Federal de Viçosa) pelas reflexões e críticas construtivas ao meu trabalho.

Este trabalho não teria caminhado se não fosse o apoio e carinho que recebi da equipe do Conjovens-Centro de Orientação de Jovens. Em especial tenho que ressaltar as reflexões de Célia Maria Mendonça Galvão e Maria Cicília de Carvalho Ribas; a elas devo boa parte do que consegui neste trabalho.

Agradeço aos amigos que são muitos, pela paciência que tiveram comigo nesse período da confecção de Dissertação. Dois deles se destacaram pela atenção e competência que dedicaram a este trabalho, a Profa. Cristina Falcão Raposo, na ajuda com as formulações estatísticas e a Profa. Flávia Suassuna, mais que uma revisora de texto, foi uma amiga que adquiri.

Agradeço ainda a colaboração de Socorro Garcia e Letícia Carneiro na datilografia e transcrição de fitas e a Mirian Lúcia Perreira na responsabilidade do manejo com o computador.

Devo destacar a colaboração de Serviços Públicos como a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Olinda, o Departamento de Sítios Históricos da Prefeitura de Olinda, o da URB Olinda, o da Fidem e o da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Não posso esquecer de agradecer ao Departamento de Psicologia da U.F.PE que me facilitou a concessão de 20 horas semanais, durante todo o período correspondente ao desenvolvimento do Mestrado e à confecção da Dissertação.

Por fim agradeço à ANPOCS e à Fundação Interamericana, pelo financiamento da pesquisa que foi desenvolvida por mim e que resultou nesse trabalho.

As identidades das jovens e de suas mães foram substituídas por outras, no intuito de preservar as declarações sobre suas vidas.

Os nomes dos "historiadores" são verdadeiros.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

RESUMO

1 - Capítulo -	Passagem e Juventude: razões de um estudo	1 - 14
2 - Capítulo -	Metodologia: os caminhos percorridos	15 - 52
2.1	- Idade das Jovens	
2.2	- Reformulação do Projeto de Pesquisa	
2.3	- O Bairro	
2.4	- As Ruas 15 de Outubro, 12 de Dezembro, 6 de Janeiro	
2.5	- As Entrevistas	
2.6	- Roteiro das Entrevistas	
2.7	- Análise dos Dados	

3 - Capítulo - Juventude e Rituais: abordagem teórica
..... 53 - 145
3.1 - Juventude e Adolescência
3.2 - Os Rituais de Passagem
3.3 - O Cotidiano e os Rituais

4 - Capítulo - As Atrizes em Questão
..... 146 - 224
4.1 - As Mães como Iniciadoras das Filhas
4.2 - O Cotidiano das Jovens

5 - Capítulo - Os Rituais das Jovens
..... 225 - 240

6 - Capítulo - Conclusão
..... 241 - 247

BIBLIOGRAFIA
..... 248 - 271

ANEXOS

RESUMO

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa de campo, realizada com jovens de camada de baixa renda, nas idades de 13 a 17 anos do sexo feminino, e tem o intuito de verificar a possível existência de rituais de passagem que caracterizem esta fase juvenil. Esta busca deve-se também à possibilidade de verificação da existência da adolescência feminina na pobreza, fato que é questionado pela comunidade científica como algo, por vezes, inexistente, devido à carência de condições sócio-econômico-psicológicas das camadas de baixa renda.

A partir de entrevistas semi-estruturadas com 45 moças de 3 ruas de um bairro pobre favela), a autora encontrou nos discursos das jovens o ritual da "preparação para o casamento" como algo fundamental à fase juvenil desta população. A jovem é iniciada pela mãe por volta dos 10 aos 13 anos no aprendizado dos "afazeres domésticos", devendo tudo saber sobre eles antes do casamento. O ritual é visto como necessário para o futuro desempenho de mulher casada, bem como para a sua sobrevivência e da sua família. O não passar por este ritual do aprendizado dos "afazeres domésticos" é visto por elas de uma forma depreciativa - não preparada para casar. A jovem tem como obrigação preparar-se para o casamento; sua mãe tem como obrigação prepará-la.

Após uma análise antropológico-psicanalítica, a autora constatou a existência de "rituais de passagem" da adolescência à vida adulta, e também a existência de "adolescência" como fase de vida, na população pesquisada.

O trabalho revela ainda o quanto essa ritualização mantém o "status quo" da mulher pobre e inserida na situação sócio-econômica que é tradicionalmente vivida em nossa região.

I - CAPÍTULO

Passagem e Juventude:
Razões de Um Estudo

1 - PASSAGEM E JUVENTUDE:

RAZÕES DE UM ESTUDO

O trabalho junto aos adolescentes tem sido o meu cotidiano há mais de 20 anos. Gosto de ouvi-los, procuro estudá-los e entender as dificuldades que estão vivendo. Venho atendendo em psicoterapia aos jovens em meu consultório particular, como também na Clínica Psicológica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, dentro de uma abordagem teórica da Psicanálise.

Querendo entender antropologicamente o que se passa com "as Jovens" é que me propus a ir ao campo, ouvir, observar, entrevistar, conversar e refletir sobre a "adolescência das Jovens". Conhecer como se processam os seus aprendizados, sua socialização e o desenvolvimento nesta fase da vida - a adolescência. O objetivo deste estudo e pesquisa é entender como se passa a adolescência das Jovens de camada de baixa renda e perceber rituais de passagem que possam existir nesta faixa de idade.

O tema em questão se prende a um estudo exploratório, para o qual fui ao campo, sem ter formalmente qualquer hipótese estruturada. Sabia que a adolescência se faz de maneira diversa em cada cultura, quem sabe até em cada comunidade. Contudo podem existir aspectos dentro desta fase da vida que são comuns a qualquer jovem. Por exemplo: as transformações físicas, como a menarca nas Jovens.

Em minhas leituras no Curso de Mestrado em Antropologia, deparei-me com um texto sobre "Mulheres Faveladas", de TÂNIA SALEM (1981:72), onde se diz:

"Existem outros traços comuns a todas as entrevistadas que merecem destaque. Em primeiro lugar, a adolescência não tem

qualquer existência no seu universo. Ainda quando algumas poucas faziam alusão ao momento em que ficaram mocinhas, isso vinha esvaziado pela persistência das condições da infância - especialmente a carga de trabalho e o não ter coisas ("eu não podia andar arrumadinha"). Ademais, o controle exercido sobre elas, mais precisamente sobre sua sexualidade, por parte dos pais ou responsáveis ("eles me prendiam muito") constitui o outro fator que concorre para que a adolescência não promova corte significativo em sua vida".

Fiquei pensando como se processa a adolescência em camadas de baixa renda. Não tomo aqui neste trabalho a frase de SALEM (op. cit) ao pé da letra, mas como uma reflexão sobre a adolescência pobre. O seu trabalho refere-se a mulheres faveladas que provêm de outras regiões e que se encontram num determinado lugar (Favela da Rocinha), por falta de condições econômicas de morarem em lugar mais aprazível. Ao mesmo tempo estas mulheres falam de suas lembranças, geralmente permeadas de tristezas e da falta de condições de ter vivido aqueles anos (adolescência).

Com esta frase, SALEM (op. cit) nega a existência da adolescência na pobreza de maneira inequívoca. Contudo surgiram em mim algumas questões, como: Será que "não existe" adolescência nas mulheres pobres ou elas não puderam viver esta fase, devido a alguma dificuldade especial? Será que o "trabalho" na adolescência impede a moça de se sentir adolescente? Será que toda adolescente quer "andar arrumadinha"? Será que o "controle exercido sobre elas", por parte dos pais ou responsáveis, no tocante à sexualidade, não é exatamente "o corte significativo" que representa estar na adolescência, diferentemente "do não prender" da infância? Estas questões ajudaram na escolha do tema que desenvolvo nesta Dissertação.

Por outro lado tenho que reconhecer também que a escolha do tema se deve a uma intervenção da Profa. Judith Hoffnagel, que, na Banca Examinadora de Seleção ao Mestrado, alertou-me para que, como especialista em adolescência, deveria me preocupar com os estudos sobre os "ritos de passagem" e sua verificabilidade nas comunidades locais, de preferência as de baixa renda, por quase não existirem trabalhos realizados nesta camada social.

Logo, a escolha recaiu neste tema: adolescência, juventude, os rituais de passagem e as comunidades pobres.

O objetivo, portanto, é verificar a "existência de rituais femininos" em jovens de camadas de baixa renda, analisar a estrutura desses rituais e, se possível, descrevê-los e verificar também como se processa a adolescência no seu grupo social.

Pesquisar a adolescência e as adolescentes é sair de uma neutralidade de pesquisador, é viver a objetividade na subjetividade, é participar das suas alegrias e tristezas, das suas preocupações. Ouvir seus lamentos pela falta de compreensão dos pais, que nem sempre aceitam a adolescência de suas filhas. Ouvir um pouco da sua história, pois, como lembra Queirós (1983:186), a narrativa de depoimentos pessoais faz parte da história do narrador.

Este estudo não tomou o rumo de análise de história de vida, mas se refere a uma apreciação qualitativa das narrativas. Contudo, foi possível dispor de uma avaliação quantitativa, que veio em muito reforçar a análise qualitativa. Por vezes seu rumo está mais próximo de uma pesquisa participante, onde o pesquisador convive com a comunidade pesquisada; não é só entrevistar, mas também viver o dia-a-dia. A objetividade que ele deve possuir se mistura à subjetividade nas suas observações sobre a comunidade. O pesquisador deve

revelar, em seu trabalho, a realidade do cotidiano, retratando tudo o que observa e participar na comunidade, como bem lembra PAULO FREIRE (1985:35):

"Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção de que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade".

A população da pesquisa é aqui representada pelas adolescentes entrevistadas. Como material auxiliar utilizamos as entrevistas com as mães que se ofereceram para falar sobre suas filhas e a adolescência delas. Misturavam-se às narrativas os depoimentos emocionados pelas dificuldades encontradas por essas mães para educarem suas filhas. A posição tomada na pesquisa, por mim, foi de descentrar para poder me colocar no lugar da adolescente, deixando de lado meu próprio quadro de referência, como sugerem LE BOTERF (1985:58) e THIOLENT (1985:83).

Foi escolhido o bairro de Águas Compridas em Olinda, por diversas razões. Primeiro, é um bairro pobre, considerado pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Olinda, como "semi-favela", pela falta de infraestrutura apropriada (1). Segundo, por ser um bairro com tradição de ser habitado por camadas de baixa renda, situado na periferia de Recife e pertencente ao Município de Olinda. O bairro existe desde o começo de século, tendo uma população mais estável, considerando-se o tempo de moradia, pois não procurei estudar adolescência na miséria e sim adolescência pobre. Terceiro, por ser um bairro que já conhecia anteriormente, há uns 30 anos, o que me facilitaria o contato com as jovens e mães, nas entrevistas. E, quarto por quase inexistirem trabalhos que estejam relacionados aos rituais adolescentes, referentes à camada de baixa renda.

As entrevistas foram realizadas dentro de um clima de cordialidade, de conversas com as mães e as jovens, sendo utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada, o que permitia que os depoimentos fluíssem sem maiores constrangimentos por parte das entrevistadas. Procurei, acima de tudo, conhecer, visitar o bairro por diversas vezes, antes de começar as entrevistas, tornando-me conhecida pela comunidade. Utilizei em muito a observação direta, em todas as visitas que realizei.

Conheci praticamente todo o bairro, ora percorrendo a pé, ora de automóvel, pois o bairro é bastante extenso, como mostro posteriormente nos mapas apresentados. (Ver anexos)

Entrevistei também moradores tradicionais que me forneceram muitas informações sobre o bairro ("historiadores") praticamente desde o seu nascimento até os dias de hoje. Falaram com certa tristeza em ver que o bairro tende a se descaracterizar do que era: um lugar calmo, habitado por pessoas "sérias e trabalhadoras", hoje já aviltado pela violência, roubos e crimes que antes quase não havia.

As jovens em sua maioria gostam do bairro, mas reconhecem que a violência atual as amedronta, temem ser assaltadas, assassinadas e estropadas, mas sempre afirmam que isto está acontecendo porque pessoas de "fora" vêm fazer baderna, não são os moradores que fazem a intranquilidade do bairro.

A visão que as jovens tem de si, de suas vidas, de suas mães, trazem à pesquisa uma reflexão de como sentem a sua adolescência, de como passam e ultrapassam esta fase de vida. Falam com facilidade sobre suas

experiências, às vezes até as mais traumáticas, às vezes as mais divertidas. Foram observadas dentro do seu espaço local, sua casa, suas ruas, sendo os "Atores sociais" na relação científico-social com o observador, como observa GIDDENS (1978:171).

No relato das jovens, foram surgindo as caracterizações próprias sobre suas vidas, o que consideram fundamental para sua educação, formação e processo de vida. A repetição sobre a necessidade de aprendizagem dos "afazeres domésticos" foi acontecendo na medida em que conversava com as jovens e as entrevistava. Elas apresentaram este dado como necessário às suas vidas, uma "obrigação que toda mulher deve fazer", e deve aprender ainda em mocinha para quando casar não passar vergonha na frente do marido, dizem elas.

Inicialmente pensei que pudesse encontrar algum evento, talvez a festa de 15 anos, evento tão comum em outras camadas sociais, um rito que caracterizasse a fase adolescente. Imaginava que a frequência a festas ou gafieiras legitimasse um rito de passagem ou algum evento festivo que demarcasse a passagem para a vida adulta. Entretanto, fui percebendo nas entrevistas a existência de ritual preparatório para o casamento, um ritual que leva

anos para se aprender e ser aperfeiçoado - o de aprender a ser dona-de-casa. Elas apresentam este fato - o do aprendizado dos "afazeres domésticos" - como um ritual preparatório para o casamento, através do qual a jovem é primeiro levada pela mãe a observar como se realizam os afazeres, depois inicia a fazê-los com a ajuda materna e por último assume a responsabilidade pelos trabalhos domésticos, dividindo-os com as mães ou assumindo-os totalmente. Para elas a falta de preparação deveria ser impedimento ao casamento, a moça só deveria casar quando aprendesse a cuidar da casa, do marido e dos filhos.

A discussão existente entre a vivência da adolescência enquanto idade, levou-me a todo um estudo reflexivo sobre vários ramos da ciência que estudam a adolescência e a juventude. A necessidade de se entender como vivem as jovens na pobreza, levou-me a um aprofundamento teórico-prático do social.

Procurei conhecer a realidade do seu cotidiano e saber como acontece o dia-a-dia dessas jovens, o que se passa em suas vidas e quais as suas aspirações. Verifiquei que as mães sonham com um futuro bem diferente do presente em que vivem atualmente para suas filhas. Mas a realidade do tempo presente machuca as aspirações do futuro e as faz saber que dificilmente suas filhas não repetirão as suas frustrações sociais e econômicas.

O estudo dos ritos e rituais de passagem da juventude levou-me a uma reflexão no sentido de entender o porquê da repetição do aprendizado dos afazeres domésticos como função feminina. As mães desejam um futuro diferente para as suas filhas. Sabem, contudo, que dificilmente elas poderão sair da situação em que vivem, logo têm que prepará-las para viverem sua realidade de "mulher pobre", realidade que transmitem às suas filhas: a mulher deve aprender a cuidar da casa, a agradar o marido, a cuidar dos filhos, a manter a tradição de "ser mulher". "Mulher é aquela que sabe tudo de casa, o homem sabe das coisas da rua". Assim traduzem para suas filhas adolescentes a obrigação de ser mulher, dentro da tradição assumida pela comunidade, que é um composto de pessoas "sérias e trabalhadoras".

Este ritual de preparação para o casamento habilita a jovem à sua futura vida de mulher casada, mas transmite ao mesmo tempo uma ideologia do papel feminino tradicional, da mulher doméstica, dona-de-casa e mãe extremosa dos filhos. Para LINCOLN (1981:107-109), o ritual feminino serve para a manutenção da condição social da mulher dependente do homem e da estrutura social em que vive.

OLIVEIRA E SILVA (1985:36) também verificou o mesmo quando de sua análise sobre os rituais das Jovens de camadas médias em cidades do Interior mineiro: que eles servem para a manutenção e reprodução da camada social em que vivem. Estas constatações levaram-me a um estudo sobre os rituais das Jovens e sobre a repercussão deles no seu desenvolvimento social, que apresento no final, fazendo uma análise antropológico-psicanalítica para a compreensão das Jovens pesquisadas.

NOTAS

- (1) Informação obtida através de Documento da FIDEM (Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife), sobre Sistema Espacial de Referência e Sistema de Informação Metropolitana e depois corroborada pelo Documento sobre Caracterização das Áreas Carentes do Município de Olinda - Joana Trautvetter e Autores - Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Olinda.

II - Capítulo
METODOLOGIA:
Os Caminhos Percorridos

2.1 - IDADE DAS JOVENS

A juventude é uma fase de vida do homem que se inicia aos 10 anos, com o final da infância, e se alonga até aos 25 anos, com o surgimento da vida adulta (1). Não pretendo aqui abordar o estudo de toda a fase juvenil, mas procuro situar a idade das jovens, na adolescência e, mais particularmente, entre as idades de 13 a 17 anos (2).

Poderia ter pesquisado jovens com menos idade, como as de 10, 11 anos quando já são consideradas pelas

mães aptas a desempenharem alguma função doméstica, com responsabilidade. No entanto, tenho a considerar que precisava que as Jovens tivessem certa vivência desta fase adolescente e pudessem falar sobre algumas experiências vividas. Também não estendi a idade acima de 18 anos em diante, por desejar narrativas bem adolescentes, para caracterizar a fase que estão vivendo. As Jovens de 18 anos em diante, "presume-se" que já estejam amadurecidas no processo juvenil.

De fato, essas "presunções" foram comprovadas, pois as Jovens pesquisadas consideram que aos 18 anos já são adultas e as menores de 13 anos ainda são muito novas, salvo algumas exceções. Geralmente classificam de "adolescentes" as Jovens de 12, 13 anos até chegarem aos 18 anos.

Em estudos sobre jovens (MEAD, 1979:105-111; LINCOLN, 1981:50-70) é comum se verificar que a menarca é um marco de divisão da fase infantil para a fase juvenil. No entanto, para as Jovens pesquisadas a menarca não parece ter uma ênfase especial de divisão de fases, pois existem crianças que já tiveram a menarca aos 9 anos e continuam sendo consideradas como crianças. Entretanto, já são consideradas adolescentes as que estão com 13 anos e ainda não tiveram a sua primeira menstruação. Talvez a

altura da jovem, o formato do corpo ou mesmo os interesses pelas "conversas de moça" sejam mais aceitas como determinantes para serem consideradas como adolescentes.

As mães entrevistadas também não ressaltaram a menarca como um marco divisório entre a infância e a adolescência. Elas se referiram ao critério "idade", considerando que os 10 - 11 anos é a idade em que as jovens começam a ter responsabilidade, deixando de ser criança. Para outras, a mudança de criança para moça se faz um pouco mais tarde, aos 12, 13 anos.

2.2 - REFORMULAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

No Projeto de Pesquisa inicial havia programado entrevistar 24 jovens de 12 ruas diferentes, sendo duas jovens de cada rua. As ruas seriam escolhidas aleatoriamente, bem como as jovens. O único critério seria o da idade - 13 a 17 anos - contudo, seria escolhida uma adolescente de 13 a 15 anos e outra de 16 a 17 anos, em cada rua a ser pesquisada.

Na execução do Projeto de Piloto, para verificar se os questionamentos que propus corresponderiam à realidade vivida pelas jovens, foi encontrada uma adequação às perguntas. Contudo era necessário um maior aprofundamento de determinadas questões a que as jovens se referiam com pouca precisão terminológica. As mães se interessavam pela pesquisa e queriam falar sobre suas filhas e sobre o que pensavam sobre a adolescência. Poucas, no entanto, permitiram que fossem gravadas as conversas. Utilizei este material como auxiliar e não como principal nas análises dos resultados.

Neste momento, percebi que as 12 ruas não se faziam necessárias, por não corresponderem à realidade do que estava querendo pesquisar, pois só ouviria a duas jovens por rua e não estudaria a dinâmica do

relacionamento das jovens e a repercussão desse relacionamento. Seria melhor, mais preciso e mais coerente se tomasse uma rua e tivesse mais evidente a própria dinâmica das jovens e seus relacionamentos sociais, no contexto da própria rua.

Tendo conversado com o meu orientador e seguido também o posicionamento de QUEIROZ (1983), refiz o projeto quanto à seleção das ruas e das jovens. Esta autora nos diz (op. cit-p.103):

"No momento da definição dos temas pelo pesquisador, o projeto de pesquisa reaparece em cena, pois a identificação deles deve seguir os propósitos do pesquisador ao construí-lo: se teve por objetivo conhecer a vida de determinada camada social num período e daquela localidade, seus temas se relacionarão com os acontecimentos históricos daquele período e daquela localidade; como a família; a profissão; e assim por diante. Pode ser, no entanto, que o conteúdo do documento seja de tal monta que o pesquisador, em lugar de seguir a ordem dos problemas que colocou no seu projeto, escolha os temas mais salientes que for

encontrando: neste caso, estará efetuando uma reformulação de seu projeto e a partir do material encontrado, devendo então apresentar a justificativa de sua mudança de orientação."

Tomel, então 3 ruas (Rua 15 de Outubro, Rua 12 de Dezembro e Rua 6 de Janeiro) para estudar suas jovens, verificando como se processam seus rituais. A escolha dessas ruas deve-se à tradição de serem ruas das mais antigas do bairro, onde seus moradores se estabeleceram há muitos anos. Quis pesquisar jovens que morassem há muitos anos no bairro, que não se caracterizassem por ser "invasoras" ou tidas como "faveladas". As favelas e as invasões são recentes no bairro, logo não deveria anexá-las nesta pesquisa.

Por causa da modificação do projeto de pesquisa no tocante à escolha das ruas e consequente opção por entrevistar todas as jovens de 13 a 17 anos que lá morassem, não foi elaborado um plano estatístico no início da pesquisa. No entanto, devido à massa de dados que foi colhida, foi possível haver um tratamento estatístico descritivo posterior, que será desenvolvido no quarto capítulo.

2.3 - CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO

Águas Compridas é um bairro que se estende ao longo das margens do riacho que leva o mesmo nome do bairro, mas que continua sendo mais conhecido pelo antigo nome de Riacho Lava-Tripas, afluente do Rio Beberibe. O Riacho Águas Compridas forma-se na Chã do Berenguer (Moraes, 1962:444-445), nos limites entre as cidades de Olinda e Paulista, atravessa todo o bairro, corta outros e desemboca no Rio Beberibe.

Ainda hoje o Bairro conserva uma paisagem interiorana. É repleto de árvores frutíferas e mostra sua origem em sítios antigos, como: Sítio Protetor (3), Sítio Sapucaia (4), Sítio Santa Eliza (5), para citar alguns. Sua via principal - a Estrada de Águas Compridas - inicia-se no bairro de Beberibe com o nome de Estrada do Gaenga, percorre todo o bairro e toma o nome de estrada da Miruelra, ao entrar no bairro de mesmo nome. Tem uma topografia de Tabuleiro Sedimentar (Fidem, 1980), com altos e baixos: Alto da Macaíba, Buraco do Afonso, por exemplo. Sua via principal tem um calçamento precário, suas ruas raramente são calçadas, por vezes são bastante íngremes, esburacadas pelas constantes chuvas que descem do morro abaixo, fazendo com que exista muita lama no

bairro na época das chuvas. No verão, sem as chuvas, existe muita poeira devido ao barro seco e à brisa constante que desce dos altos. Suas casas são pequenas, geralmente com 2 quartos, 1 sala, cozinha e banheiro, tudo num espaço mínimo. As mais antigas são de taipa (barro batido), as mais novas e melhores são de tijolos (6). Os telhados são de telhas de barro ou de telhas de amianto (tipo brasilit). Os terrenos das casas possuem tamanhos diferentes, alguns com 8m por 20m, outros com 6m por 15m e a maioria é ainda menor. O chão das casas é de cimento ou de barro batido. A maioria delas é pintada (calada), tomando a cor que seu proprietário escolher, geralmente gradeadas, denotando o grande pavor em que vive atualmente a população pelos constantes assaltos.

"Ah! gosto muito daqui de Águas Compridas, antes era mais bonito, tinha menos casas, se plantava, o povo todo se conhecia, não havia ladrão. Vivi muito tempo nesta casa sem portas e janelas e ninguém tirou nada. Agora é assim, tudo chelo de grades e a gente não confia, tem ladrão pra tudo. Mas os ladrões não são daqui, não, vêm de fora pra roubar, matar aqui. O povo de Águas Compridas é muito bom, ordeiro e todo mundo se conhece. Aqui na rua mesmo, todos se conhecem, é como fosse uma família só."

(Israel Brás)

Tem-se notícia (7) que o povoado de Águas Compridas teve o seu início no fim do século passado, por volta de 1890, na época da libertação dos escravos, quando esses escravos se instalaram nas margens do Riacho Lava-Tripas, junto ao bairro de Beberibe. Seus primeiros habitantes eram marchantes, que costumavam utilizar o riacho para lavar "as tripas e miúdos" dos animais abatidos, levando-os posteriormente para a venda nos mercados públicos e nas residências em Olinda e Recife.

"Já existia habitação no século passado, tendo em vista a origem do nome que criou Águas Compridas. Na minha, no tempo de criança, os mais velhos diziam que Águas Compridas, de seu o nome porque os marchantes matavam os animais e tratavam no riacho que tomou o nome, Riacho Lava-Tripa, eu acredito que 1890, por aí havia habitação."

(Antônio Pascoal)

Este povoado cresceu com a expansão do bairro de Beberibe. Águas Compridas era um lugar assim pegado a Beberibe e o desenvolvimento se deu por volta de 1933, que veio muita gente morar aqui e foram alugando o chão e construindo as casas. Depois é que se vendeu o terreno e as pessoas compraram o chão e suas casas."

(Israel Brás)

A percepção de que o bairro está mudando devido à violência leva seus moradores, principalmente as Jovens, a se sentirem muito inseguros. Os moradores falam com saudade do bairro bom e pacato onde se podia conversar nas calçadas, mesmo das ruas mais movimentadas, sem se sentir medo dos assaltantes.

Possuía até 1949 (8) sítios cheios de frutas e matas. Inicialmente os lotes de terreno eram arrendados aos donos dos Sítios ou a seus herdeiros e os arrendatários construíam suas casas para, só em torno de 1965, terem o direito de adquiri-los definitivamente. No entanto, muitos ainda permanecem como arrendatários até os dias de hoje, sem a possibilidade de regularizarem a situação jurídica de suas casas, construídas há muitos anos e com muito esforço. Há 4 anos atrás a COHAB adquiriu parte desses terrenos de alguns proprietários dos Sítios e avisou para os arrendatários não mais pagarem o arrendamento. No entanto, alguns proprietários dos sítios ainda possuem diversos terrenos que ainda não foram ocupados ou vendidos, conforme informação do sr. Manoel Lira em entrevista gravada.

Como bairro, seu início se deu por volta de 1948, quando foi instalado o seu primeiro Distrito policial; no entanto, diversas pessoas já moravam nesta

região. Segundo o sr. Israel Brás (9), em 1927, vinha-se para essa região para caçar "paca, tatu, macaco" e "tinha muita caça". O povoado tinha algumas casas, junto do bairro de Beberibe. O resto eram sítios e matas inabitadas. Foi a partir de 1933 que começou a crescer o povoado, (10) não se sabendo a causa desse crescimento. Da metade do bairro do lado esquerdo para o final, o que corresponde à parte noroeste do bairro, só em 1949, com o sr. Israel Brás, é que o bairro começou a ser habitado: ele arrendou um terreno à D. Júlia de Melo, proprietária do Sítio Protetor, e abriu a rua, a que deu o nome de 15 de Outubro, por ser este o dia em que a abriu na mata. Esta rua é a primeira desta região, depois veio a rua 12 de Dezembro e outras que foram tomando, como suas antecedentes, o nome das datas em que eram abertas na mata. A rua 6 de Janeiro tomou este nome de uns 20 anos pra cá. Antes era conhecida por Rua da Lama, uma das primeiras do bairro, existente desde antes de 1949, quando D. Silvina Vieira fixou residência. (11) Depois, alguns moradores foram dando nome às ruas conforme a qualidade das fruteiras que lá existiam: Rua do Coqueiro, Jaqueira, Macaíba, entre outras. Atualmente a Prefeitura de Olinda tem colocado nas ruas nomes de ex-moradores ou pessoas falecidas que trouxeram algum benefício para o bairro: Rua Néilson Paes Barreto, antiga Rua Nova Olinda (inicialmente Rua da Lama), mas a população desconhece o novo nome, persistindo o nome antigo.

Os "historiadores" entrevistados (12) dizem que o bairro é muito grande, estendendo-se até o limite de Paulista. No entanto, por informação oficial da FIDEM e da Prefeitura de Olinda (13), o bairro está dividido em duas unidades residenciais: a UER 1080 e a UER 1085 onde estão os loteamentos Jardim Águas Claras, Jardim Conquista, Jardim Santa Elisa, Sítio Protetor, Jardim Boa Vista (14) que foram desmembrados dos antigos sítios existentes no local. Existem também 4 assentamentos sub-normais, mais conhecidos por favelas, que surgiram recentemente (15).

Águas Compridas é um bairro pobre, de camada de baixa renda (16): sua população é formada por trabalhadores que ganham de 1 a 3 salários mínimos em média. É composta de marceneiros, vigias, motoristas, ambulantes, operários da construção civil, estivadores do Porto, operários de indústria, funcionários públicos, empregadas domésticas, costureiras, cabeleireiras. Essa força de trabalho em grande parte está ligada ao setor informal, como nos mostra Cavalcanti (1983:30-35). Não existe sequer uma indústria de porte médio ou grande, o comércio é de pequeno porte e acima de tudo de caráter familiar. A população trabalhadora, tanto os homens como as mulheres, em sua maioria, se desloca para outros bairros ou mesmo para os centros urbanos de Recife e

Oilinda para desempenharem o seu trabalho. O bairro é considerado por órgãos oficiais, como a Fidem e a Prefeitura de Oilinda, um "bairro dormitório", semelhante a outros existentes na cidade de Oilinda.

Águas Compridas é um bairro que possui diversas Igrejas. Na via principal, que leva o nome do bairro, existe a matriz da Assembléia de Deus, igreja principal que coordena diversas outras menores que se espalham por outros bairros e localidades próximas como: Alto da Conquista, Alto de Nova Oilinda, Alto da Bondade, Córrego do Abacaxi, para citar alguns. Ainda na via principal existe a Igreja Presbiteriana, que coordena o Clube das Mães do bairro e a Igreja Batista. Na Rua 12 de Dezembro, situa-se a Matriz de Águas Compridas da Igreja Católica; na Rua 6 de Janeiro, situa-se a Igreja Adventista. Outras igrejas se fazem presentes ainda, como: a Pentecostal, a Casa da Bênção, diversos Centros Espíritas, bem como uma boa quantidade de Terreiros de Xangô (Brandão 1987; Mendonça 1975).

O bairro possui várias escolas, que abarcam do pré-escolar ao 1. grau, algumas pertencentes à Prefeitura de Oilinda, outras ao Governo do Estado e algumas particulares, em convênio com a Prefeitura. Nos bairros próximos como Sapucaia, Caixa D'Água, Beberibe, existem

multas escolas, umas com o 2. grau, para onde os alunos de Águas Compridas se deslocam para continuarem seus estudos. Não existe, no entanto, nenhuma escola técnica ou profissional que prepare os jovens para um trabalho especializado. Praças públicas ou logradouros inexistem no bairro, os encontros e conversas se realizam nas ruas ou dentro das residências, inexistem Centros Sociais onde as jovens possam se encontrar ou praticar qualquer esporte. Os rapazes ainda lançam mão de um pequeno campo de futebol que se localiza no Alto da Bondade, pertencente ao Colégio dos Padres. Só a Estrada principal é servida por ônibus, as pessoas têm que se locomover de suas casas para as paradas de ônibus na Estrada de Águas Compridas.

Segundo o sr. Israel Brás, já em 1947, existia luz na Estrada, mas "era lá no comezinho, perto de Beberibe", "não ia para as ruas, não". Aos poucos é que foi sendo instalada luz no bairro. Hoje praticamente todas as ruas possuem energia elétrica. A pavimentação da Estrada também se fez demoradamente, para só em 1962 ficar pronta. Quanto à água encanada, quase toda tubulação foi instalada por volta de 1970, mas água mesmo só muito depois é que chegou às torneiras dos habitantes deste bairro, pois não tinha força para subir para os morros. Só quando a COHAB comprou os terrenos e fez instalações d'água em cima dos morros é que a água desceu para as casas. Isto só aconteceu em 1985.

Existem, ainda, no bairro, quatro favelas (áreas que foram invadidas por pessoas provenientes de outros lugares) recentes, que deverão ser incorporadas ao bairro, segundo informações da Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Olinda. No entanto, a minha pesquisa não se refere a jovens faveladas: logo, este campo não foi visitado, porque, além disso, são áreas recentes - o que também as afasta do objeto pretendido na pesquisa.

2.4 - AS RUAS 15, 12, 6

Como já foi dito antes, os nomes das ruas geralmente têm sua origem na referência ao dia em que foram abertas nas matas dos sítios antigos. Eram sítios repletos de árvores frutíferas e matas, que forneceram muita madeira para as construções das primeiras casas, bem como frutas para o regalo dos primeiros habitantes. Os "historiadores" (17) falam com muita saudade do início de sua morada no bairro: "era muito bom, era muito calmo, se podia plantar coisa e tinha fruta".

A Rua 15 de Outubro, segundo o sr. Israel Brás, foi aberta por ele na mata do Sítio Protetor que pertencia a D. Júlia de Melo. Ele arrendou um "pedaço de chão" e construiu sua casa de taipa (barro batido), com madeiras da mata e cobriu com palha de coqueiro. O dia 15 de outubro de 1949 foi o dia em que abriu a rua e escolheu este nome (15 de Outubro) em concordância com a proprietária do Sítio. Foram então surgindo algumas casas; poucas, no entanto.

"Em 1949, vim morar, no dia 15 de Outubro eu abri esta rua e junto com D. Júlia, demos o nome desta Rua 15 de Outubro. Eu fui o primeiro morador daqui, desta parte

de Águas Compridas [falando com muito orgulho]. Esta rua é a primeira rua desta parte de Águas Compridas, era o Sítio Protetor de D. Júlia. Depois foi aberta a Rua 12 de Dezembro e as outras ruas. Mas tudo isso aqui era mato [mata], só andava por aqui madeireiro, para retirar madeira, não tinha estrada, não: era caminho. Eu mesmo fiz minha casa, com madeira daqui do mato".

(Israel Brás)

A Rua 15 de Outubro hoje tem seu início na Rua 12 de Dezembro e termina na Rua Macaíba (18). Praticamente todos os terrenos da rua estão ocupados com residências em número de 75 aproximadamente, existindo apenas uns poucos que, desabilitados, servem de depósito para o lixo da rua. É uma rua íngreme, só existindo calçamento em metade dela. Nos dias de chuva correm águas, que formam sulcos profundos na rua e arrastam barro - o que provoca, às vezes, deslizamentos de barreiras, que atingem algumas casas. As casas de taipa (barro batido) são as mais atingidas, por isso seus moradores se esforçam em reconstruí-las com tijolos. (Ver anexos)

Alguns moradores conseguiram adquirir os terrenos de suas casas, pois antes eram arrendados; no entanto, uns ainda permanecem como arrendatários dos terrenos. Contudo, constroem suas casas, mesmo sabendo que podem futuramente ser despejados do terreno que não lhes pertence (19).

Há muitos anos, pelo menos uns 30 anos, conheço a Rua 15 de Outubro e o bairro. Lá mora o sr. João Braga e alguns membros de sua família (20) que conheço particularmente. Vou com certa frequência à sua casa. Quando comecei a pesquisa, andei por toda a rua, conhecendo seus moradores, conversando, ouvindo o que tinham para me dizer, observando tudo que poderia ser útil à pesquisa.

Seus moradores são antigos, morando já há muitos anos; poucos são os que estão há menos de 10 anos, todos se conhecem, conversam, ajudam-se mutuamente nas horas de dificuldades, como em casos de doenças, desabamentos de casas ou outras situações em que se faz necessária a solidariedade. Em entrevista o sr. Israel Brás afirmou que todos os moradores "são gente de bem", trabalham ou estão aposentados e não existem criminosos ou ladrões, estes vêm de "fora" para tirar a tranquilidade das famílias da rua.

Na Rua 15 de Outubro, existem duas pequenas mercearias (21) e um boteco (22), todas pertencentes a pessoas aposentadas que desenvolvem um ganho extra, para complementarem seus parcos vencimentos. Ainda existem costureiras e algumas pessoas ligadas à confecção de bolos e salgados, mas tudo muito doméstico. As mercearias, o boteco, as costureiras e as boleiras têm seu empreendimento na parte frontal de suas casas e utilizam o restante delas para suas moradias.

A Rua 12 de Dezembro tem seu início na Estrada de Águas Compridas e termina numa travessa projetada, ainda sem nome (23). É pavimentada em toda sua extensão. Logo no início da rua existe uma padaria (pequena), uma oficina para automóveis, um armarinho (24), duas mercearias e a Igreja Católica. As residências em sua maioria são encontradas a partir desse segmento comercial e perfazem um total aproximado de 65 residências. Ela é uma via secundária, mas com bastante movimento de transeuntes e automóveis, pois leva a diversas outras ruas, como a Rua 15 de Outubro, Rua 27 de Março, Rua 18 de Fevereiro, Rua Proa, Rua General Sampalo, Rua Macaíba e outras ruas menores e travessas.

É uma rua menos íngreme do que a Rua 15 de Outubro e, por ser toda pavimentada e com meio fio, possui

calçadas na frente das residências, o que a torna algumas vezes um lugar de encontros entre as jovens e as mulheres. À tarde vemos mulheres sentadas em cadeiras nas calçadas, conversando. Os homens geralmente se encontram para conversar na oficina de carros ou nas mercearias, entre um gole ou outro de cerveja ou cachaça.

Como via de acesso, a Rua 15 de Outubro é mais antiga do que a Rua 12 de Dezembro, nome que foi dado pela proprietária do Sítio. Antes de existir a Rua 12 de Dezembro, existiam dois casebres de palha que davam abrigo a madeiros que se embrenhavam nas matas para retirarem madeira. Como afirmam os "historiadores" citados anteriormente, existiam muitos "caminhos" que os madeiros faziam, que ora se transformaram ora não, em ruas.

A Rua 6 de Janeiro atualmente se inicia na Rua Néilson Paes Barreto e termina na Rua Castro Alves (25).

"Foi quando fizeram essas casas tudinho que Ubiratan de Castro candidatou, aí ele disse que essa rua aqui ela ia ser Rua 6 de Janeiro, até lá no terminal que isso aqui tudo a gente chamava Rua da Lama, aí não é mais; agora Rua da Lama é outro nome

que eu não sei; mas aqui ele disse que era Rua 6 de Janeiro".

(Silvina Vieira da Silva)

Antes toda a extensão desde a Estrada de Águas Compridas (compreendendo as Ruas Néilson Paes Barreto, parte da Rua Nova Olinda e a Rua 6 de Janeiro) se chamava Rua da Lama. A "historiadora" D. Silvina Vieira da Silva afirma que, ao ir morar na Rua, só existiam "casas de palha" (casa de talpa com telhado de palha de coqueiro) e eram poucas. Isto aconteceu em Janeiro de 1949: hoje, essa rua possui 90 residências, aproximadamente.

"Era tudo casa de capim, não tinha casa de telha, era tudo capim, era uma casinha aqui, outra ali, outra acolá, depois o povo foram chegando, chegando, chegando, fazendo; agora do outro lado também era a mesma coisa, era pouca casa, daqui até Beberibe a gente contava as casas que tinha.

(Silvina Vieira da Silva)

Da mesma forma, o sr. Manoel Lira também foi residir na Rua 6 de Janeiro (Rua da Lama) em 1949, e afirmou que existiam pouquíssimas casas e eram todas de

taipa (barro batido). Afirmaram ainda estes dois "historiadores" que no Sítio Protetor não havia casa alguma, sendo o sr. Israel Brás seu primeiro residente, a partir do fim do ano de 1949.

Esta Rua, diferentemente das outras duas ruas já referidas, pertencia a outro Sítio - o Sapucala - e se localiza no lado direito da Estrada de Águas Compridas, a nordeste do bairro. Não possui nenhum tipo de calçamento, sendo larga em uns trechos e estreita em outros; ora é sinuosa, ora é reta. Um lado da rua é alto (barranco), onde as casas ficam fincadas e o acesso a elas se faz por escadarias abertas no barranco; o outro lado da rua é plano, mas é alagadiço, pois se limita com o Riacho Águas Compridas. Como a Rua 15 de Outubro, na época de chuvas, também sofre muitas quedas de barreiras, o que transtorna em muito a vida de seus moradores. Existem na rua ainda muitos terrenos vazios, uns por serem alagados demais por influência do riacho Lava-Tripas, outros por serem altos demais - o que inviabiliza a construção. Uns três botecos se fazem presentes para a alegria do bebedores, mas a rua só possui uma mercearia em sua longa extensão. Das três ruas estudadas, a 6 de Janeiro é de maior extensão.

As três ruas pesquisadas têm características semelhantes quanto ao seu aspecto sócio-econômico e

ambiental. Seus moradores, em sua maioria, são trabalhadores e pouco vêem-se homens ou mulheres perambulando pelas ruas. Geralmente as crianças é que são vistas brincando nas ruas e poucas jovens se fazem notar, deslocando-se por elas. Mais frequentemente vêem-se rapazes conversando ou jogando bola na via pública. Nas ruas alvo da pesquisa, não se encontram favelas ou barracos que caracterizam um estado de miséria. A pobreza existente é considerada pelos moradores uma situação comum no bairro e, apesar dela, consideram-se pessoas "dignas e educadas", que trabalham e lutam para criar uma família, organizada, na concepção deles. A compreensão de que os moradores do bairro são pessoas "sérias e trabalhadoras" se faz presente no discurso dos "historiadores", bem como nos das jovens e suas mães. Por isso, as mães educam suas filhas dentro de casa, aprendendo a ser "mulher honesta, boa dona-de-casa e boa mãe".

2.5 - AS ENTREVISTAS

As entrevistas foram todas realizadas por mim, bem como as conversas com as mães. Utilizei o trabalho de dois informantes:

a) "A. M." é uma jovem de 20 anos, que se considera adulta, cursa o segundo ano do segundo grau e deseja se formar em secretariado. Nasceu e cresceu no bairro, conhece e se relaciona com todos.

b) "C", um adolescente de 14 anos, cursa a 2a. série do 1. grau de um colégio do bairro. Como sua irmã, "A. M.", nasceu e cresceu no bairro, onde transita com facilidade, conhecendo "os bons e os maus" (sic).

Os meus informantes é que sugeriram a escolha das ruas, por serem das mais antigas e por possuírem muitas jovens adolescentes. Procurei no primeiro momento entrevistar pessoas do bairro que me informassem sobre a "história local" e sobre as ruas sugeridas pelos meus dois informantes (26). Então não seriam mais 24 entrevistas como havia proposto no Projeto de Pesquisa, mas quantas jovens de 13 a 17 anos existissem nas Rua 15 de Outubro, 12 de Dezembro e 6 de Janeiro. Entrevistei ao todo 45 jovens e 4 mães.

Ao apresentar-me, explicava que estava fazendo uma pesquisa sobre as jovens de Águas Compridas com o intuito de escrever um livro sobre o que pensam, como se comportam, como vêem a vida, os relacionamentos, como sentem a idade que elas estão vivendo. Tanto as mães como as jovens se mostraram receptivas à situação. Tive dois casos de recusa de entrevistas pelas jovens, na Rua 12 de Dezembro e 1 caso de impossibilidade de entrevista por estar a jovem trabalhando como empregada doméstica, sem previsão de folga, na Rua 6 de Janeiro. Explicava às jovens qual o objetivo das entrevistas e lhes dizia que gostaria de conversar a sós com elas, no sentido de facilitar a "conversa" que teríamos. Geralmente ficávamos na sala e as outras pessoas que porventura estivessem presentes se retiravam. No entanto, não faltavam as crianças que vez por outra apareciam para ver como se desenvolvia a entrevista.

Como o tipo de investigação que desejava era para que falassem sobre suas vivências adolescentes, concebi uma entrevista semi-estruturada, que lhes permitisse falar sobre o que se perguntava, sem, contudo, a entrevista se constituir de um questionário tipo pergunta-resposta. Utilizei este tipo de entrevista a fim de obter facilitação no discurso que pretendia fiel à vivência das jovens. Ouvei lamentos sobre a dificuldade de relacionamento com os pais, amigos, como também ouvi

relatos pitorescos sobre o bairro, sobre amigos, sobre a vida de um modo geral.

Para LANGNESS (1973:65), "Entrevista significa, essencialmente, a coleta de dados através de perguntas diretas e indiretas. É um processo indireto de observação". Considera ainda que esta entrevista deveria ser combinada com observação direta da situação pesquisada. Assim, ao começar em abril de 1987 as visitas sistemáticas ao bairro, iniciei um diário de campo, onde anotava o que observava, o que ouvia, o que sentia. Procurei andar pelo bairro todo, observando suas ruas, casa, habitantes. Alguns mostravam-se curiosos pois portava um mapa do bairro (fornecido pela Prefeitura de Olinda), perguntavam-me se era da COHAB ou do governo. Foi andando pelo bairro e observando o seu dia-a-dia que fui aprendendo como vivem seus habitantes, como vivem suas jovens. Fui tomando ciência de como as jovens vivem dentro de suas casas (nas ruas quase só vemos rapazes ou então crianças brincando). As jovens estão ocupadas nos "afazeres domésticos". Em casos raros, vimos duas ou três conversando no muro entre uma casa e outra.

2.6 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

O roteiro das entrevistas, a partir da modificação do Projeto de Pesquisa, foi estruturado no sentido de enfatizar as questões relativas à própria adolescência das jovens e de tentar detectar os possíveis rituais existentes nessa comunidade de jovens. Segui, então, este modelo:

I - IDENTIFICAÇÃO:

Nome, idade e data do nascimento, onde reside e há quanto tempo, nome dos pais e idades, educação religiosa, colégio em que estuda e o ano, profissão dos pais, quantidade de irmãos e idades e estruturação familiar.

O objetivo desta identificação é verificar como se coloca a jovem na família e quais os valores possíveis que foram transmitidos pelos pais.

II - DADOS PESSOAIS:

O surgimento da menarca como foi percebido, qual a importância de tal acontecimento, quem a informou previamente e como lhe explicaram as modificações físicas em seu corpo, se houve mudanças ou transformações em seu

comportamento, o que mudou em si. Namoro, intimidades, virgindade, noivado e o significado dessas situações. Em que idade se percebem, como se percebem e como percebem as outras jovens.

Neste item, procuro verificar como se processa a puberdade, que modificações podem trazer para as jovens, como elas se comportam frente a essas situações da vida e o que determina a idade em que vivem. Também como se relacionam afetiva e sexualmente, frente à idade que possuem. O que existe em comum e como se diferenciam uma das outras. A existência ou não da adolescência e Juventude.

III - ATIVIDADES SOCIAIS:

Divertimentos prediletos. Suas preferências por festas de calendário ou "festa do ano", como Carnaval, São João, Natal, Ano Novo. A existência de festa de 15 anos e qual o seu significado. A existência de grupos de jovens organizados ou mera reunião de jovens. Procuro aqui verificar as relações sociais existentes entre grupos da mesma faixa etária e com a comunidade. Seus desejos frente à vida social e os impedimentos relacionados com o sócio-econômico.

IV - ATIVIDADES PROFISSIONAIS E ASPIRAÇÕES:

Trabalhos que estejam realizando ou que já realizaram dentro e fora de casa, o que pretendem fazer quando terminarem o curso que estão estudando e quais os projetos de trabalho para a vida futura.

Neste item, procuro verificar as relações de trabalho, obrigações, responsabilidades e filosofia de vida e o significado deles para a vida em que se encontram e como projetam sua vida futura.

V - PERCEPÇÃO DO BAIRRO:

Como percebem o bairro, o que há de bom e ruim, o que poderiam fazer para melhorá-lo, o que precisa ser modificado no bairro.

Aqui, pretendo verificar a inter-relação com a comunidade e qual o papel da juventude na comunidade.

VI - O COTIDIANO DAS JOVENS:

Descrição do que realizam durante o dia todo. Com que idade começam a ter responsabilidades com os trabalhos domésticos, qual a razão dessa obrigação, quem ensina os trabalhos domésticos, e como são ensinados.

Neste item, pretendo verificar para que servem esses aprendizados, como percebem o cotidiano e o que existe em comum entre as jovens.

VII - CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA:

O que gostariam de falar que não foi perguntado, o que gostariam de perguntar à entrevistadora.

Este item é uma tentativa de complementarem em algo que a entrevista não abordou e que sentem necessário. É um espaço para falarem livremente sobre o que vivem no momento da entrevista.

Vale salientar que várias adolescentes solicitaram orientação sobre seus problemas, ora fazendo perguntas sobre seu desenvolvimento, ora narrando dificuldades da sua vida em momentos em que precisavam ser ouvidas e orientadas.

2.7 - ANÁLISE DOS DADOS

Os depoimentos das jovens nas entrevistas são o dado básico para as análises e, aparentemente, elas se mostraram bastante descontraídas, falando sobre suas vidas, revelando intimidades, com um discurso rico de informações sobre a adolescência vivida, bem como sobre a juventude do bairro.

Tomel posicionamento semelhante a QUEIROZ (1983:88), quanto à análise dos dados, quando ela diz:

Por análise, no sentido operacional do termo, entende-se o recorte de uma totalidade nas partes que a formam, que são, então, apreendidas na sequência apresentada em sua naturalidade para, num segundo momento, serem restabelecidos numa coordenação".

Através das análises das entrevistas fui levada a decompor por temas o roteiro das entrevistas, pinçando os dados relativos ao que foi proposto na pesquisa e indicando para uma análise posterior assuntos que se mostraram também relevantes. Decompus cada entrevista nos

temas acima propostos, compondo um quadro que orientasse cada tema acerca dos depoimentos dados por cada jovem e realizei, assim, a análise de tema por tema. Então pude analisar facilmente em que são semelhantes ou diferentes os diversos depoimentos das jovens entrevistadas.

Foi possível verificar a relação entre o discurso das jovens e o seu dia-a-dia, a compreensão delas em relação às normas existentes no discurso dos moradores do bairro, a percepção das jovens sobre o bairro e a relação com o seu cotidiano, as aspirações das mães em relação às suas próprias aspirações e a percepção da ritualização dos afazeres domésticos como função feminina. A partir das entrevistas, foram montadas tabelas estatísticas que vieram fornecer à análise qualitativa um reforço baseado na quantificação das respostas, que é exposto no capítulo IV. Desejo, no entanto, ressaltar que a presente pesquisa tem na análise qualitativa a base principal para suas conclusões.

NOTAS

- (1) Adotei a conceituação cronológica de juventude, adotada pela O. M. S. - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Esta conceituação será analisada no III capítulo.
- (2) Ver explicação e esquema no III capítulo, onde aprofundo o tema "adolescência e juventude."
- (3) Sítio Protetor, pertencia a Bernardino e Júlia de Melo. Todo o sítio fica na atual Águas Compridas. Hoje os poucos terrenos que sobram deste sítio pertencem aos herdeiros.
- (4) Sítio Sapucaia, pertencia a Dr. Teódulo Valença. Metade do sítio fica em Águas Compridas, a outra metade fica no bairro de Sapucaia. Existem ainda muitos terrenos que pertencem aos herdeiros.
- (5) Sítio Santa Elisa, pertencia a Luciano de Azevedo Soares, mais conhecido por Sr. Nozinho. Todo o sítio fica em Águas Compridas; os terrenos e casas que não foram vendidos pertencem ainda aos herdeiros.

- (6) Existem ainda diversas casas de taipa (barro batido), nas invasões e favelas espalhadas pelo bairro.
- (7) Foram entrevistados os senhores Israel Brás Pereira, Paulo Simão de Freitas, Manoel Lira, a senhora Silvina Vieira da Silva e o Vereador Antônio Pascoal. Todos são antigos moradores do bairro e se propuseram a falar um pouco sobre o que conheciam desta região. Denominei-os de "historiadores" do bairro, nesse trabalho.
- (8) Entrevista do Sr. Israel Brás e Manoel Lira
- (9) Entrevistado, primeiro morador da Rua 15 de Outubro
- (10) Informação oral, obtida no Departamento de Sítios Históricos da Prefeitura de Olinda, como em entrevistas com Sr. Israel Brás.
- (11) D. Silvina Vieira da Silva é a moradora mais antiga, viva, da Rua 6 de Janeiro. Foi morar lá em Janeiro de 1949. A Rua anteriormente se chamava Rua da Lama; hoje está subdividida em duas partes: uma se chama Rua Néilson Paes Barreto e a outra, Rua 6 de Janeiro.

- (12) Afirmaram os moradores Israel Brás, Paulo de Freitas e o Vereador Antônio Pascoal.
- (13) FIDEM - Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife - Documento sobre o Censo de 1980 e Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Olinda Olinda - Caracterização das Áreas do município de Olinda
- (14) Planta do Bairro, oferecida pela URB-OLINDA - Prefeitura de Olinda, em anexo, no final do trabalho.
- (15) Documento sobre Caracterização das Áreas Carentes do Município de Olinda e informações da Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Olinda.
- (16) Documento da FIDEM - Dados sobre o Censo de 1980.
- (17) Sr. Israel Brás, Sr. Paulo Freitas, Sr. Manoel Lira, Sra. Silvina Vieira da Silva e o Vereador Antônio Pascoal.

- (18) Conforme Planta fornecida pela URB-Olinda.
- (19) Durante as visitas que fiz ao Bairro, ouvi diversas histórias sobre a possibilidade de os arrendatários serem despejados dos terrenos em que construíram suas casas. Há 4 anos a COHAB adquiriu os terrenos arrendados aos antigos proprietários dos Sítios, mas não regularizou ainda com os moradores a situação de seus terrenos.
- (20) O senhor João Braga é pai de duas empregadas domésticas que trabalham em minha casa há 33 anos, tendo sido vigia na construção civil por muitos anos. Hoje é aposentado.
- (21) "Mercearias" são pequenas lojas que vendem alimentos de primeira necessidade, tipo: arroz, feijão, fubá, xerém, café, açúcar.
- (22) "Boteco" é ainda menor que a mercearia, vendendo prioritariamente aguardente (cachaça), cerveja, sardinha em lata, bombom (balas) e goma de mascar.
- (23) Conforme Planta fornecida pela URB-Olinda.

- (24) Armarinho: pequena loja que vende prioritariamente aviamentos para confecção de roupas.
- (25) Conforme Planta fornecida pela URB-Olinda.
- (26) Foram realizadas as entrevistas já citadas anteriormente, como: Sr. Israel Brás, Sr. Paulo Freitas, Sr. Manoel Lira, Vereador Antônio Pascoal e Sra. Silvina Vieira da Silva - que corroboraram as opiniões de meus informantes.

III - Capítulo
JUVENTUDE E RITUAIS:
Abordagem Teórica

3.1. - JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA

A juventude e a adolescência são vistas como uma fase difícil na vida do homem pelos estudiosos do assunto nos diversos ramos da ciência. Difícil, por ser um fase considerada de transição na qual o indivíduo não tem lugar definido na cultura. Difícil ainda, pois, estando nessa fase transitória, ora ele depende emocional e socialmente dos pais, ora ele é impelido para uma busca de independência, ocorrendo, assim, inúmeros problemas de ordem emocional e social. Difícil também, por se encontrar o indivíduo numa fase de vida na qual os seus

valores infantis são questionados por si mesmo e pela cultura em que vive, sem contudo saber quais são os novos valores que deverá adotar. Difícil, finalmente, por ser sempre impellido, por esta cultura em que vive, a se definir no mundo adulto, tomando um posicionamento maduro frente a aspectos por vezes não conhecidos.

Falar de juventude e adolescência é tentar realizar a proeza de entender o que vivem os jovens: verificar como se processam as mudanças internas e externas, porque existem transformações pessoais e sociais: e transmitir, de uma forma clara os resultados obtidos, quando eles mesmos, os jovens, não sabem o que se processa neles.

Este capítulo inicia por uma apreciação geral, em torno de como alguns ramos da ciência reconhecem a adolescência e a juventude e pela justificativa do uso da terminologia específica. Apresenta-se também como um estudo antropológico-psicanalítico sobre a existência da adolescência em populações pobres ou, ainda como um estudo dos rituais de passagem vividos pela juventude e sua relação com o cotidiano.

No "grupo arcaico", a juventude espelha-se na maturidade dos velhos, busca seus conselhos, obedece às suas ordens. A velhice conserva em seu poder a autoridade e a sabedoria: o jovem deve submeter-se a ritos que façam morrer em si a sua infância e nascer em si a virilidade (MORIN, 1984: 147, vol 1): é na maturidade que se exerce a plenitude da vida. Da mesma maneira, em sociedades indígenas, o Conselho dos Adultos (idade madura) é o tribunal que dá ordens e resolve o que os mais jovens devem seguir. a juventude é vista como algo passageiro, imaturo, sem poder de resolução e mando. Os jovens deveriam passar por períodos de preparação, de concentração, de reflexão, para poder galgar estágios dos adultos, como mostra MELATTI (1978: 87-72, 1980: 123-125). Deveriam passar por rituais de passagem que fizessem nascer a força, a determinação, a sabedoria dos adultos, que detinham o poder e a sabedoria. Os ritos de passagem eram por vezes penosos, demorados: eram aprendizados por que os jovens deveriam passar com destemor, preparando-se para uma vida futura, aguerrida e saudável.

As jovens deveriam passar também por ritos de iniciação que fornecessem os ensinamentos para uma vida futura plena, (TEVES, 1978:88): deveriam aprender a cozinhar, a tecer, a cuidar dos utensílios domésticos, (MEAD, 1978:207 e 268), bem como aprender a viver como o grupo doméstico do seu futuro marido (MEAD, 1979:97-104).

Era na vida adulta que se concentrava a plenitude da vida social; esta era vista como estável e duradoura. Aos jovens cabia o cumprimento de normas, que se mantinham imutáveis, inflexíveis, na organização familiar e na sociedade. Ao jovem cabia obedecer e criar força e virilidade, para o desempenho das suas funções de homem. A jovem deveria aprender as habilidades domésticas, obedecendo aos adultos. Com o passar dos tempos e o desenvolvimento das civilizações, como afirma MORIN (1984: 147-148, vol 1), a autoridade da idade madura foi sendo diminuída pela autoridade do homem jovem. Dirigentes mais jovens foram aparecendo no comando das nações, jovens empresários foram se afirmando no mundo dos negócios.

Na era moderna, houve um afrouxamento nos ritos de passagem à vida adulta: foi se reconhecendo aos poucos o valor dos mais jovens, daqueles que não eram ainda adultos. Deu-se início a uma fase de pedocratização, no dizer de MORIN (1). Os jovens começaram a ter mais importância na sociedade, seus movimentos sociais despertaram nos adultos inveja e insegurança; era a força jovem que derramava novas perspectivas sobre uma autoridade carcomida pela fragilidade dos dias modernos. A juventude conseguia se rebelar contra os mais velhos (seus pais). O adulto jovem era o fiel da balança e

estava no meio das duas forças - entre a maturidade, com o seu poder enfraquecido, e os Jovens com sua garra. Esses iniciavam tentativas de exercer um poder: o de comunicar sua insatisfação com as regras da sociedade. Já não obedeciam como antes, mas se rebelavam sob diversas formas: na música, na literatura, no cinema, no teatro, em todos os meios de comunicação que lhes era possível conseguir. Transparece, então, um novo ideal - o de ser jovem. Tudo o que é jovem é bom, bonito, forte e saudável. Os pais são vistos como "coroas", aqueles que estão caminhando para a velhice, para a fraqueza, para a morte.

A maturidade começa a copiar a juventude, seja nos seus modismos, seja na forma de se vestir. A juventude dourada dos anos 50 dita as ordens a todos os setores da nossa cultura e, dentro desta cultura tradicional, cria-se uma nova cultura de massa - a cultura adolescente (MORIN, 1984:158, vol 1). O novo modelo é não envelhecer. Conservar a jovialidade é obrigação de todos: viver a vida em toda sua intensidade e buscar a autorealização são regras da juventude que todos devem seguir. Para MORIN (1984:153, vol 1):

"A velhice está desvalorizada. A idade adulta se rejuvenece. A juventude, por seu lado, não é mais, propriamente falando, a

Juventude: é a adolescência. A adolescência surge enquanto classe de idade na civilização do século XX."

Da mesma forma, ARIÈS (1978:48) enfatiza este conceito de MORIN quando diz:

"Tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época correspondia uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a 'juventude' é a idade privilegiada no século XVII, a 'infância', do século XIX e a 'adolescência', do século XX. (2)

A adolescência como uma "idade" vai sendo reconhecida pelo mundo científico do século XX, tendo que reconhecer que ainda no século passado, mais precisamente em 1866, no "Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores", KARL MARX apresentou uma conferência sobre "Trabalho, Juventude e Educação Politécnica" em cujo conteúdo está expressa uma divisão cronológica: 9 a 12 anos, idade infantil, 13 a 17 anos, adolescência (grifo nosso), sendo esta subdividida em dois períodos: 13 a 15 anos e 16 a 17 anos (MARX, 1968:16).

Ainda no final do século passado Stanley Hall desenvolve uma pesquisa com adolescentes e a publica com o nome de "A adolescência" (3). GALLATIN (1978:26), falando sobre Hall, diz:

"...com sua visão de catalogar e sua tendência empírica, foi quem primeiro delimitou as dimensões básicas da experiência adolescente [...] foi o primeiro psicólogo a caracterizar adolescência como um período de tempestade e tormenta."

De maneira semelhante, se expressa MUSS (1976:23):

"Hall percebeu a vida emocional dos adolescentes como oscilação entre tendências contraditórias. Energia, exaltação e superatividade são seguidas por indiferença, letargia, desprezo. Uma alegria exuberante, gargalhadas e euforia cedem lugar à disforia, depressão e melancolia. O egoísmo, a vaidade e presunção são tão característicos deste período como o abatimento, humilhação e timidez."

A terminologia "adolescência", neste século, começa a ser usada em grande escala, apesar de mais usada pelos psicólogos, paralelamente à palavra "juventude": as duas palavras começaram a aparecer conjuntamente nos trabalhos científicos, significando praticamente a mesma coisa: "juventude", "adolescência", como também "mocidade"; "moça", "adolescente" e "jovem" adquiriram o mesmo significado.

Nos dicionários usuais da língua portuguesa, como "CALDAS AULETE" (1958) e "AURÉLIO" (1975), estas palavras têm o mesmo significado e são usadas como sinônimos. No entanto, vemos que o psicanalista ERIK ERIKSON (1976), de uma maneira geral, fala de "jovem", "juventude" e quase nunca utiliza as palavras "adolescente" e "adolescência".

A juventude é uma faixa de idade vivida pelo homem, como é a infância, a adultícia, a velhice. Apresenta-se, no entanto, como uma fase repleta de dificuldades e angústias, ocasionadas também por uma ausência de regras sociais mais definidas sobre direitos e deveres. Muitos são os autores (4) que tratam esta faixa de idade como difícil, como intermediária entre a infância e a adultícia, mas sempre a revelam como de máxima importância para a vida do homem. É iniciada com o

surgimento da puberdade e termina muitas vezes sem ter algo que marque a entrada na vida adulta (5). A puberdade seria, então, a fase inicial da juventude, que se caracteriza, acima de tudo, pelas transformações físicas (6) (surgimento de pêlos, selos e da menarca nas jovens e surgimento de pêlos, engrossamento da voz, aumento dos testículos e do pênis, aparecimento de ejaculação nos jovens). Nas jovens essas transformações físicas podem ocorrer em idades ainda consideradas infantis (entre 9 e 10 anos), mas é com 11, 12 e 13 anos que elas são encontradas em sua maioria. Podemos, no entanto, encontrar jovens que aos 14 anos e 15 anos permanecem sem grandes modificações físicas.

É com o surgimento da puberdade, que se iniciam também as transformações psicológicas e mentais. PIAGET E INHELDER (1968: 119-128) revelam que a partir dos 11, 12 anos os jovens desenvolvem o raciocínio abstrato e, neles, são formadas capacidades de teorizar, dando origem às criações, às fantasias juvenis, ao fantasiar, ao devanear, à criação de imagens simbólicas, a viver emoções especiais e fantásticas. Esse raciocínio abstrato, como afirmam estes autores, vai dar possibilidade de os jovens vivenciarem experiências nunca antes experimentadas, pois elas se realizam no plano mental, desenvolvendo habilidades de pensamento que darão origem a muitos

comportamentos que serão vivenciados concretamente no seu dia-a-dia.

O buscar a explicação das suas mudanças físicas dentro de si faz com que o adolescente se defronte com a insegurança do nada saber sobre si, sobre a vida, sobre as transformações físicas e ele começa a perceber a incapacidade, na maioria das vezes, das pessoas que o cercam em responder suas perguntas, suas indagações. Cada vez mais sua insegurança vai aumentando, formando um círculo vicioso, onde ele se perde, não sabendo a origem de sua primeira insegurança e, perdido, não sabe explicar para si o que sente e o que vive.

Surgem os comentários acerca das suas mudanças: é a mãe que começa a achar o comportamento estranho, recolhido, diferente do que era antes, mais agressivo, mais triste. A jovem adolescente começa a viver um sem número de situações indecifráveis. Conjuntamente, as mudanças físicas traem sua percepção de si, as roupas não lhe cabem mais, a blusa fica muito apertada na altura dos seios, trazendo a transparência das formas arredondadas e o bico pontiagudo. Pensa a jovem: "como vou disfarçar isto para os outros não verem o meu corpo mudando?" As colegas transmitem suas experiências em conversas por vezes fantásticas acerca de como se "viraram" nestas situações.

As transformações mentais e físicas vão possibilitar que mudanças psicológicas surjam de uma forma mais transparente. Os conflitos ficam evidentes, as indagações sobre si, sobre a família, sobre o seu grupo, sobre as diferentes formas de vida e de sobrevivência aparecem como reais, tomam uma coloração mais intensa e mais angustiante. O jovem púbere começa a vivenciar uma nova fase, repleta de emoções, sensações e vivências sociais nunca antes experimentadas, a qual denominamos "adolescência."

Vale salientar nesta oportunidade que trabalhos realizados por MEAD (1978), com adolescentes da ilha de Samoa, mostram que a adolescência é vivida sem crises por suas jovens, contrapondo-se, assim, às colocações em que a adolescência sempre é vivida com angústia e conflitos. Tratarei mais pormenorizadamente da colocação de MEAD, posteriormente.

A adolescência e a juventude são estudadas por diversos ramos da ciência. Uma apreciação sobre alguns desses se faz necessária para uma maior compreensão desta fase da vida do homem.

3.1.1. - A JUVENTUDE NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

O sentido de apresentação da legislação é fazer uma reflexão sobre a existência da adolescência como fase da vida do homem, reconhecida pelo Direito. A legislação específica que trata da normatização da adolescência e juventude tem como objetivo a defesa do "menor" frente aos seus direitos como cidadão. O "menor", denominação pelo qual é conhecido todo indivíduo com menos de 21 anos, possui legislação própria que trata da matéria, e atinge a adolescência aqui estudada.

O Código Civil dispõe:

Art. 9. - Aos 21 anos completos acaba a menoridade, ficando habilitado o indivíduo para todos os atos da vida civil.

1. - Cessar, para os menores, a incapacidade:

I - Por concessão do pai, ou se for morto, da Mãe e por sentença do Juiz, ouvido o tutor, se o menor tiver 18 anos cumpridos.

II - Pelo casamento

III - Pelo exercício de emprego público

IV - Pela colação de grau científico em curso de ensino superior

V - Pelo estabelecimento civil ou comercial, com economia própria

2. - Para o efeito do alistamento e do sortelo militar cessará a incapacidade do menor que houver completado 18 anos de idade.

A legislação brasileira dispõe ainda de outros recursos jurídicos que tratam da matéria, como o "Código de Menores" e decretos complementares. No entanto todos falam de menores, não especificando o que é fase infantil, adolescente ou juventude. O Código de Menores dispõe:

Art. 1. - Este código dispõe sobre assistência, proteção e vigilância a menores:

I - Até 18 anos de idade, que se encontrem em situação regular;

II - Entre 18 e 21 anos, nos casos expressos em lei.

Parágrafo Único - As medidas de caráter preventivo aplicam-se a todo menor de 18 anos, independente da sua situação.

Mas como para toda regra existe uma exceção, o Decreto 58.740 de 28/06/1966 contempla a diferenciação entre infância e adolescência. Este Decreto aprova as "Normas Técnicas Especiais do Código Nacional de Saúde para a Assistência e Proteção à Maternidade, à Infância e à Adolescência" (grifo nosso) (7).

A nossa legislação apresenta o jovem adolescente até completar 21 anos como menor, sujeito ao Jugo paterno ou ao Juiz de Menores e, só a partir desta idade, ele é considerado adulto com todos os direitos e deveres. No entanto, com 18 anos, o jovem do sexo masculino estará sujeito ao serviço militar. Foram acrescentados a este reconhecimento dos 18 anos (para ambos os sexos) o direito de votar (8), de obter carteira de habilitação de motorista, de estabelecer-se comercialmente.

A Legislação Trabalhista prevê ainda o trabalho de menores a partir dos 14 anos, podendo este requerer a carteira de habilitação profissional com horário de trabalho limitado e só aos 18 anos é que terá plena

habilitação trabalhista. Na Consolidação das Leis Trabalhistas (C.L.T.), o trabalho do Menor (14 a 18 anos) é protegido por normas que disciplinam a defesa da educação, da saúde, da socialização, visando o seu bem estar na sociedade. O trabalho adolescente é considerado como uma necessidade ao desenvolvimento da capacitação civil do indivíduo e reconhecido como um "estágio" à vida adulta.

A adolescência é vista pelo Direito como uma "fase" de vida em que é dada uma capacidade civil ao jovem de exercer funções reconhecidamente aprováveis, não só no trabalho, como no exercício do voto e do serviço militar. Esta fase é também considerada pelo Direito uma preparação ao pleno exercício da vida adulta.

3.1.2 - A VISÃO MÉDICA DA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Os estudos médicos revelam o quanto é difícil demarcar a idade em que começa a adolescência. Esta pode variar não só de cultura para cultura como também dentro da mesma cultura, podendo até mesmo variar de conformidade com a qualidade e quantidade de alimentação dada às crianças em seu período infantil. A dificuldade continua também na demarcação do final da adolescência e a entrada no mundo adulto. Os critérios podem variar de acordo com a organização biológica de cada indivíduo, ou mesmo de um grupo de indivíduos. SUAREZ OJEDA e outros (1985: 3-4) propõe uma subdivisão no estudo da adolescência e juventude, levando em consideração diversos critérios a se analisar:

Critério Cronológico:

Puberdade - de 10 a 15 anos

Juventude - de 15 a 25 anos

Critério Biológico:

Val dos 10 aos 20 anos, época das grandes transformações bio-psico-sociais, através das quais o adolescente busca a maturidade de personalidade, o sentido de identidade, a

capacidade de abstração e a adaptação ao meio familiar e comunitário.

Critério Sociológico:

Valoriza a Juventude, que se inicia aos 15 anos e vai até aos 25 anos. Este critério responde a fatores culturais e socio-econômicos, mais que de ordem biológica.

Quanto ao crescimento e desenvolvimento físico, TANNER, citado por DAMIANI E SETIAN (1979:21-39), propõe uma tabela média para avaliação da adolescência, levando em consideração a diferenciação entre os sexos, mostrando que o desenvolvimento das moças é iniciado antes do dos rapazes, com estágios diferentes. A adolescente tende a desenvolver-se fisicamente de uma maneira semelhante a sua mãe, acredita TANNER, e também o mesmo acontece com o jovem e seu pai. Logo, procurando-se investigar a adolescência dos pais, obter-se-á uma possível referência para a avaliação dos jovens.

Quanto à conceituação de adolescência e juventude, MARCONDES (1979:1-12) considera que a adolescência se inicia aos 10 anos, chegando até aos 25 anos e a subdivide em puberdade, período de 10 aos 15 anos, e juventude, de 15 aos 25 anos. Este valoriza os aspectos bio-psico-sociais, que acredita caracterizarem esta fase do desenvolvimento do homem.

Dentro da mesma orientação médica, mas sem valorizar o conceito "idade" e destacando a compreensão de fases, LEVISKY (1979:85-89) afirma:

"O processo adolescente marca a transição do estado infantil para o estado adulto. As características deste movimento evolutivo, sua expressividade e manifestação ao nível do comportamento e da adaptação social, são dependentes da cultura e da sociedade onde o processo se desenvolve [...] Apesar de o processo da adolescência depender de fatores extrínsecos e regionais, há aspectos que podem ser considerados universais por terem sido encontrados em diferentes sociedades, desde civilizações primitivas até as consideradas modernas e progressistas."

O que LEVISKY tenta mostrar é que, independente de qualquer situação, o processo adolescente existe: comportamentos tomados pelos jovens tendem a ser semelhantes, sob qualquer forma de sociedade. Acrescenta ainda LEVISKY, em seguida, que o significado social da reprodução, iniciado pela ejaculação e menarca, impele para uma definição sexual adulta. O tabu do incesto, por exemplo, faz com que o jovem procure fora da família um novo objeto de amor que o complemente e faz com que ele busque condições para assumir os caminhos de seu novo destino. Tudo isso se passa nesta etapa, que é a adolescência e juventude.

Para ADAMO (1937:37), a população jovem do Brasil se situa entre os 10 e os 24 anos. Afirma este autor em seu trabalho que o "problema da juventude não é a juventude, mas os fenômenos políticos, econômicos e sociais que a condicionam." Observa que, quantitativamente e qualitativamente, os adolescentes são parcela significativa da população e são muito vulneráveis do ponto de vista psicossocial, apesar de ser a "idade" onde a morbidade e a mortalidade alcança os menores índices por doenças infecciosas, neoplásicas, bem como as relativas ao sistema fisiológico.

ADAMO chama a atenção das autoridades governamentais para o problema da adolescência que têm repercussões sociais e são provocados por injunções de ordem política, econômica e social como: tentativa de aborto, doenças venéreas, tentativas de suicídio, gravidez em idade precoce, morte e invalidez por causas violentas, abuso de drogas, doenças mentais. O adolescente depende não só dos pais, mas também do governo que lhe dispensa pouca atenção, sendo, no entanto, o maior contingente populacional em nosso país.

Tanto MARCONDES como ADAMO citam os limites etários propostos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para a adolescência entre as idades de 10 a 25 anos e mostram a preocupação deste órgão com a população jovem, não só na execução de projetos de saúde como também na prevenção a doenças.

A visão médica, mesmo valorizando os aspectos biológicos do processo adolescente leva em consideração a existência da adolescência como "fase" da vida do homem. A medicina mostra também a adolescência como uma "fase", na qual o jovem busca a maturidade de personalidade e a adaptação ao meio familiar. O jovem busca ainda o sentido de sua própria identidade e a do seu grupo de referência.

O processo adolescente existe de uma maneira geral, o que pode mudar é a forma de sua expressão, quando se leva em consideração a cultura em que vivem os adolescentes.

3.1.3 - O PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO-PSICANALÍTICO

Em nenhuma fase da vida possui o homem tão forte necessidade de ser compreendido como na adolescência."

Assim inicia, em 1924, o seu livro "Psicologia da Juventude" EDUARD SPRANGER (1970:19). Sua preocupação maior na extensão de sua obra estava em compreender pelo que passa o adolescente e em entender seus mecanismos, suas descobertas, sua sexualidade, seu desenvolvimento psicossocial e a tomada de rumo para a vida adulta. Ao colocar a idade adolescente entre 13 a 22 anos, ressalta que a população estudada era a das grandes cidades da Alemanha do Norte, mas revela que esse critério de idade é de menor importância. Ressalta, contudo, os fenômenos vividos pelos adolescentes e jovens como algo que pode ser visto e reconhecido por outros povos, desde que se observe e estude a adolescência. O autor valoriza os movimentos da Juventude como algo comum entre os adolescentes de todos os tempos, como uma "nova cultura formal" (op. cit. p. 207), revelada a em cada movimento que surge. Essa "nova cultura formal" aparece também como fruto do antagonismo entre as gerações. A necessidade de emancipação da Juventude pode ser observada nos seus "movimentos" (ibidem), como uma busca de identidade social.

Para autores americanos como JERSILD(1977:19-20,33-35), PAPALIA e OLDS (1981:448-449), MUSSEN, CONGER E KAGAN(1977:449-451-464-465), a adolescência se inicia por volta dos 11, 12 anos estendendo-se até os 21, 22 anos. Mas consideram que a partir dos 18 anos o indivíduo entra na juventude, época em que terá direitos e deveres mais definidos, como: aquisição da habilitação para motorista, atendimento ao serviço militar (para os rapazes), habilitação para votar e, logicamente as reponsabilidades inerentes a essas aquisições. Acreditam também que, no mundo atual, essas aquisições façam parte dos "rituais de passagem" ao mundo adulto, bem como a entrada para a universidade e o assumir ao primeiro emprego. Vêem o adolescente vivendo em tempestade e tensão, numa época bastante difícil da sua vida. Ressaltam ainda as dificuldades que a sua cultura impõe ao adolescente, com suas exigências e normas.

Esses autores citam os trabalhos realizados por MARGARET MEAD, mas não ressaltam o questionamento cultural sobre as dificuldades dos adolescentes americanos como de valla para uma análise mais profunda sobre as regras da sociedade americana. Quanto ao problema cultural dos jovens, enfatizam que as dificuldades estão relacionadas aos grupos minoritários, como negros, mexicanos e portorriquenhos em se adaptarem às regras da sociedade

americana sem, contudo, analisarem estas regras para a adolescência em geral.

Acreditam ainda que os jovens pertencentes aos grupos minoritários são mais atingidos por problemas, devido a serem negros, mexicanos e portorriquenhos e à pobreza em que vivem do que os jovens brancos americanos.

Diferentemente desses autores, É HELEN BEE (1977:257-288) que, falando sobre a pobreza americana, chama a atenção para o fator "pobreza" e não o "raça" ou qualquer outro. Mostra que a pobreza americana é maior nos brancos do que nos não brancos (grupos minoritários), citando os resultados da Conferência da Casa Branca sobre a Infância e Adolescência, em 1970. Observa ainda essa autora (op. cit) que o problema central é a falta de atenção que deveria ser dada à "adolescência", independente da raça a que pertençam. Mostra que os jovens de camadas pobres têm seus problemas agravados pela má nutrição, pelo desamparo com a saúde, pelo desamparo social e pela falta de oportunidade na escola e no trabalho.

ERIK ERIKSON (1976:129) dentro de uma conceitualização psicanalítica defende a posição de que a

Juventude necessita de uma "moratória" para poder descobrir o caminho da vida adulta. Esta "moratória" seria exatamente a idade juvenil, onde os processos dinâmicos seriam reestruturados. Na juventude, o jovem encontra-se numa crise de identidade, numa insegurança de si - é a fase da pergunta chave: "quem sou."

O adolescente procura nos ídolos uma identificação para o que sente e neles busca, ao mesmo tempo, uma retificação e/ou ratificação da sua conduta que o leve a uma saída positiva: a realização da vida adulta.

Mas essa vida é também contestada por ele, quando sente a insegurança presente dos dias atuais, quando mesmo os adultos não se sentem à vontade para saberem quem são e o que querem de suas vidas. Isto leva cada vez mais o jovem a um conflito onde o seu "eu" não estará no comando de suas ações.

Como pode sair desta crise e descobrir qual o caminho a seguir? O jovem necessita de uma fase durante a qual possa descobrir e discernir, dentro do que vive, que saída existe para os seus conflitos. A busca de líderes e ídolos na juventude faz com que o adolescente possa identificar os seus sentimentos como comuns a outros jovens: como eles superaram suas crises e que saídas tomaram para uma reestruturação do seu "eu".

ERIKSON (op. cit.) revela o quanto é difícil para a jovem essa busca da identidade, no mundo masculino em que vivemos, onde a força de construção e destruição está no homem (sexo masculino). Qual a identidade feminina num mundo masculino? Qual o papel da mulher no mundo onde o homem tem uma identidade forte e destruidora? A jovem busca na figura da mãe a sua identidade, que sente ameaçada em sua integridade, seja pela força do homem, seja pela força da sociedade. É nessa fase da "moratória" psicossocial - "um período sancionado de espera do funcionamento adulto" ERIKSON (op. cit., p.:284), que a jovem deverá conseguir reestruturar sua insegurança interna.

ANNA FREUD (1977) teve para o estudo da adolescência uma preocupação bem mais intensa que seu pai SIGMUND FREUD; dedicou-se ao estudo dos sentimentos vividos pelos jovens e observou que eles desenvolvem mecanismos de defesa que são característicos dessa fase: "O ascetismo e a intelectualização". O ascetismo apresenta-se como uma forma de "contrariar os desejos mais urgentes com proibições mais severas." (op. cit. p.:131). Este mecanismo pode levar o adolescente a tomar comportamentos extremos, como diminuir a quantidade de comida, ou pode levá-lo a adoecer, por falta de alimentos necessários. Poderá, ainda, levá-lo a diminuir a quantidade de horas de sono, obrigando-se a levantar muito

cedo ou a expor-se ao frio. Essas reações são provenientes desse mecanismo que não é, nada mais nada menos, que o medo da "pulsão sexual" (10), que surge muito fortemente na adolescência.

O mecanismo da intelectualização seria, por outro lado, o uso indiscriminado do poder mental, na negação das "pulsões sexuais" e emocionais, através de uma exagerada conduta intelectual, na qual o adolescente se prenderia a abstrações, em contraste com a realidade vivida por outros jovens da sua idade.

Na adolescência, os jovens procuram explicações científicas e exteriores para todos os seus sentimentos, negando, assim, as suas "pulsões sexuais", tão comuns e necessárias a esta etapa da vida.

Examinando os principais problemas da adolescência, PETER BLOS (1985:104) constata:

"..dois temas são dominantes: o renascimento do Complexo de Édipo (11) e o desligamento dos objetos de amor iniciais (12). Esse processo constitui uma sequência de abandono do objeto e procura do objeto, que promovem ambos, o estabelecimento da organização de pulsões adultas."

O adolescente experimenta duas sensações muito fortemente: o "luto" pela perda dos pais da infância e o "luto" pela perda das amarras infantis, além do aspecto do "estar apaixonado" que é o avanço do libido (13) em direção a novos objetos de amor. O jovem vive essas duas fases em sua intensidade e os conflitos que lhe surgem internamente estariam ligados a esses processos vividos. A busca da identidade representa, assim, uma renúncia a tudo que possuía da infância e, a partir daí, desenvolve-se a insegurança do novo, do que lhe apresenta a vida. A

nova identidade seria uma resposta positiva aos processos de elaboração do que existia na vida infantil. O adolescente se prende a novas vivências, a novas experiências, na busca de uma nova identidade - "a de Jovem".

O estar apaixonado inicia todo um processo de refinamento e enriquecimento da vida afetiva, no qual o Jovem, desprendendo-se das amarras maternas e paternas, joga-se na descoberta de novos caminhos afetivos: a paquera, o namoro são alguns frutos dessa nova descoberta das suas potencialidades, que proporcionarão no Jovem as descobertas heterossexuais.

Esses dois processos levam também a situações de perigo para o adolescente: uma é o empobrecimento do "ego" (14), que, soltando as amarras infantis e buscando novos mundos, encontra-se enfraquecido, podendo levar o adolescente a perder o contato com a realidade e com a continuidade do sentimento deste "ego". A outra é a angústia (15) que surge pela presença da libido no sentido da heterossexualidade e que faz acionar os mecanismos de defesa. BLOS, como ANNA FREUD, acha que os mecanismos de defesa se fazem presentes na idade adolescente como uma forma de defesa do "ego" contra os sentimentos de insegurança.

O estudo da adolescência e juventude tem tomado, para nós, sulamericanos, uma enorme proporção, a partir dos anos 80, quando se verificou um grande crescimento da população juvenil. Este crescimento despertou nos estudiosos do assunto uma necessidade de aprofundamento maior da questão adolescente e uma tomada de posição quanto a um estudo mais voltado à realidade sócio-econômica em que vive a América do Sul.

Diversos grupos de estudo, pesquisa e tratamento sobre a adolescência foram iniciados na Argentina, Peru, Urugual, Brasil, para mencionar alguns países. Na Argentina, ARMINDA ABERASTURY, MAURICIO KNOBEL, EDUARDO KALINA, JUAN CARLOS KUSNETZOFF e outros iniciaram estudos sistemáticos, analisando o comportamento do adolescente. Da mesma forma, influenciados pelos argentinos, os brasileiros LUIZ CARLOS OSÓRIO, WILTON VIANA, MOISÉS GROISMAM, CARLOS CASTELAR e outros se interessaram pela adolescência e desempenham um trabalho voltado para ela, produzindo um conhecimento sobre o comportamento da juventude brasileira.

Os argentinos (ABERASTURY e colaboradores, 1980; ABERASTURY E KNOBEL, 1981. KALINA, 1976. KUSNETZOFF, 1980) concebem a adolescência tendo seu início por volta dos 10, 11 anos com o surgimento da puberdade e estendendo-se aos

20, 21 anos, quando o adolescente atinge a maioridade. A Juventude é, para esses autores, o início da vida adulta. Este jovem (ou adulto jovem) terá ainda um tempo até os 24, 25 anos para se reestruturar socialmente, visto que é com esta idade que completam os estudos superiores universidade e se tornam independentes dos pais, entrando para a força de trabalho e desempenhando o seu papel social na sociedade.

Realizando uma análise sobre a adolescência e suas fases, ABERASTURY e colaboradores (1980:111) ressaltam:

"A adolescência pode ser definida como a fase evolutiva durante a qual o indivíduo trata de estabelecer sua identidade adulta:

- a) sobre a base da internalização, nas primeiras idades, dos objetos parentais e de suas inter-relações, e,
- b) mediante a verificação constante do ambiente social que o rodeia e onde vive nestes momentos de sua vida."

Em outro trabalho, quando ABERASTURY E KNOBEL (1981:26) escrevem sobre a Adolescência Normal, complementam que a identidade adulta se constrói:

"...mediante o uso de elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando se consegue o luto pela identidade infantil."

Para esses autores, a vivência básica dos adolescentes é o processo de "luto" e a consequente integração das elaborações a partir dessas vivências dos lutos:

A - O luto pela perda do corpo infantil

As mudanças biológicas que ocorrem no começo e meio da adolescência trazem uma série de transformações psicológicas no jovem. O seu esquema corporal muda, o seu corpo toma formas que não conhecia frente a estas mudanças que faz em com que se manifeste em seu pensamento um manejo um tanto onipotente das idéias. O jovem é tomado por fantasias, devaneios, idéias ligadas às reformas sociais, políticas, religiosas, como uma expressão de toda a perplexidade que vive por causa da perda do seu corpo infantil e da aquisição de um novo corpo, inteiramente desconhecido, que se avizinha.

B - O luto pelo papel e identidade infantil

Na infância, a criança acostuma-se ao seu papel dependente da estrutura familiar. Aceita em parte que os pais o dirijam enquanto sua personalidade se desenvolve. Com o surgimento da adolescência, essa dependência transforma-se em busca de independência, mas o adolescente ainda não possui a estruturação de personalidade adulta que o tranquilizaria frente às novas sensações que a adolescência lhe traz. Sente-se dividido entre o que pensa e como se comporta, pois, em cada momento, sente, pensa e se comporta diferentemente do que sentia, pensava e se comportava minutos atrás. Tudo parece confuso, pois na idade em questão tem-se que assumir uma identidade que ainda não é conhecida e é percebida como ambígua e desconexa, às vezes, com a posição tomada no dia anterior. Transfere para os outros (principalmente para os pais) a responsabilidade dos fatos, o princípio da realidade. O adolescente é tomado por uma instabilidade emocional, com fortes crises existenciais e por períodos de absoluta indiferença, frente à realidade em que vive. Busca incessantemente o seu grupo de pares, numa tentativa de superar esta instabilidade, reconhecendo no grupo as mesmas características. Nele sente-se mais seguro, pois todos sentem as mesmas sensações. Essas experiências são introjetadas e assimiladas, fazendo com que apareçam novas adaptações a si e ao grupo ao qual pertencem.

C - O luto pela perda dos pais da infância

A percepção que o adolescente tem é que seus pais já não são os mesmos e que houve uma mudança brusca no afeto, na compreensão, na aceitação. Os pais da infância são diferentes dos pais da adolescência - este é o sentimento por que passa o adolescente. A vivência dos lutos da perda do corpo e do papel e identidade infantis faz com que o jovem perceba que tudo em torno de si está mudando, mesmo os seus pais. Já não sentem neles a segurança, a necessidade de dependência, a autoridade infalível.

Na realidade é difícil também para os pais serem os mesmos que eram para suas crianças: a inaceitação do crescimento, da dependência e da busca de uma identidade diferente daquela com que se acostumaram também os desarticula. A negação do crescimento, a revivência da sua própria adolescência, revivida agora pelo filho adolescente, cria nos pais toda uma inaceitação por essa idade. Este fato cria no adolescente uma situação ambígua e ele prefere outras figuras de líderes, como professores, artistas, ídolos esportivos, como parâmetro para sua identificação.

Para ABERASTURY, KNOBEL, KALINA, KUSNETZOFF e outros, os lutos vividos pelos adolescentes é que promovem toda uma reestruturação da sua personalidade. A identificação do adolescente não é mais aquela da infância, nem tampouco a que terá em adulto: ele possui uma identidade dentro da instabilidade emocional e da ambiguidade em que vive. É uma "identidade ocasional, identidade transitória e uma identidade circunstancial", como afirma KNOBEL (in ABERASTURY E KNOBEL; 1981:55-56).

Com a vinda de KNOBEL e KUSNETZOFF para o Brasil, muitos foram os trabalhos científicos que foram produzidos a partir do grande estímulo dado por eles ao estudo da adolescência, também ratificado pelas constantes viagens ao nosso país de KALINA, RASCOVSKY, e outros. No Rio de Janeiro, CASTELLAR E GROISMAN privilegiaram o trabalho psicoterapêutico em grupo com adolescentes e suas famílias, realizados ora em seus consultórios, ora nas clínicas especializadas das universidades. Da mesma maneira trabalha LEVISKY em São Paulo. Em Campinas KNOBEL fundou o Centro de Pesquisa e Tratamento para adolescentes, ligado à Unicamp, de onde surgiram inúmeros profissionais, como: ADAMO, VIANA, CASSORLA, para citar alguns. ADAMO se dedicou aos estudos relacionados a doenças psíquicas e ao estudo das consequências da gravidez em adolescentes. VIANA tem dedicado seu trabalho

a doenças psicossomáticas e aos efeitos das migrações nos adolescentes. O trabalho de CASSORLA versa sobre as tendências que levam o jovem ao suicídio. No Rio Grande do Sul, LUIZ CARLOS OSÓRIO tem privilegiado não só o atendimento ambulatorial mas a compreensão do "processo adolescente", esta etapa de vida vivida pelos jovens. Em Recife, ZALDO ROCHA iniciou ainda no início dos anos 60 uma série de trabalhos sobre a psiquiatria do adolescente, realizados na Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco. A partir desse trabalho ELDIONE MORAIS, na própria Clínica Psiquiátrica da Universidade, e TÂNIA MARIA MONTEIRO, na Clínica Psicológica também da mesma universidade, desenvolvem um trabalho sistemático de atendimento a adolescentes.

Os brasileiros foram bastante influenciados pelos psicanalistas argentinos, mas procuraram estudar o adolescente local, observando as grandes diferenças culturais existentes em nosso país. As diferenças surgem não só pelas grande extensão territorial como também pelas características específicas de cada região, com culturas particularmente diferente e pelas diferenças sócio-econômicas existentes no Brasil. Há diferenças culturais bem acentuadas entre jovens de grandes cidades e jovens de pequenas cidades do interior do país, como observa ULHOA

(1974:109-116) em seu trabalho comparativo sobre a adolescência urbana e a adolescência do meio rural.

Geralmente os trabalhos sobre a adolescência brasileira são baseados nas características do comportamento do jovem de camada de média renda das grandes cidades. Quanto ao adolescente pobre, poucos são os trabalhos existentes que se referem particularmente a ele. Vale ressaltar ainda os trabalhos ligados à política de assistência ao menor, realizados em instituições como a FEBEM (16) ou trabalhos sobre menores infratores. Contudo existem pouquíssimos trabalhos que enfoquem o comportamento do adolescente pobre que vive com a família.

Para OSÓRIO (1983:64-70), o problema central do nosso adolescente contemporâneo é a crise de identidade. Ele toma como explicação a posição de ERIKSON (já apresentada anteriormente), mas também ressaltta que a nossa sociedade vive uma crise de identidade, onde são colocadas em xeque as identidades nacionais, políticas, sociais, econômicas, religiosas e culturais. Tudo isso, no entanto, revela características semelhantes à própria crise da adolescência. O mundo adulto está vivendo a sua crise de identidade; o jovem fica perdido com a sua crise e a que vive sua sociedade. Mas o autor também chama a atenção para o problema sócio-econômico, quando mostra que

só se pode falar de adolescentes quando estes não têm problema de subsistência, achando até que a adolescência seria um privilégio das camadas mais abastadas e relata (op. cit. p.67):

"Esse período de moratória ou preparação para a idade adulta é um 'luxo' não permitido àqueles que estão empenhados na encarniçada luta por sua subsistência. Esses apenas experimentam a puberdade, enquanto inevitável processo de transformações corporais, mas não se lhes concede a oportunidade de vivenciar o processo de elaboração das perdas infantis e assimilação das aquisições adultas que caracterizam a adolescência do ponto de vista psicológico. Para tanto é preciso dispor de um espaço-tempo a que não tem acesso os que estão confinados pela geografia da fome e da miséria."

OSÓRIO (op. cit) questiona, assim, se o "processo adolescente" é universal ou não. Mas afirma, que o jovem é semelhante em todo o mundo e que as desigualdades culturais e sócio-econômicas podem apresentá-lo como diferente. O que o autor ressalta é a não existência do processo adolescente na miséria, onde a

fome impossibilita o jovem de vivenciar a "fase" adolescente. Afirma ainda que, se o jovem tem alimentação e agasalho, o processo adolescente se faz presente, mesmo que as condições ambientais sejam adversas e cita o exemplo de ANNE FRANK (16), que estando refugiada num sótão com sua família (na Holanda, no tempo da perseguição nazista), escreveu um diário sobre sua vivência adolescente.

Para OSÓRIO, os rituais vividos pelos adolescentes contemporâneos são rituais de iniciação ao mundo adulto e existem em todas as sociedades. Eles podem se modificar conforme a cultura, os costumes e as próprias regras que os jovens estabelecem para a existência dos seus rituais.

A conceituação da "adolescência" e "juventude", sob o ponto de vista psicológico-psicanalítico, tende a ver esta fase de vida não só quanto aos aspectos cronológicos, como também quanto aos aspectos dinâmicos e biológicos vividos pelos jovens nesta fase de vida.

Nem sempre os aspectos cronológicos se fazem necessários para a determinação de uma fase de vida. Se para os autores norte-americanos a adolescência é vista como sendo vivida um pouco mais tarde do que a vêem os seus colegas sul-americanos, esta questão pode ser

relegada a um segundo plano. Deve-se levar em consideração que a adolescência deve ser estudada de um forma global, valorizando-se os aspectos bio-psico-sociais que superam a discussão em torno da cronologia do começo ou término da adolescência. Os aspectos dinâmicos do desenvolvimento da adolescência são sobretudo relevados desde que observados sob uma ótica mais individual. Tanto a psicologia como a psicanálise têm seu enfoque mais voltado para a estrutura psíquica e para o comportamento do adolescente e sua conseqüente repercussão no social.

A Psicologia e a Psicanálise não desconhecem as diversidades de cultura e ambiente sócio-econômico, mas privilegiam o conteúdo psicológico do adolescente. A adolescência pobre pode ter diferenças em determinados aspectos da adolescência de camada média, principalmente na forma de expressão do comportamento, mas também não faltam os aspectos em que ambas são semelhantes, como na vivência dos "lutos" pela perda do corpo infantil, pela perda dos pais da infância e pela perda da identidade infantil. A busca da identidade juvenil, pessoal e grupal se fazem presentes na juventude, independentemente da camada social a que o adolescente pertence.

As dificuldades na reestruturação da vida psíquica frente aos "lutos" adolescentes fazem-se

presentes nas jovens pesquisadas. Não foram poucas as jovens que se queixaram dos pais não serem mais atenciosos e preocupados com elas, a não ser para reprimir seus anseios de liberdade. As modificações corporais porque passam todas as jovens são sentidas também por elas como uma situação nova que traz ora bem estar ora inaceitação. A percepção da mudança corporal traz ansiedade antes desconhecidas por elas, são ressaltadas no discurso sobre sexualidade, apresentando conotações ora agradáveis ora repletas de medo e insegurança. A crise de identidade por que passam as jovens de baixa renda é um tanto amainada devido às preocupações das mães em lhes oferecer os ensinamentos dos "afazeres domésticos". As mães facilitam a identificação primária, mostrando-se próximas às filhas. Contudo as jovens buscam também identificações com outras personagens, como atrizes de televisão e rádio. Essa situação constitui-se em um novo conflito não só com as mães, mas também com os pais que não aceitam seu novo jeito de se comportar. Posteriormente, serão examinados de forma mais abrangente os aspectos psicológicos vividos pelas jovens pesquisadas.

3.1.4 - O PONTO DE VISTA SÓCIO-ANTROPOLÓGICO

Dentro da corrente sociológica, os conceitos de "adolescência" e "juventude" recebem tratamento análogo ao dado ao tema pela psicologia e pela medicina. Para ROSEN MAYR (1968:134), a puberdade é a fase onde se iniciam as modificações fisiológicas, mas, para ele, é aos 14 anos que se inicia a adolescência, que se estende até os 18 anos. Por outro lado a juventude se prolonga até os 24 anos, quando se inicia a vida adulta. Juventude seria, então, (op. cit.-133,137):

"...um estado transitório, uma fase da vida humana, cujo início é muito claramente definido pela aparição da puberdade; quanto ao fim da juventude, varia segundo critérios e os pontos de vista que se adotam para determinar se os indivíduos são 'jovens' [...] não se pode pensar em adolescência e em juventude em geral sem examinar sua transformação social e cultural é preciso concluir pela necessidade de um estudo diferencial da juventude. Ela não é idêntica, nos diversos sistemas sociais e políticos, nos diferentes estágios de desenvolvimento econômico e nas diferentes camadas sociais."

Deve-se levar em consideração que todos os Jovens vivem diferentemente sua adolescência, dependendo da sua formação sócio-cultural e de Injuções econômicas. Mas não perde o sentimento de ser adolescente que é um estado de vida que se vive na Juventude.

A Juventude caracteriza-se por ser um período de mudanças, tanto do fisiológico como do mental e do psicológico, e esse processo de mudança se estende em mudanças até na perspectiva social. Nessa época, surgem as contradições existenciais - o querer mudar as regras da sociedade, os valores, a cultura que lhe é Impingida.

Analisando o comportamento da Juventude frente à sua situação existencial, que está voltada e sensibilizada para os movimentos sociais dinâmicos, MANNHEIM (1988:75) afirma:

"Na linguagem da Sociologia, ser jovem significa sobretudo ser um homem marginal, em muitos aspectos um estranho ao grupo."

Para se compreender a mentalidade da Juventude, não se pode ficar preso somente à efervescência biológica desta fase, mas encarar que existe uma potencialidade no Jovem para enfrentar o que está estabelecido pela sociedade. É neste momento que se deve encarar os

movimentos juvenis como uma tentativa de reformular os princípios da cultura estabelecida pela sociedade moderna. A formação de uma cultura adolescente surge como uma proposta de contra-cultura.

Quem dedica uma atenção especial aos jovens é MORIN (1977:131, vol.II) que, analisando a crise juvenil sob a ótica de um movimento contra cultural, diz:

"...o movimento é cultural no sentido mesmo em que concerne aos fundamentos organizacionais da sociedade e da vida humana, cultura entendida como dispositivo gerativo do sistema social e das normas da vida individuais."

A crise iniciada nos anos 50 teve uma movimentação cultural que atingiu praticamente toda adolescência da época. Os meios de comunicação de massas se encarregaram por vezes de transmitir a insatisfação dessa juventude a todos os lugares, até os mais longínquos e mostrou o quanto são semelhantes os seus questionamentos consigo mesmos e com a sociedade em que vivem.

Dessa insatisfação surgem movimentos culturais, na música, nos costumes, nos escritos dos jovens, no seu comportamento cotidiano. Os seus questionamentos são

semelhantes aos de outros jovens de culturas diferentes da sua. Eles sentem as mesmas dificuldades: de relacionamento com os pais, de inaceitação dos padrões impostos pela sociedade, de necessidades de independência. O cinema se encarrega de mostrar a problemática vivida pelos jovens nos Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão; os filmes trazem em seu enredo uma história que pode ser reconhecida por jovens de diferentes países. Mesmo reconhecendo que as diferenças culturais se fazem presentes, os jovens reconhecem uma "insatisfação" que também é sua.

Antes mesmo dos posicionamentos apresentados por ROSENMARYR (1968), MANNHEIM (1968) e MORIN (1977): MEAD (1978) se colocava contrária à generalização sobre a turbulência da adolescência, ratificada pela Medicina e pela Psicologia do começo do nosso século e, para se contrapor à semelhança entre os jovens, mostrou os resultados de sua pesquisa em Samoa, cujos adolescentes não passam pelos problemas e questionamentos por que passam os jovens ocidentais. Afirma ainda que a crise vivida pelos jovens é resultado da crise da sociedade capitalista, que impõe regras e normas conflitantes com a educação proposta por ela mesma. A jovem samoano não é revoltada com os pais e com a sociedade: a jovem não precisa lutar por liberdade, pois ela é inerente ao seu

desenvolvimento. A adolescência samoana se passa sem tempestade e tensão; processa-se como uma fase semelhante às outras: calma e tranquila.

Na realidade brasileira a problemática da adolescência e da juventude tende a ter conotações diversas da de outros países, considerados como ricos e produtores de saber científico, pois a maioria dos jovens se encontra na pobreza e na miséria (18). Os grandes centros urbanos são a pretensão de jovens que, vivendo em condições precárias, buscam uma saída para seus problemas sócio-econômicos. No entanto, nesses centros, é que residem as maiores distorções sociais e uma completa falta de infra-estrutura para a absorção dos jovens que a cada dia avolumam-se na periferia. A precariedade de escolas e trabalhos especializados para os jovens nesses centros leva-os à vadiagem e a dificuldades ainda maiores para a sua subsistência. Paralelamente a estes fatos, os vários tipos de emigração surgidos nos países fazem com que existam jovens culturalmente bastante diferentes. Contrastando com essa situação existe ainda uma minoria adolescente de camadas de média e média-alta renda, que, sendo a grande consumidora de produtos da sociedade, impõe à maioria um modelo de adolescência inatingível. Para estes jovens existem colégios e oportunidades no mercado de trabalho.

Não serão analisadas neste momento as incongruências da sociedade atual, pois este trabalho se prende somente ao estudo da jovem de camada de baixa renda e seus rituais.

Em seu trabalho sobre famílias operárias RODRIGUES (1984:211-218) chama a atenção para a função que exercem as filhas mais velhas, que, desde pequenas, ajudam suas mães nos afazeres domésticos e cuidados com os irmãos menores. Este trabalho pode ser iniciado aos 9 anos e perdurar pela juventude, entretanto por vezes pela vida adulta. Essas jovens vêem este trabalho como um auxílio à suas mães, que, ausentando-se pelo trabalho fora de casa, delegam-lhes responsabilidades domésticas. Quando as jovens são levadas ao trabalho fora de casa no lugar das mães, trocam de posição: estas tomam conta dos afazeres domésticos, aquelas ajudam na despesa de manutenção da casa. Da mesma forma, QUINTAS (1986:88-91, 128), em seu trabalho sobre sexualidade de mulheres de camada de baixa renda, mostra o quanto elas desde pequenas estão ligadas ao trabalho doméstico. Contudo, é exatamente na adolescência que tomam consciência da sua obrigação de trabalhar em casa ou fora dela, realizando os serviços domésticos ou ajudando suas mães. SCOTT (MOTTA E SCOTT, 1983:75) registra em seu trabalho que as adolescentes ajudam suas mães nos serviços domésticos e tomando conta dos irmãos menores enquanto estas estão realizando algum trabalho fora de casa.

Em pesquisa realizada com meninas e adolescentes em Salvador MACHADO NETO (1984:220-244) relata a importância do trabalho doméstico como fundamental para os rendimentos familiares. Afirma ainda o valor do trabalho dessas menores nos cuidados com os irmãos pequenos. Refere-se ao "espaço-doméstico-feminino-infantil", como o "cenário principal da vida cotidiana, onde se desenvolvem essas funções femininas."

As preocupações e responsabilidades com os afazeres domésticos pelas adolescentes são mais significativas na camada de baixa-renda - e são uma das características mais marcantes nesse período de suas vidas - do que nas camadas de renda média e média alta. MONTEIRO (1978) mostra que a jovem de camada de renda média e média alta tem como maior preocupação a insegurança frente à vida social, a preparação ao vestibular e a dificuldade de relacionamento com os pais mas ela pouco se refere à responsabilidade de assumir algum trabalho doméstico.

É nesta realidade brasileira de pobreza que a grande maioria das jovens se insere, mas ao mesmo tempo não se pode negar que elas não estejam vivendo a adolescência. Esta adolescência tem características diferentes: desde cedo o trabalho se impõe a essas jovens. Contudo, existe a vivência da problemática adolescente:

dificuldade de relacionamento com os pais, as dificuldades com o seu crescimento e mudança corporal, a incerteza com o futuro, acrescida da falta de perspectiva econômica existente nesta sociedade em que vivemos.

Até o presente momento foi trabalhado o conceito de adolescência e juventude, bem como a visão dos ramos da ciência sobre esta idade. Todos reconhecem a adolescência como a etapa da vida comum a todos os jovens. Os autores aqui citados referem-se aos problemas relacionados à pobreza, à fome e à miséria, como fatores que podem alterar o curso da juventude, no entanto o sentir-se adolescente é tomado como um processo semelhante, indiferentemente da camada social a que pertence o adolescente.

A abordagem teórica apresentada me leva a refletir sobre a necessidade de se tomar posicionamento frente às condições de pobreza e adolescência existentes em nossa região nordestina. O trabalho aqui apresentado faz uma reflexão sobre o comportamento adolescente e o que representa a ritualização dos "afazeres domésticos" para as jovens pesquisadas. O trabalho revela ainda o quanto essa ritualização é uma forma de se manter o "status quo" de pobreza das jovens pesquisadas, dentro da situação sócio-econômica vivida em nossa região. Foi deixada de lado uma

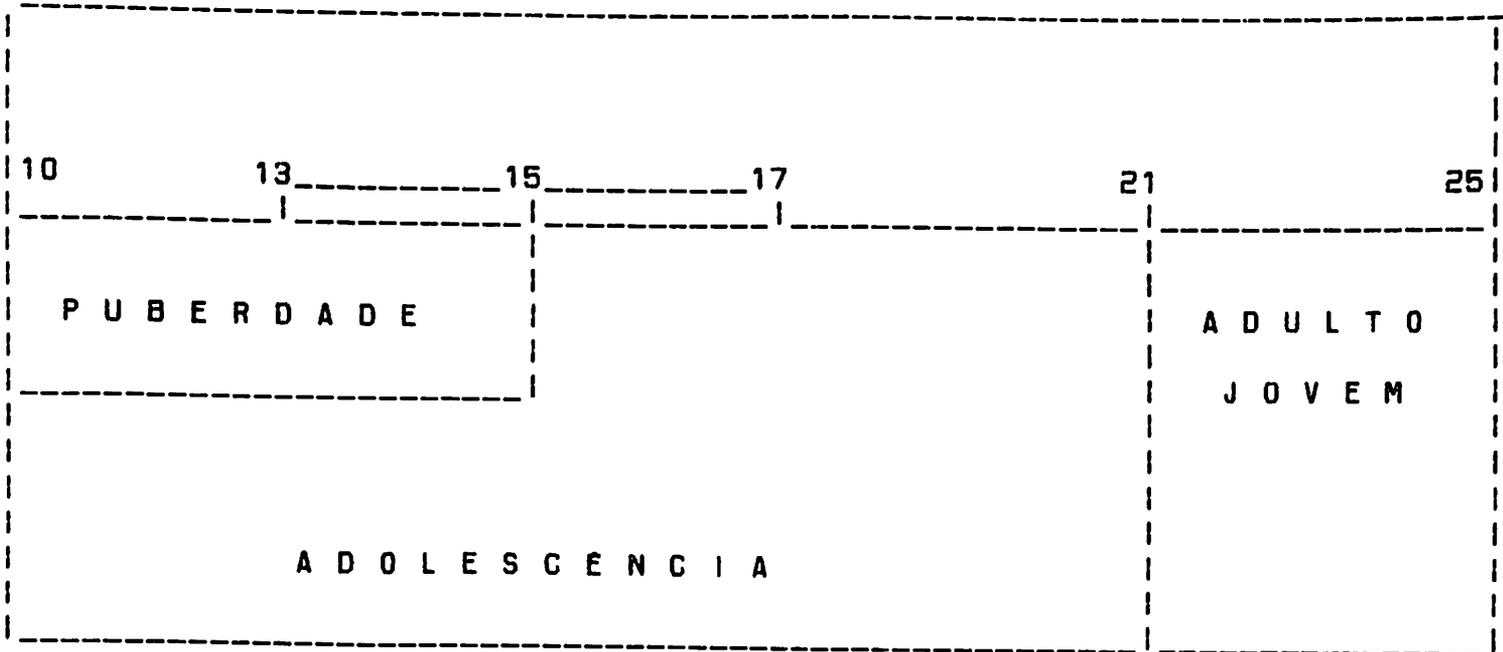
maior apreciação sobre a adolescência vivida por outras camadas sociais por não ser objeto do presente estudo.

A literatura científica apresentada neste capítulo, me leva a concluir que, independente da variação cronológica apresentada pelos autores, parece-me pacífico que a idade das jovens pesquisadas está contida na conceituação de adolescência das diversas visões científicas.

Neste trabalho a adolescência e a juventude será trabalhada dentro do seguinte esquema:

A juventude se alonga dos 10 aos 25 anos e é dividida em puberdade - cujo período se estende dos 10 aos 15 anos - , adolescência - que começa com a puberdade nos 10 anos e vai até os 21 anos, quando o jovem atinge a maioridade e fase do adulto jovem - que se estende dos 21 aos 25 anos. Logo, o grupo pesquisado, que é de 13 aos 17 anos, é chamado de adolescência e/ou juventude.

J U V E N T U D E



3.2 - O RITUAL DE PASSAGEM

O homem tem procurado desde o começo do mundo ritualizar, marcar as fases importantes da vida, os momentos cruciais, com festividades, eventos que consagrem estas fases. No início deste século, muitos foram os estudos antropológicos que surgiram, enfocando os Ritos de Passagem.

Ao estudar diversas sociedades, VAN GENNEP procurava, acima de tudo, descobrir os universais culturais, cotejando diversas culturas, no que se aproximam umas das outras e descobrindo o que tinham em comum no tocante aos diversos tipos de ritos, dos mais complexos aos mais simples. Esse autor vê os ritos como fazendo parte da vida social, são vivências de uma fase que se deseja marcar e revelar como importante ou mesmo banal.

VAN GENNEP (1977:25-27) acredita que em qualquer sociedade a vida individual compõe-se de sucessivas passagens tanto de uma idade para outra, como de uma ocupação a outra. A sua visão da sociedade é que ela é bastante poderosa, estando toda compartimentalizada e que os ritos são utilizados para especificar a passagem de um compartimento a outro, de maneira que os indivíduos e os grupos passem por eles em sua trajetória social.

Examinando o mundo social, salientou-o como um processo contínuo de interação indivíduo e sociedade e como sendo repleto de contrastes e compartimentos. O rito é utilizado como uma defesa no sentido da interação do indivíduo com esses contrastes e compartimentalizações, pois ele terá uma função de fazer a passagem, de introduzir o indivíduo de uma fase a outra.

O rito não é visto apenas no momento do ritual, mas em toda uma fase anterior e em outra posterior a ele. Não é a interpretação ou narração do ritual em si que se faz tão importante: o que acontece na fase da preparação e na fase posterior também importa para o entendimento do seu significado específico.

Esta visão dinâmica permitiu que o autor em questão visse o mundo social como constituído de passagens e deslocamentos, como numa sucessão de uma fase anterior (ritos preliminares ou de separação), ao longo de uma fase transitória (ritos liminares ou de margem) e chegando à terceira fase de interação (ritos pós-liminares ou de agregação) do curso rotineiro. Os ritos de passagem se caracterizam por ser rituais que promovem mudanças de lugar, estado, posição social e idade.

O autor valorizou as sequências no estudo do ritual, mas diferenciou os fatos biológicos dos fatos da sociedade. Quando se referiu aos ritos de iniciação, ele os colocou diferenciados dos ritos pubertários e disse (op.cit.:70):

"... a puberdade fisiológica e a puberdade social são duas coisas essencialmente diferentes, que só raramente convergem."

Para ele, o ritual de iniciação teria como função marcar uma transição entre a fase assexuada e a aquisição da sexualidade. Esse período seria de menor importância para a mulher, pois para VAN GENNEP (op. cit.:72) "a atividade social da mulher é muito mais simples do que a do homem."

O autor não faz maiores comentários sobre a atividade social da mulher, e valoriza mais especialmente o homem. O rito de iniciação, assim, foi considerado como um rito liminar, significando para alguns povos (op. cit.:84-85) um rito de preparação da jovem à aquisição do estado de mulher casada. Desse modo o rito do casamento seria tomado como pós-liminar para marcar a passagem de um classe de idade a outra. Sobre isso VAN GENNEP (op. cit.:109-110) diz:

"Casar-se é passar da sociedade infantil ou adolescente para a sociedade madura, de certa clã para outro, de uma família para outra, e muitas vezes de uma aldeia para outra."

Ressalta ainda este autor que um dos aspectos mais importante no estudo do ritual é a verificação das sequências de uma fase a outra, de um rito a outro; e a relação existente entre os ritos e as situações sociais, com um fim determinado.

O estudo dos rituais é visto por TURNER (1974:8) como um estudo do processo social de interação e independência e das disjunções entre acontecimentos ordenados. Nesse processo convive a dialética entre a "estrutura" e "anti-estrutura". "Estrutura" seria, para ele, a identificação da sociedade como organização normativa e "anti-estrutura", como a "comunitas" - comunidade ou uma comunhão de indivíduos iguais que se submetem à autoridade de "anciãos rituais" (op. cit.:119)

Segundo o conceito de liminaridade (margem) de VAN GENEP (1977), TURNER (op. cit.:126-127) mostra que, nos ritos de iniciação e de puberdade, os iniciantes são "entidade liminares", que não possuem "status"; são como

uma "tábula rasa". Os iniciantes perdem a situação anterior de criança e querem adquirir o "status" de adulto. A etapa de liminaridade se caracteriza exatamente por ritos de elevação da posição mais baixa (sem status) para outra mais elevada (com status). Os jovens iniciantes são entidades em transição, não tendo, portanto, lugar e posição e, geralmente, devem submissão. A "comunitas" detém os valores da cultura; nessa época da liminaridade, serão passados para os iniciantes estes valores, bem como as normas e sentimentos do grupo.

Em seu ensaio sobre "Rite de Passage", GLUCKMAM (1966:1-52) questiona o posicionamento de VAN GENNEP (1977), argumentando que esse se baseou em analisar os ritos de passagem de uma forma linear, sem aprofundar o seu significado, frente a um grupo social. Para GLUCKMAM (op.cit.:14), VAN GENNEP (1977) não elaborou uma teoria da sociedade, pois se furtou da análise das relações dos ritos de passagem como mudanças do "status social", colocando apenas que o sujeito do ritual passaria de um compartimento a outro em sua vida social. A grande virtude do trabalho de VAN GENNEP foi o estudo do mecanismo do ritual mais do que o do significado e função dos ritos de passagem para a ordenação ou reordenação das relações sociais, mostra GLUCKMAM (op. cit.: 4).

VAN GENNEP (1977) tentou mostrar em sua obra que os ritos de passagem são universais. No entanto, comenta GLUCKMAM (op. cit.:36-37), na forma como ele estruturou os ritos de passagem, estes são incompatíveis com a estrutura da "vida urbana moderna."

Hoje os rituais de passagem existentes são vistos como estando ligados à vida cotidiana e à integração das fases da vida; eles facilitam o indivíduo a se integrar na comunidade. Não existe mais a valorização do ritual como numa situação isolada; o ritual faz parte da vida social como um todo, como o analisa GLUCKMAM.

Os estudos sobre rituais nas jovens é destacado por MARGARETH MEAD (1978, 1979) de forma especial dentro da visão antropológica. Em seu trabalho sobre "Adolescência y Cultura em Samoa" (1978), MEAD enfatiza os rituais de iniciação como eventos de importância nessa cultura. A moça começa a ter importância na comunidade samoana por volta dos 15 anos, quando já deve ter menstruado e revela que, nessa época, quando deixa de ser considerada criança, participa de uma série de eventos e situações, que lhe possibilitem o amadurecimento. Estes eventos e situações permitem um aperfeiçoamento para o tornar-se mulher; é todo um ritual que enfoca situações de

trato doméstico, como o aprender a tecer tapetes, cozinhar, plantar, cantar e dançar. A dança é vista principalmente (op. cit.:139), como uma forma de a moça se socializar como mulher, a fim de que perca a timidez da infância. Os samoanos valorizam a dança como de muita importância para a formação da jovem e como um dos requisitos para o casamento.

Para MEAD (1978:45-47; 174-175) a adolescência em Samoa se passa sem conflitos e sem mudanças bruscas, obedecendo a um mesmo ritmo de vida que se inicia no nascimento e vai até a morte. A criança aprende a resolver os seus problemas, aprende os valores que guiam a sua comunidade, sem, contudo, haver sofrimentos. A sociedade é tolerante com a criança, com o adolescente e com o adulto; existe uma continuidade da educação desde o nascimento até a morte.

A adolescente não sofre nenhuma quebra brusca em sua educação (MUSS, 1976:60-68) nem mesmo existe qualquer tabu ou ritual que esteja relacionado com a menstruação. A sexualidade é, para as jovens samoanas, uma função a ser desempenhada com naturalidade em seu cotidiano, a virgindade só é exigida à "taupo" (princesa), que recebe uma educação especial, diferente das demais jovens. A educação contínua faz da jovem samoana uma pessoa tranquila e sem perturbações de comportamento.

Estudando os Arapesh, MEAD(1979) mostra que as jovens têm em sua primeira menstruação a passagem para uma nova vida. São levadas a jejuar por alguns dias, cumprindo um ritual bastante longo, preparando-se, assim, para a vida futura de casada. Ainda em criança, elas aprendem todos os afazeres domésticos e passam a ser vistas como substitutas da mãe. Encerra-se, com os rituais da menarca, a infância da menina. O ritual da menarca é o final do processo por que passa a menina na sua preparação para a vida adulta. Relata MEAD (op. cit.:110):

"A cerimônia da puberdade não é uma admissão ritual à nova ordem de vida, é simplesmente uma passagem ritual de uma crise fisiológica que é importante para a saúde e crescimento. Não é uma cerimônia de casamento."

Nestes dois estudos MEAD mostra o quanto se diferenciam os costumes e as tradições dos povos para marcarem os rituais de passagem das suas jovens. As jovens devem passar por renúncias que facilitem a interação social com a sua comunidade, de acordo com as exigências dessas comunidades. Os rituais das crianças e das jovens se apresentam como uma fase preparatória à vida adulta de mulher e neles são passadas às jovens as funções e significados sociais que elas devem exercer na vida adulta, dentro da comunidade em que vivem.

Entre os autores que estudam os ritos e os rituais, encontra-se BRUCE LINCOLN, que se dedica especialmente aos rituais femininos. Em seu trabalho "Emerging from the Chrysalis" (1981:91-109), define os rituais femininos como ritos de iniciação da puberdade, onde a jovem, deixando a vida infantil, deve passar para a posição de mulher. Analisando cinco rituais femininos de diferentes localidades, mostra que eles acontecem com maior frequência em povos matrilocais - onde notadamente, a mulher goza de um certo prestígio dentro da cultura em que vive - do que entre povos patrilocais (op. cit.: 91)

LINCOLN (op. cit.:92-94) apresenta os ritos de iniciação da mulher como ritos de solidariedade, quando são mulheres que dirigem a cerimônia e mulheres iniciam mulheres - ou, de opressão quando são dirigidos pelo homem, como uma forma de fazer cumprir uma determinação do grupo social. Mostra também que os rituais femininos são repletos de tensões e conflitos, porque o grupo social é o agente na iniciação das mulheres e age no sentido de preservar a estabilidade da coletividade e não no de seguir os interesses específicos das mulheres.

Nos ritos estudados por LINCOLN, (op. cit.:97) pode-se notar que o objetivo da iniciação não é apenas fazer uma pressão melhor, mais forte, mas transformar a

jovem completamente, torná-la totalmente diferente do que era anteriormente na vida infantil. A jovem iniciante deve ser introduzida em uma nova vida; ela passará por estágios como (op. cit.: 101): moça, mulher casável, esposa, mãe e assim por diante. Contudo mostra o autor que as mulheres das tribos estudadas não adquirem qualquer "status" na esfera sócio-política do grupo social em que vivem. Elas só adquirem "status" dentro da esfera doméstica: a dona-de-casa só é superior a sua nora e filha. Fazendo uma alusão às culturas atuais, mostra o autor (op. cit.:102) que é semelhante em todo mundo a falta de "status" da mulher. Geralmente o "status" é um reflexo de algum parente masculino, podendo ser do pai, marido, irmão e até mesmo do filho. Comenta ainda o autor que o "status" social é uma preocupação do homem e as mulheres são excluídas da participação direta na hierarquia social, dentro do seu grupo. Ressalta (op. cit.:102) que a mulher é universalmente barrada pela sociedade na busca de trabalho, na busca de ascensão social, e a iniciação, em lugar algum, confere a ela novo poder sócio-político.

LINCOLN (op. cit.:105-1-8) conclui que a iniciação das mulheres é um ritual ordenado pela sociedade como um todo, serve para preservar o "status quo". Não existe nada de revolucionário na iniciação das mulheres,

que serve mais para introduzir a moça na sociedade como esta sociedade deseja do que para alterar ou acrescentar a essa estrutura social algo de novo. O que a sociedade deseja é que a jovem se encontre pronta e querendo assumir o lugar tradicional da mulher como está definido por cada cultura.

Dentre os ritos estudados por LINCOLN (op. cit.:50-70), o rito de iniciação da tribo TUKUNA do Brasil serve como uma referência específica, por ser este mais próximo da realidade brasileira. A tribo TUKUNA tem no rito da Festa da Moça Nova a sua maior celebração (19). Este ritual tem seu início com a menstruação da jovem e se prolonga por vários meses, durante os quais a jovem é enclausurada para que reviva em si o Mito de Ariana e possa estar preparada para a Festa, sendo, a partir desta celebração, considerada mulher. Este ritual é para lembrar à jovem índia de que a fertilidade feminina é uma bênção e um perigo ao mesmo tempo. A jovem Tukuna adquire com este ritual moderação e segurança, para que possa se desenvolver como uma mulher madura.

O reviver o Mito de Ariana é para a jovem Tukuna uma experiência transcendental, onde ela deve fazer uma viagem cósmica, para que se liberte da sua vida infantil e possa amadurecer e se tornar uma mulher. Ela deve se

identificar com a heroína mítica (Ariana) que ultrapassa uma série de dificuldades, como mutilações corporais, e assim possa voltar ao convívio de sua tribo preparada para assumir o seu papel de mulher. LINCOLN (op. cit.96-97) faz um paralelo deste ritual Tukuna com o ritual por que passam as moças das grandes cidades, atualmente, quando terminam o seu período escolar. Antes de entrarem na universidade, fazem uma viagem para conhecer outros lugares e voltam com a percepção de terem conhecido e vivido experiências que lhes possibilitem o amadurecimento necessário. O que LINCOLN (op. cit.) quer mostrar em seu trabalho é que os rituais existem em qualquer grupo social, mas se adaptam a sua realidade. Os rituais são estabelecidos como uma forma de habilitar a moça para a passagem à vida adulta.

Em estudo antropológico-psicanalítico, sobre os ritos de iniciação e puberdade, BRUNO BETTELHEIM (1974) comenta que os ritos são realizados para marcar uma fase de vida e são a marca entre a infância e a adultícia. A essência deste rito está nessa marcação de uma passagem, um aprendizado de determinadas habilidades que são fundamentais para uma determinada cultura.

Ressalta como rito básico entre os jovens os que estão ligados à fertilidade, tanto no jovem como na moça. Este processo passa tanto pela vida psíquica, como pela

vida social, com um assumir de papéis dos quais estavam afastados na sociedade. Desde os povos primitivos até os dias de hoje, os jovens são preparados nessa época para assumirem os seus papéis na comunidade.

Comenta ainda que os ritos femininos estão mais ligados ao que a sociedade pensa da menstruação do que propriamente ao fato fisiológico. O significado do ritual está ligado, assim, ao que a sociedade vê na menstruação como sinal de fertilidade. Os rituais estarão ligados, então, à efetivação de comportamentos que habilitem a uma vida fértil.

Nas comunidades judaicas, o Bat Mitzvah é um rito de passagem da jovem, semelhante ao Bar Mitzvah, ritual do jovem. LEVISKI (1979:88) lembra que este ritual é realizado quando as jovens completam 13 anos de vida. Elas adquirem o direito do acesso ao mundo adulto e a um "status" na comunidade. O ritual em questão lembra-lhes que a infância já terminou. No Talmud (conjunto de livros religiosos) existe uma referência à idade de 13 anos como a idade em que o indivíduo deve começar a cumprir os mandamentos. A comunidade reúne-se e comemora com os rituais do Bat Mitzvah, para a moça, e do Bar Mitzvah, para o rapaz, a maioridade do adolescente e a conseqüente entrada para a vida adulta, com seus direitos e deveres.

LEVINSKY (op. cit), no entanto, indica qual o "status" específico, na comunidade judaica, que a jovem adquire com o Bat Mitzvah, a não ser o de entrar na vida adulta. No Talmud a posição social da mulher é de dependência e obediência à autoridade do homem, o que vem a corroborar a colocação feita por LINCOLN (1981) de que o "status" da mulher refere-se ao setor doméstico, e não ao setor social da comunidade.

Em estudos sobre os rituais de jovens brasileiros, destacam-se o de LARAIA e MELO (1980:140-154) sobre os rituais do Chá-de-panela. Nesse trabalho os autores chamam a atenção para o fato de que, paralelamente à existência de um rito, existe também a possibilidade de mudanças dentro do próprio rito, de acordo com mudanças sociais dentro de cada camada social. Este ritual é considerado como uma forma de iniciação sexual da moça, proporcionada pelas amigas (op. cit.:141). O ritual não só faz lembrar à jovem a condição de "dona-de-casa", como também ressalta os seus "deveres" para a sexualidade no casamento.

Os autores citam uma frase de Mary Douglas em que afirma:

"como um animal social, o homem é um animal ritual. Se o ritual é suprimido de uma

forma, ele aparece imediatamente em outras, tão mais fortes quanto mais intensa for a interação social."

Esta citação (op. cit.:142) leva a refletir sobre como os rituais vão e voltam, podendo, contudo, existirem algumas modificações. LARAIA e MELO mostram que o ritual do Chá-de-panela já não segue as mesmas regras dos de antigamente, mas serve para lembrar à noiva dos seus deveres para com o casamento.

O Chá-de-panela é para os autores uma etapa do processo ritual e de socialização da jovem (op. cit.:146). Esse processo está ligado à educação da jovem, e lhe transmite a ideologia referente aos seu papel feminino. A jovem, desde pequena, ainda na infância, desenvolve em suas brincadeiras um aprendizado doméstico (brincar de casinha, de cozinhar), para depois cumprir outras etapas, como cuidar do corpo, tornando-se atraente. Até chegar ao rito do casamento, a jovem percorre diversas etapas que seriam "procedimentos rituais" (op. cit.:147) e reforçariam seu aprendizado. A menina vai aprendendo a se transformar em moça e depois em mulher.

Diferentemente de VAN GENNEP (1977), LARAIA e MELO (1980) apresentam o ritual da jovem como uma situação

cerimonial que tende a se adaptar, frente às exigências da sociedade moderna. VAN GENNEP via o ritual como uma passagem de uma fase a outra, onde o indivíduo tinha que cumprir as regras pré-estabelecidas pela comunidade.

Os autores finalizam, comentando que o ritual do Chá-de-panela serve acima de tudo como uma mensagem conservadora das exigências sociais de uma sociedade, mostrando o quanto é ambíguo o papel da mulher na sociedade atual.

OLIVEIRA E SILVA, em Dissertação de Mestrado, estudando os rituais femininos em uma cidade do interior mineiro, apresenta as Festas da Coroação de Nossa Senhora, Baile de Debutantes e Glamour Girl, como rituais de passagem da menina à moça, em camadas de média e alta renda. As festas têm o objetivo de apresentar a menina e a moça à sociedade, bem como deixar implícita a condição social de inclente, visando um futuro relacionamento social que garanta a permanência do seu "status".

Ressalta esta autora (1985:215 e 1985a:27) que o ritual de passagem da menina à moça é algo pedagógico: tanto uma aprendizagem do papel feminino, como uma afirmação de "status social" para o seu grupo de

referência. As moças aprendem desde criança a compreender os mecanismos sociais em seu relacionanemto com a sociedade.

Estes rituais são preparatórios para a vida futura da mulher; ela obedece aos rituais desde pequena: dos 3 aos 8 anos será "anjo" na Festa da coroação de Nossa Senhora. Aos 15 anos será "Debutante" e aos 17 anos será "Glamour Girl", para entre os 18 e 20 anos se casar. Estes rituais compõem um "processo" que é iniciado na infância e a jovem, através deles, vai acumulando aprendizados até se tornar uma "mulher de elite" (1985:215 a 1985a:27).

De maneira semelhante a LARAIA e MELO (1980), OLIVEIRA E SILVA (op. cit.) conclui seu trabalho mostrando que os rituais femininos levam a uma conservação dos papéis tradicionais da mulher, bem como a consecução de um projeto familiar de ascensão social.

O ritual da jovem é para LARAIA e MELO (1980) e OLIVEIRA E SILVA (1985) uma época de preparação e aprendizagem do papel de mulher, mas é também um momento vivenciado e repleto de mensagens conservadoras das exigências sociais da comunidade.

Aqui no Nordeste do Brasil, poucos são os trabalhos voltados à compreensão do comportamento das Jovens. Quanto ao estudo de ritos vale ressaltar o trabalho organizado por PITTA (1984), envolvendo o tema Passagem e Imaginário, que traz uma contribuição na compreensão dos ritos de passagem.

Neste trabalho organizado por PITTA, mostra AUGRAS (1984 :36) o quanto é necessária a vivência dos ritos de passagem, que vêm estabelecer uma "ponte" entre dois segmentos. O homem procura sempre dar continuidade as suas ações, aos seus momentos na vida. Quando o homem busca ritualizar alguma situação é porque percebe que existe uma separação entre dois segmentos entre os quais ele tem que estabelecer uma "ponte", para uni-los.

Este posicionamento de AUGRAS (1984) tende a ser mais próximo das colocações de VAN GENNEP (1977) onde os rituais são valorizados como "ponte" e "passagem", respectivamente, de uma fase a outra. Acredito que os rituais de passagem podem ser "ponte", "passagem", mas são sobretudo momentos de aprendizado para se assumir as novas funções da vida adulta.

Com o intuito de entender o que se passa no comportamento familiar no Nordeste, principalmente em

camadas de baixa renda, vale ressaltar os trabalhos desenvolvidos por SCOTT (1985: 1985a, 1988), PAULA e SCOTT (1981, 1985), MOTTA E SCOTT (1983), PERES da COSTA (1982) e QUINTAS (1988). Trazem todos contribuições inestimáveis para a compreensão dos meios de sobrevivência e das relações familiares. SCOTT (1985) apresenta a mulher como tendo o "poder" da agregação e da separação de membros da família. Da mesma forma, QUINTAS (1988) constatou em seu trabalho que a mulher detém um "poder" sobre sua casa e a apresenta como possuidora de um sentimento de fragilidade, resultante do fato de que, modernamente, assume funções domésticas e extra-domésticas, sem contar quase com o apoio de seu companheiro.

O que nos chama a atenção nesses trabalhos é o "poder feminino" que é exercido pelas mulheres. Elas são em muitos casos os chefes de família: possuem casa, filhos e o companheiro é uma figura que pode ou não existir, mas a família existe - são famílias matrifocais (SCOTT, 1988). A casa pertence à mulher, a rua pertence ao homem - este é o preceito encontrado.

Dentro desta concepção, de que a casa é da mulher, é que as mães desenvolvem a educação das filhas e esses ensinamentos são acerca dos afazeres domésticos. Caberá à mães ensinar às filhas a cuidar da casa, saber cozinhar-lavar-passar, cuidar das crianças e fazê-las

notar que reside aí o seu poder. É nesse ensinar o cotidiano que se ritualizam os afazeres domésticos. O saber cuidar-de-uma-casa significa estar pronta para casar.

Uma reflexão pode ser feita a partir dos conceitos estudados sobre ritos e rituais: praticamente todos os autores que estudam a matéria utilizam as duas palavras, "rito" e "ritual", como conceitos semelhantes, significando geralmente a mesma coisa. Nem mesmo VAN GENNEP (1977), que iniciou a sistematização do estudo sobre os ritos de passagem, utilizou diferenças marcantes entre uma palavra e outra: geralmente se referia a "rito" ou "ritual" como a mesma coisa.

Coube a TURNER (1974) estudar mais especificamente o processo ritual. Mas ele mesmo também não deixa clara a diferença entre "rito" e "ritual". Revendo o "Dicionário de Ciências Sociais" (1987:1081), vê-se que o rito de passagem é definido como uma expressão utilizada por VAN GENNEP, em 1909, para descrever dois tipos de ritos:

"...os que acompanham a passagem de um indivíduo de um status social para outro, no decorrer da sua vida, e os que marcam pontos determinados na passagem do tempo (ano novo, lua nova, solstício ou equinócio)."

Entretanto, hoje, só são considerados ritos de passagem, no sentido moderno, aqueles que acompanham o nascimento, a mudança de "status" para a fase adulta, o casamento e a morte. Não existe definição para a palavra "rito", nesse dicionário, e sim para a palavra "ritual", que engloba diversos sentidos, desde os que estão ligados aos fenômenos mágicos e religiosos, como também aos que estão ligados ao social e à vida cotidiana, como um processo produtor de qualidade (op. cit.:1081):

"Esta qualidade seria a essência do social, obtida pelas transformações de fatos do domínio da vida cotidiana e ordinária em fatos de domínio do extraordinário, do significativamente marcante na vida social."

E mais adiante na mesma página:

"...o ritual enfatiza alguns aspectos da sociedade em detrimento ou em complementaridade a outros, expondo-os, enquanto alternativas definidas para a vida social."

Assim, vê-se que o ritual é considerado como a essência do social e pode ser uma alternativa de

interpretação social, perdendo por vezes seu caráter festivo, mas adquirindo uma noção de continuidade dentro do processo social na comunidade.

A pesquisa com as Jovens trouxe-me uma compreensão de como se processa sua adolescência e a ritualização existente como forma de preparação e aquisição de habilidades à vida adulta. No capítulo quarto, apresento o cotidiano das Jovens exposto nas entrevistas e os depoimentos das mães sobre os rituais vividos por suas filhas. Contudo, faz-se necessário entender como é vista pela comunidade científica a questão do cotidiano e a da ritualização, que passo a expor no próximo item.

3.3 - O COTIDIANO E OS RITUAIS

O item presente se propõe a uma reflexão sobre o posicionamento de alguns autores que consideram o processo ritual como existente no cotidiano das jovens, com a peculiaridade da camada a que pertencem. Os rituais de passagem modernamente ocorrem de maneira diversa das sociedades estudadas por VAN GENNEP (1977), como foi visto no item anterior, quando existiam fases bem demarcadas para cada idade de vida e se promoviam ritos específicos para marcar a passagem. Hoje os rituais estão presentes no dia-a-dia das jovens, não apresentando a formalidade antiga, mas surgindo como situações vividas no cotidiano.

FANNY ABRAMOVICH (1985) organizou uma Antologia sobre "ritos de passagem de nossa Infância e Adolescência", onde colecionou depoimentos de diversos autores sobre as passagens e transformações da infância e adolescência vividas por eles. Estes autores apresentam reflexões, fantasias, vivências experimentadas no dia-a-dia das idades infantis e adolescentes. A organizadora faz uma reflexão na Nota Introdutória (op. cit.:10), mostrando que as religiões e os clubes sociais tendem a efetivar a passagem com ritos determinados como a Primeira Comunhão, o Bar ou Bat Mitzvah, o Baile de Debutante, mas é nessas esferas educacionais, como a família, escola, etc, que se

efetivam os rituais de passagem, marcados como momentos cruciais de "aprendizagem de vida." Não é a celebração como rito que marca a passagem, mas as experiências que são vividas no cotidiano, as exigências, compromissos, responsabilidades que fazem a passagem de uma fase para outra.

Lembra ainda esta autora os rituais ligados à "turma", à participação no Clubinho, com suas senhas, sinais, códigos de identificação grupal (op. cit.:128). O fazer notar que está usando sutiã, o segurar o ventre, mostrando que se está sentindo cólicas menstruais, a descoberta do corpo, o apertar a cintura para fazer aparecer mais fina do que é, fazendo com que os seios pareçam maiores do que são. O não usar mais roupas infantis, todas essas mudanças levam a uma passagem, a uma experiência especial no que se está vivendo. ABRAMOVICH (1985:132) explica melhor quando diz:

"Cada mudança de meia, de cinto, de tipo de sala, de perfume, era a confirmação duma determinada etapa de vida vivida, não apenas para nós mesmos, mas como demonstração para todos...O mundo ficava sabendo sobre cada passagem nossa, a partir de cada marco incorporado ou retirado da vestimenta...O código da indumentária poderia não ser um

sinal do gosto pessoal de cada uma (e não era...), mas era lido por todos, de modo inequívoco...Tantas passagens, tantos ritos, assim vividos, assim marcados, assim lembrados: os de se fazer mulher'".

Ainda na mesma Antologia, CARMEM JUNQUEIRA (1985:176), falando sobre os ritos de passagem, diz:

"Em nenhuma sociedade a vida flui sem marcações, sem que se registre qualquer tipo de passagem. Pode-se mesmo dizer que viver é se submeter a passagens sucessivas, que se iniciam com o nascimento e terminam com a morte."

Esta autora vê os ritos de passagem como um contínuo e a vida como um "eterno rito de passagem"; esses processos, diz ela, são "rituais modernos do progresso."

Em seu trabalho sobre o "Cotidiano e a História" (1985:17), AGNES HELLER afirma:

"A vida cotidiana é a vida do homem 'inteiro': ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua

Individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias."

HELLER considera que o indivíduo quando nasce já se encontra inserido na sua cotidianidade e o viver, o desenvolver, o amadurecer são fases da vida cotidiana. Deve o homem, na sua vida cotidiana, aprender, assimilar, vivenciar todas as situações que a vida lhe apresenta; todo momento vivido está inserido no cotidiano. A vida cotidiana é repleta de imitações: o homem aprende a imitar os seu semelhantes no grupo social em que vive. Não se pode esquecer também que esta imitação leva à alienação, mas cabe ao homem criar e recriar as formas do pensamento e do comportamento para não sucumbir à alienação total e dar um significado especial na vivência da sua vida cotidiana.

Para MAFFESOLI (1984:81-86), a repetição está contida em todo ritual social; repetir é negar o tempo e a negação do tempo é o que caracteriza o concreto da vida cotidiana. A repetição existe no ritual, como domínio do

tempo e a conseqüente manutenção da harmonia social, conduzindo o homem aos atos da vida cotidiana. O ritual é observado como um fato social e, ao se repetir, conserva situações e costumes que são importantes na vida cotidiana, que foge muitas vezes às percepções teóricas. O ritual leva o indivíduo à percepção da hierarquia no seu grupo de referência e serve como fenômeno de iniciação para integrar o jovem adolescente à sua comunidade, bem como à percepção das leis que regem esta hierarquização da comunidade.

Tanto para HELLER como para MEFFESOLI, a imitação e a repetição são dados fundamentais para a ritualização na vida cotidiana. Representam um "reviver o tempo", retomar as funções do cotidiano como um aprendizado para a vida social na comunidade. A jovem, quando vive o seu dia-a-dia, repete ritualmente tudo aquilo que aprendeu e que faz parte da sua existência. Recebe dos mais velhos os ensinamentos que a levam a efetivar o seu cotidiano e a compreender a hierarquia social.

Em seu livro "Carnavais, Malandros e Heróis" (1983), ROBERTO DA MATTA faz um estudo do que são ritos e rituais, dentro da sociedade brasileira, levando a uma

análise das situações festivas e cotidianas. Vê o rito (op. cit.:29)

"como elemento privilegiado de fazer tomar consciência do mundo, é um veículo básico na transformação de algo natural em algo social."

Para ele, o rito se mostra como algo presente no plano social que recria a realidade e pode trazer a permanência, como também a mudança: a criação de uma nova ordem social ou a manutenção da existente. O ritual, diferentemente, é a dramatização dos fatos do cotidiano. Explica (op. cit.:30):

"Podemos conceituar o mundo do ritual como totalmente relativo ao que ocorre no cotidiano. Uma ação que no mundo diário é banal e trivial pode adquirir um alto significado (e assim virar rito) quando destacada num certo ambiente, por meio de uma sequência."

O ritual não deve ser tomado como diferente da rotina diária: ele é o próprio cotidiano e deve ser visto e estudado como elemento trivial de sua comunidade.

Contudo revela MATTA (1983) que rituais podem ser ressaltados como especiais e ser transformados em ritos. Os rituais trariam à tona as mensagens sociais de uma comunidade, tornando presente e conhecido algo que é vivido por ela. MATTA mostra assim a diferença entre rito e ritual; não toma uma palavra pela outra. O rito significa manutenção mas pode também trazer a mudança; enquanto que o ritual é a repetição no cotidiano, tornando o "presente" conhecido pela comunidade.

Esta questão do cotidiano e a da ritualização é também estudada por RECASENS SICHES (1970:260-261, vol I) onde se tratam os "ritos individuais" como estando relacionados às "atividades rotineiras" da vida cotidiana: o arrumar a casa e o vestir-se são execuções da vida cotidiana e podem ser ritualizados. O autor toma os ritos individuais como pertencentes à vida cotidiana em contraposição aos ritos sociais que são revestidos de solenidades especiais e devem marcar algum evento.

Os "ritos individuais", falados por RECASENS SICHES, são semelhantes ao conceito de "ritual" expressado por MATTA (1983); e os "ritos sociais" são semelhantes ao conceito de "rito" para MATTA (op. cit).

THALES DE AZEVEDO (1987:72-77), estudando os rituais, toma um posicionamento semelhante ao de RECASENS SICHES e ao de MATTA, quando fala das funções que desempenhamos no dia-a-dia e as apresenta como rituais do cotidiano, que são também de ordem social, como cumprimentar as pessoas, apertar as mãos, abraçar; ações que se realizam no dia-a-dia e que desde muito cedo as crianças vão aprendendo a executar em suas vidas. Esses rituais são aprendidos, são difundidos pela educação e se transmitem através dos tempos. Alguns rituais podem ser trocados por outros, de acordo com as mudanças dos costumes numa determinada cultura, mas quase nunca são eliminados puramente: são substituídos por outros rituais que se tornem mais adequados ao grupo social que os utiliza.

Para MARY DOUGLAS (1976:80-82), o homem é um animal ritual, tende a ritualizar tudo que lhe surge como necessário. O ritual pode ter a função de tornar conhecida uma função qualquer a um aprendiz. Ele não é a transmissão de uma experiência, mas a cada repetição ele modifica a experiência, trazendo luz à individualidade de cada ser humano.

Quando se explica o fluir do dia-a-dia (op. cit.82-83), como sequência dos dias da semana, a autora chama a atenção para o fato de não podermos experimentar

certas coisas sem a ritualização. As sequências dos dias são compreensíveis porque existem regras rituais e não podemos invertê-las. Quando se quer ensinar a alguém, ritualiza-se o fato, cumprem-se as sequências exigidas para tal ato.

Em sua Dissertação de Mestrado sobre o "Cotidiano dos Moradores da Periferia de São Paulo" (1984), TERESA CALDEIRA mostra que os fatos da vida são vistos como naturais e a sociabilização, a construção de identidade e papéis se dão no cotidiano. Os dias não são diferentes uns dos outros, mas eles se repetem, com as mesmas características para as pessoas. E diz (op. cit.:118):

"O cotidiano é repetitivo, o que começa, acaba, e recomeça da mesma maneira, é o que não tem profundidade, nem passado, nem futuro. Se a noção de tempo prevalece na nossa sociedade é sequencial e histórica. o que prevalece no cotidiano é repetitivo".

Os dados obtidos por esta autora nesse trabalho demonstram o quanto o cotidiano é regido pelas mulheres, com seus afazeres domésticos, com as brincadeiras das crianças, com a vida escolar dos seus filhos. Os cotidianos do homem e mulheres se fazem diferentes: se o

da mulher é dentro de casa, cuidando dos afazeres domésticos, o do homem se faz fora de casa, se faz na rua. O homem sai todos os dias para trabalhar, geralmente nos mesmos horários, seu cotidiano "também é repetitivo, monótono e sem atrativos" (op. cit.:129).

Ao falar sobre os jovens, CALDEIRA (op. cit.:125) mostra que é a partir dos 14 anos que se cria uma obrigação de se fazer algum serviço: os adolescentes vão trabalhar fora, fazer algum gancho; as moças são encarregadas das tarefas domésticas e do cuidado com os irmãos menores; juntamente com as outras mulheres, integram o cotidiano do bairro. Este cotidiano serve como preparação para a vida adulta, sendo "o casamento o rito de passagem para a vida adulta" (op. cit.:132). Para a autora, o ritual do casamento é iniciado anteriormente quando abarca diversas fases como a despedida de solteiro, o arrumar a casa, o decorar a igreja. A festa do casamento é o rito mais carregado de significado para a comunidade pesquisada por ela.

Os rituais de passagem encontram-se hoje mais ligados ao cotidiano, como enfatizam os autores estudados. É na esfera doméstica que eles se fazem presentes para as camadas de baixa renda ou nas "festividades" e "turmas" frequentadas pela camada de

média renda. Cada camada social "elege" a sua ritualização como forma de habilitar a jovem à vida adulta. Os ritos de passagem como eram vistos anteriormente - cerimônias especiais que marcavam a passagem de uma fase a outra - têm se transformado nos dias atuais, têm dado lugar a novas formas, como está sendo exposto neste trabalho.

Praticamente, a cerimônia do casamento é o mais significativo rito de passagem na atualidade. No entanto, os rituais preparatórios à vida adulta se multiplicam, dependendo da eleição que é feita por cada camada. Não se pode hoje desconhecer que os rituais, como os da preparação ao vestibular ou os dos trotes da universidade, são rituais da camada média.

A pesquisa que apresento neste trabalho leva a uma percepção do ritual feminino, como "algo do cotidiano", que se desenvolve desde o acordar até a hora em que vai dormir, de 2a. feira a 2a. feira. As suas "obrigações", no dizer delas, começam quando acordam pela manhã, estendem-se durante o seu dia e param à noite, ao dormir, para no dia seguinte, começarem de novo. São obrigações de mulher, que lhes são ensinadas pelas mães ou por avós ou mesmo por uma irmã mais velha, mas sempre por uma figura feminina. São aprendizados de mulher e que são

ensinadas por mulher, para tornar a adolescente uma mulher. São atos do dia-a-dia que se fazem importantes na sua preparação: são ações que têm que aprender para se tornarem mulheres, boas donas-de-casa e o marido não reclamar. Todas têm que se preparar para casar. A preparação básica é o aprendizado doméstico: o saber cozinhar, lavar, passar, arrumar a casa, saber cuidar da casa, dos filhos e do marido. Essa preparação, esse aprendizado, é o ritual feminino, todas têm que passar por ele, todas têm que viver esse ritual. Os estudos, a instrução são importantes para elas, mas estão em segundo plano. O adquirir uma profissão é bom e desejável, mas o mais importante para a vida das jovens é o aprendizado doméstico, pois significa a manutenção da subsistência.

Este ritual existe dentro da comunidade, como uma preocupação feminina na preparação das jovens para sua função de mulher: e um aprendizado de ser mulher. Cabe à jovem se interessar em aprender o cotidiano, deve repetir todos os dias as mesmas funções, até saber cuidar sozinha de uma casa. Deverá, contudo, aprender também a cuidar dos seus irmãos menores, um aprendizado que mais tarde a habilitará a cuidar dos próprios filhos. Deverá manter a casa limpa e arrumada, a comida pronta para, quando o marido chegar, encontrar tudo em ordem.

Algumas jovens manifestam a vontade de trabalharem fora de casa, terem empregos como balconistas de lojas ou caixa de supermercado, de serem secretárias de empresas, de terem uma profissão de nível superior, mas todas tinham consciência de que deveriam, antes de ir para o trabalho ou quando voltassem, manter a casa organizada, comida pronta para o marido e os filhos.

As jovens em questão sabem que estão numa idade (adolescente), em que devem se preparar para o desempenho das funções domésticas, para quando casarem saberem acionar esse aprendizado de mulher-dona-de-casa. Sentem-se jovens, ainda despreparados, mas procuram se ajustar para desempenharem sua função.

O aprendizado é visto por elas como um ritual por que toda moça deve passar: todas devem aprender a fazer os afazeres domésticos. São vistas com menosprezo as jovens que não se interessam por estes aprendizados: "vagabundas que não se interessam em aprender e que ficam o tempo todo conversando pela rua."

O aprendizado de ser mulher é realizado dentro da casa, a rua é lugar de homem. É dentro da casa que se vão transmitir todos os rituais domésticos, todos os aprendizados que toda dona-de-casa deve saber.

NOTAS

- (1) Morin , 1984, vol. I, pág. 148 e nota do tradutor onde se diz: Pedocratização - palavra formada com sufixo grego "pais, paidos," (criança), termo utilizado para contrapor à gerontocratização.
- (2) Ariès, 1978, pág. 36 explica as idades da vida a partir de textos da Idade Média, as quais subdivide em : infância até os 7 anos, puerícia até os 14 anos, adolescência até os 28 anos, juventude até os 45 anos, senectude até os 60 anos, velhice até os 70 anos ou um pouco mais e a última fase é a senilidade. Nessa divisão, a juventude e a senectude corresponderiam à fase adulta de que fala Morin.
- (3) Apesar da pesquisa ter sido realizada no fim do século XIX, o livro de Stanley Hall foi editado em 1904.
- (4) Morin, 1984; Rosenmayr, 1968; Erikson, 1976; Osório, 1983; Aberastury e Knobel 1981, Aberastury e outros, 1980; Blos, 1985; Knobel, 1981; Kalina, 1976; Kusnetzoff, 1980; Spranger, 1970; Muss, 1976; Rocheblave-Spenlé, 1975. Anna Freud, 1977.

- (5) Praticamente todos os autores citados na nota (4) concordaram em que a faixa de idade da juventude é variável de acordo com o hemisfério, clima, cultura, alimentação, etc. A Organização Mundial de Saúde-OMS - define como idade da adolescência e juventude o período das idades de 10 a 25 anos.
- (6) Kalina, 1976, pág. 11 diz que alguns casos de adolescência podem anteceder a puberdade: as mudanças psicológicas podem ser encontradas em jovens que ainda não entraram na puberdade.
- (7) A Assembléia Nacional Constituinte aprovou o capítulo VII, do Título VIII que se refere: A família, à criança, ao adolescente e ao idoso. (grifo nosso).
- (8) Quando da confecção desta Dissertação a Assembléia Nacional Constituinte aprovou em caráter facultativo o voto de menores de 16 anos.
- (9) Publicação Científica, nr. 489 da OMS-OPAS.

- (10) Pulsão sexual é a pressão interna que, para a psicanálise, atua num campo muito mais vasto do que o das atividades sexuais no sentido corrente do termo. Vocabulário de Psicanálise - Laplanche e Pontalis, 1970.
- (11) Complexo de Édipo é o conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. Vocabulário de Psicanálise - Laplanche e Pontalis, 1970.
- (12) Objetos de amor iniciais aqui se referem aos pais, mas Laplanche e Pontalis no Vocabulário de Psicanálise, (1970:407) afirmam: "A noção de objeto é encarada em psicanálise sob três aspectos principais: a) Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e por que esta procura atingir o seu alvo, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasmático. b) Enquanto correlativo do amor (ou do ódio), a relação em causa é então da pessoa total ou da instância do ego, com um objeto visando também como totalidade (pessoa, entidade, ideal, etc). c) No sentido tradicional da filosofia e da

psicologia do conhecimento, enquanto correlativo do sujeito que percebe e conhece, é aquilo que se oferece com características fixas e permanentes, reconhecíveis de direitos pela universalidade dos sujeitos, independentemente dos desejos e das opiniões dos indivíduos."

- (13) "Libido é a energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto ao alvo (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)". Vocabulário de Psicanálise - Laplanche e Pontalis, 1970.
- (14) "Ego - do ponto de vista tópico, o ego está numa relação de dependência às reivindicações do id, bem como quanto aos imperativos do superego e às exigências da realidade. Embora se situe como medidor, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, a sua autonomia é apenas inteiramente relativa. Do ponto de vista dinâmico, o ego representa eminentemente, no conflito neurótico, o pólo defensivo na personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal

de angústia). Do ponto de vista econômico, o ego surge como um fator de ligação dos processos psíquicos; mas, nas operações defensivas, as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário: assumem um aspecto compulsivo, repetitivo, desreal." Vocabulário de Psicanálise - Laplanche e Pontalis, 1970.

(15) "Angústia é a reação do indivíduo sempre que se encontra numa situação traumática, isto é, submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, que é incapaz de dominar." Vocabulário de Psicanálise - Laplanche e Pontalis, 1970.

(16) Quando da confecção desta Dissertação, recebi do Conselho Federal de Psicologia a Revista "Psicologia - Ciência e Profissão", que fala do problema do menor interno em instituições especializadas na Assistência ao menor - FEBEM

(17) Anne Frank foi uma adolescente judia que morreu em campo de concentração, em 1945, e deixou um diário que foi editado em todo o

mundo com o título "O Diário de Anne Frank". No Brasil ele é editado pela Editora Record e está na 12a. edição.

(18) Remissão a um artigo (sem autor) da Revista "Psicologia Ciência e Profissão" - Conselho Federal de Psicologia (pág. 6), que diz: "Embora a economia brasileira tenha avançado significavelmente, ocupando o 8. lugar na escala mundial, vivem atualmente no país cerca de 70 milhões de brasileiros em situação precária. Quanto aos menores de 18 anos, a Fundação IBGE calcula em cerca de 36 milhões os que vivem em situação precária, ou seja, aqueles cujos pais recebem menos de dois salários mínimos."

(19) No Brasil, os Ticuna ou Tukuna são a única tribo que valoriza o ritual feminino como de importância para a vida de sua comunidade.

IV - Capítulo
AS ATRIZES EM QUESTÃO

4.1 - AS MÃES

Durante as visitas realizadas para as entrevistas com as adolescentes, algumas mães se mostraram bastante receptivas, bem como interessadas em falarem sobre suas filhas e sobre como percebem as jovens da sua rua e do bairro. Nem todas, no entanto, permitiram a gravação das "conversas" que tivemos sobre as jovens. Fui ouvindo, anotando no diário de campo, observando e procurando assimilar tudo que podiam me transmitir. Somente quatro mães permitiram a gravação, sendo que três mães moram na Rua 15 de Outubro e uma, na Rua 6 de Janeiro (1).

Duas mães que permitiram a gravação estão na faixa de idade entre 30 e 40 anos, uma na faixa entre 40 e 50 anos e outra entre os 50 e 60 anos. Moram no bairro já há algum tempo: duas mães há mais de 10 anos e duas há mais de 20 anos. Duas delas são provenientes de famílias vindas do interior do nosso Estado, as outras duas são originárias das cidades do Recife e de Olinda.

Todas as quatro mães têm filhas adolescentes que foram entrevistadas, sendo que duas delas tiveram dois filhas, respectivamente, incluídas na pesquisa. Duas mães pertencem à religião da Assembléia de Deus e as outras duas são da religião Católica, sendo que uma é praticante e a outra o é simplesmente por tradição da sua família. Das quatro mães entrevistadas, três são casadas e vivem com o marido. Uma é praticamente separada, pois o marido só aparece quando quer, tendo inclusive, constituído outra família. É ela quem sustenta a família, costurando e fazendo trabalhos para fora (2). Os serviços domésticos são realizados por duas filhas. As 3 mães, que são casadas, costumam também, mas só para os filhos e o marido, não contribuindo com qualquer remuneração para o orçamento familiar.

Todas as quatro mães afirmaram que suas filhas ajudam na execução dos afazeres domésticos e que começaram com estas atividades por volta dos 9, 10 e

11 anos, quando já se mostram capazes de realizar determinadas tarefas sozinhas e aprendem com facilidade, devendo chegar aos 15, 16 anos sabendo fazer de um tudo dentro de casa, como lavar e passar roupa, arrumar a casa, cozinhar e saber cuidar de crianças pequenas.

"É um conselho que dou as minhas filhas; fazer um almoço, saber lavar uma roupa e isso aí eu ensino: a de 11 anos já sabe cozinhar, ela prepara feijão, ela prepara carne, arroz e ninguém diz que foi ela que fez. Então eu acho muito importante elas saberem fazer, porque toda a vida elas não vão me ter, não é? Então mais tarde ela não está sofrendo e sou contra a uma mãe que não ensina a filha a fazer."

(Nara Miriam)

"Sim, todas as moças, porque, quando se casa, chega numa casa não sabe nem fazer comer para o marido, lá vai a mãe fazer, coisa errada. Eu acho que seja, dela mesmo aprender pra fazer."

(Filomena Silva)

"10 anos eu já fazia, minha mãe mesmo me botava para fazer serviço já com 10 anos."

(Verlana de Jesus)

As mães, sem exceção, não só as entrevistadas como também aquelas com que conversei em minhas andanças pelo Bairro, acham que é obrigação delas, mães, ensinar às filhas estes afazeres domésticos, como também é obrigação das filhas aprenderem estas funções e ajudá-las a manter a casa em ordem. Vêem os afazeres domésticos como uma função "inerente" à mulher e todas têm que saber fazê-las para se prepararem para o casamento, o que é considerado algo indispensável para a vida futura da jovem. Cabe às mães transmitirem e iniciarem suas filhas nas funções domésticas como fizeram suas mães e avós, com elas. Afirmam geralmente que "cabe à mulher tomar conta da casa, dos filhos, e do marido; ao homem cabe trazer o dinheiro para o sustento da família". No entanto, quando o marido não fornece o dinheiro para o sustento da família, caberá à mãe trabalhar em casa ou fora dela para obter o dinheiro para o sustento e as filhas farão o serviço doméstico. Os filhos deverão trabalhar para ajudar à mãe no sustento da casa, mas a responsabilidade ficará ao encargo da mãe. Uma das mães assim se expressa:

"as moças têm que aprender tudo para não depender do marido e ter voz ativa, devem saber cozinhar, lavar, passar e costurar."

(Nara Miriam)

Na opinião das mães, as filhas têm que ser criadas presas em casa, aprendendo seus serviços domésticos para serem boas donas de casa. Numa das "conversas", uma mãe me revelou:

"Ensinava minhas filhas serem boas donas de casa, serem meninas de vergonha, ter seu lar e respeitar o marido, como eu me criei, como minha mãe me ensinou [...] pretendia que elas não sofressem e pedia a Jesus para elas viverem bem."

(Verlana de Jesus)

Outra mãe, também preocupada com os ensinamentos domésticos, colocou:

Bem, eu acho que deve ser obrigação da mãe e, podendo ou não, a hora que tiver um tempo, é obrigação da mãe ensinar, eu acho que seja assim, sabe? Não esperar pelos outros, esperar pela própria mãe que a mãe ensina e orienta o que é bom e o que é ruim."

(Filomena Silva)

As mães se referem aos cuidados com as filhas: querem que casem virgens, com um homem bom, trabalhador,

que não beba e que seja um bom dono de casa. Namoro só em casa ou, quando saírem, só acompanhadas de uma irmã ou um outro parente. De preferência o namorado deverá ser da mesma religião de suas filhas e querer casar em pouco tempo, como falaram as mães:

"A moça só deve namorar com rapaz que trabalha e que tenha emprego, pois menino só namora para se aproveitar e falar mal das menina."

(Augusta Maria)

"A mãe tem que ter muito cuidado com as filhas, para não sofrer, não ter desgosto. O rapaz tem prazer em casar com a moça virgem e a moça deve respeitar o marido até o fim da vida."

(Verlana de Jesus)

Este discurso das mães das jovens pesquisadas já é referido por THALES DE AZEVEDO (1988: 58), que o apresenta de maneira semelhante, quando refere-se às escolhas do "marido" para as filhas: as mães desejam que o jovem pretendente tenha nível idêntico ao da moça, mesma religião e "status" ("moço trabalhador").

Geralmente, as mães querem que suas filhas estudem e se formem em alguma "coisa" que lhes permita obter melhores empregos, futuramente, pois lembram que, sabendo fazer os "afazeres domésticos", pelo menos, podem conseguir emprego de empregada doméstica. Mas desejam que suas filhas possam ganhar mais com empregos no comércio, em bancos ou mesmo em alguma profissão liberal. As mães ressaltam que, em caso das filhas não desenvolverem alguma habilidade para os estudos, já sabem cuidar de uma casa; logo, poderão se empregar numa "casa de família". (3)

Ao mesmo tempo, o discurso das mães é controvertido no tocante às escolhas profissionais. Às vezes mostram-se preocupadas com as profissões, tidas por elas como mais masculinas e preferem que suas filhas escolham uma profissão mais feminina. Uma das mães assim se expressou:

"Ela agora não disse mais a mim o que ela quer fazer mais, não. Ela vai estudar, não sabe se vai fazer o magistério ou não sabe se vai fazer como é o nome, ser advogada, advocacia, eu não sei não, ela já está mudando de idéia. Porque eu já disse a ela que advogada mulher é muito chato; é melhor em homem que em mulher. Aí ela disse que

está mudando de idéia, é bom que ela mude mesmo, ela gosta de criança, ela vai ser professora mesmo."

(Filomena Silva)

Afirmam as mães que, aos 15 anos, suas filhas estão numa idade para namorar, mas só devem casar depois dos 18 anos ou mais. Antes as moças casavam cedo, como é o caso delas mesmas, mas hoje as jovens não precisam casar tão cedo e ainda mais têm que estudar e se preparar para desempenharem algum trabalho. Uma das mães, referindo-se ao casamento, afirmou:

"A moça só deve casar quando souber fazer tudo na casa, não deve levar carão do marido e vai culpar a mãe porque não aprendeu."

(Augusta Maria)

Os "afazeres domésticos" não são vistos como trabalho, mas como uma função específica da mulher e, caso queiram trabalhar fora, ter algum emprego, deverão, antes de sair para os seus trabalhos, deixar a casa arrumada, comida pronta e, ao voltar, à noite, terminar o seu serviço doméstico. A dupla jornada de trabalho é encarada pelas mães como algo bastante natural às mulheres, fato também encontrado por MOTTA e SCOTT (1983: 44-46).

As que quiserem trabalhar para fora têm que cumprir a sua tarefa de mulher e ter sua casa arrumada. Poderão, contudo, ter a colaboração dos filhos ou mesmo da própria mãe, mas não deverão relaxar a sua responsabilidade de dona de casa.

"Eu ensinava a elas, lavava roupa, faziam almoço, varriam a casa, faziam compras, mercadinho e estudavam."

(Verlana de Jesus)

"Ensino a fazer, cuidar de almoço que é necessário, lavar a roupa, lavar talher, fazer o serviço da casa, fazer tudo, acho que quando casar, tem que saber fazer tudo."

(Maria Augusta)

"Acho, para isso eu ensino, eu só tenho pena porque elas não sabem costurar, e eu quero que elas aprendam [...] eu converso muito com elas: estude para se formar, pra ter um bom emprego, pra não viver às custas de homem."

(Nara Miriam)

As mães consideram que a função do marido é trazer o dinheiro para o sustento da família, como também ser um bom marido, não bebendo e não batendo na mulher, vivendo bem com os filhos (4). Mesmo que o homem tenha um "gancho" fora, é dever da mulher lutar pela família e uma delas afirmou:

"Dizia às minhas filhas que não queria que namorasse com rapaz que bebesse, que fumasse e que dançasse gafeira, que não fizesse farra, mais tarde iam sofrer, fizesse como eu, que casei com um homem que não bebe: antes ele gostava de mulher, agora tá quieto, sofri um pouco, mas consegui que ele modificasse. Eu sóbi criar, criei como minha mãe me criou."

(Verlana de Jesus)

No que se refere às "festinhas", as duas mães da religião Católica são mais flexíveis: vêem-nas como necessárias à formação de suas filhas. As outra duas mães que são da religião da Assembléia de Deus acreditam que é melhor ficarem em casa: "festinha" só em casa ou na igreja. Uma dessas fez aniversário de 15 anos para duas filhas, em casa; para a caçula não fez, porque ela não merecia, é muito revoltada".

Quando se expressa na revolta da filha, essa mãe refere-se ao fato de a jovem não acatar as decisões dela, pacificamente, e geralmente questionar suas ordens.

As quatro mães entrevistadas relataram que não permitem que suas filhas frequentem gafieira ou que saiam com moças que não conheçam. De acordo com as quatro mães, os pais também não gostam que suas filhas frequentem festas ou gafieiras, preferem que fiquem em casa. A gafieira é vista por essas mães como um "lugar de perdição", pois as moças que frequentam ficam "faladas". A tonalidade moral apresentada pelas mães leva-me a crer que esteja em parte ligada à sua formação religiosa, pois sempre faziam referência às gafieiras como lugar do demônio. Relatam, ainda, que no bairro não há clubes ou qualquer lugar onde possam ir, como praças, cinema, praia ou qualquer diversão. As jovens só podem mesmo se encontrar nas igrejas ou em suas casas, para conversarem. Os colégios só servem mesmo para irem às aulas e de lá voltam logo para casa (5), pois não podem permanecer em suas instalações, devido à existência de outros turnos escolares. As quatro mães apresentam-se conformadas com sua situação de mulher doméstica e dão graças a Deus "por serem pobres, mas honestas"; são mães de família, cuidam da sua casa como lhes foi ensinado e transmitem as suas filhas tudo o que é "certo para uma mulher", como uma delas relatou:

"Crio elas pra ser dona de casa e ser boa mãe, ter seu lar, né? E respeitar os maridos, né? Sempre eu ensinava assim, como eu me criei, né?"

(Verlana de Jesus)

As quatro mães entrevistadas sabem que nem todas as moças são educadas como elas educaram as suas filhas; sabem que existem moças que são "faladas", "solitas", "vadias", "que não querem nada com a vida, só querem 'é "bater perna pela rua atrás de homem." Sabem ainda que tudo isto pode ser fruto do modernismo que existe nos dias de hoje, contudo, não querem para suas filhas esta influência do modernismo, preferem transmitir às suas jovens regras antigas, tradicionais que lhes foram transmitidas por suas mães, também para que se tornem, futuramente, mães que gostem da sua família e sejam capazes de educar seus filhos como foram educadas.

"...A turma daqui tem inveja delas, sabe? Porque eu não deixo ela sair com elas, que a maioria dessas meninas daqui são tudo falada e, se juntar, vai ficar do mesmo ritmo delas, já são despeitadas com elas. Aí eu não quero, não [...] Demais, ter uma fama é muito ruim. É muito triste [...] Amiga dela é eu, os irmãos e o namorado dela."

(Filomena Silva)

"Bem, eu educo elas, eu acho dentro do limite, porque da mesma maneira que eu educo elas, eu educo os meus filhos."

(Nara Miriam)

As jovens consideradas mais "faladas", "soitas" e "vadias" são vistas pelas mães pesquisadas como filhas de pais desajustados ou de mães que não lhes dedicam atenção. Acrescentam que estas jovens são filhas de pais sem religião e amor pelos filhos. Acreditam que Deus está mais próximo dos pobres do que dos ricos, protegendo suas famílias. Uma das mães católicas assim se expressou:

" O rico tem mais problema que o pobre, pois não tem fé e não acredita em Deus. O pobre reza, ora a Deus e consegue as coisas que quer. O rico só quer saber de granfinagem, de carro novo, empregadas e não liga para Deus. A gente tem mais Deus com a gente; Jesus fica mais próximo da gente do que do rico."

(Nora Miriam)

As mães mostram que a salvação do Bairro está no grande número de igrejas existentes de diversos credos religiosos, como a Católica, a Assembléia de Deus, a Batista, a Presbiteriana, a Adventista, a Pentecostal,

entre outras. Pouco se referiram aos xangôs ou candomblés ou a eles se referem num sentido pejorativo, como "colea de gente atrasada" e "que tem parte com o demônio." Acreditam mesmo que existam poucos terreiros; os existentes ficam perto de Beberibe e essa referência mostra a influência deste bairro na formação inicial de Águas Compridas. Na entrevista com o senhor Israel Brás (6), ele afirmou que os proprietários dos Sítios (antigos sítios que deram formação ao Bairro de Águas Compridas) não permitiam a formação de terreiros em suas terras, ficando quase todos em Beberibe, Caixa D'Água e bairros das adjacências. Entretanto, BRANDÃO (1987) e MENDONÇA (1975) mostram que existem alguns terreiros neste bairro.

O surgimento das Igrejas Cristãs no Bairro influenciou marcadamente o comportamento dos seus habitantes: muitos são os homens que deixaram de beber bebidas alcoólicas, depois de frequentarem as Igrejas, principalmente as Protestantes - Assembléia de Deus, Batista, Presbiteriana e outras. Tornaram-se mais ligados à família, como afirmam as mães entrevistadas e outras com quem conversei. A maioria das mulheres acredita que o álcool é o que leva os homens à sua própria destruição, não trabalhando e abandonando suas famílias. Essas religiões pregam ainda a permanência dos seus membros no seio familiar e a obediência total às leis de Deus e à Bíblia.

As mães e jovens protestantes foram despojadas de valdade, segundo elas: não é permitido o uso de roupas da moda, bem como de blusas decotadas, calças compridas ou shorts: não podem cortar o cabelo nem usar qualquer tipo de maquiagem. As intimidades sexuais são proibidas, só existindo um relacionamento sexual no casamento e geralmente voltado á procriação.

Na religião católica, as mulheres têm mais liberdade quanto ao uso de roupas ou maquiagem, mas também são levadas, à semelhança das protestantes, a uma proibição de intimidades sexuais, o que nem sempre é observado pelas jovens, segundo suas mães.

As mães têm um ideal para suas filhas, mas nem sempre o conseguem atingir. Elas idealizam uma vida diferente das suas, quanto ao aspecto econômico: que não sofram as necessidades por que passaram e possam criar seus filhos de uma forma mais saudável. Contudo, desejam também que suas filhas tenham as mesmas idéias e vivam sem se render aos apelos de suas épocas, o que se torna na realidade quase impossível. O rádio e a televisão influenciam demais o comportamento das jovens, apresentando um mundo diferente daquele em que vivem, afirmam as mães. MORIN (1977: 138 VOL - 2) nos mostra o quanto os meios de comunicação atuais levam os costumes e

hábitos de um grupo social para outro, influenciando sobremaneira os hábitos dos jovens. Estes, buscando novos caminhos, encontram-se pelos meios de comunicação com outras culturas diferentes da sua. As jovens de Águas Compridas não são diferentes das demais: têm suas restrições educacionais, mas também têm seus desejos adolescentes de se divertir, usar roupas da moda, maquiar-se, dançar etc. No entanto a diferença se apresenta exatamente na hora da aquisição de bens passageiros como as roupas da moda, de difícil acesso econômico. As jovens procuram se manter informadas do que acontece na moda, nos hábitos das culturas mais abastadas, almejando, quem sabe, um dia, adquirir tudo aquilo que desejam e com que sonham.

4.2 - O COTIDIANO DAS JOVENS

Neste item serão enfocados os depoimentos das jovens nas entrevistas e as suas colocações sobre si e suas vidas. Os rituais por que passam, bem como seus significados em seu cotidiano.

O discurso das jovens pesquisadas revelou um entusiasmo especial pela participação nas entrevistas, por terem a oportunidade de falar de si, de suas vidas, do seu cotidiano, dos projetos para o futuro. Relataram, ainda, que sentem necessidade de "desabafar" com alguém, que as ouça e entenda. Gostariam de ouvir pessoas que pudessem lhes explicar os fatos, os sentimentos, as curiosidades relacionadas à vida, ao sexo e à sexualidade.

Nas entrevistas, as incertezas e dúvidas surgiram em abundância e são relativas a quase todos os temas pesquisados; a única certeza a que se referiam era o desejo de se casarem. Todas as jovens manifestaram o "desejo de casar", fato de maior significado para elas: casar faz parte da vida da mulher.

Neste momento, tenho que definir o que é "casar" para elas. O "casamento na igreja" e no "juiz" é a aspiração de todas elas; no entanto, sabem que nem sempre

Isto é possível: as dificuldades, às vezes, são de base econômica; às vezes, de outra ordem - antecipadamente, a fuga precipitada com os namorados ou a passagem para a vida de casada sem o aspecto legal também dificultam a realização desse sonho (SCOTT, 1988:12) Então "casar" é estar "vivendo" com um homem, ter casa e filhos, mesmo que a casa seja a dos pais ou outro parente. Elas manifestaram que, ao se casarem, gostariam de ter sua casa mas reconhecem que é uma situação ideal e nem sempre imediatamente atingível. Uma das jovens pesquisadas, que é casada, assim se expressou:

"Eu me casei porque eu gostava do rapaz, deu aquela vontade de casar, porque também queria sair de casa, queria somente depender do marido mesmo, eu queria ter minhas coisas, minha casa, por isso eu quis casar... O que eu penso pra mim no futuro é ter uma casa pra mim, Deus me livre meu marido morrer e só ter minha casa e meus filhos."

(Bernadete da Conceição - Rua 15)

No discurso das adolescentes, havia um ponto em comum: a referência às atividades domésticas. Os "afazeres domésticos" são vistos por elas como a preparação básica para o casamento. Suas vidas estão voltadas para ele e desde cedo (algumas na infância, a

maioria no começo da adolescência) aprendem funções que terão que desempenhar futuramente na vida de casada.

"Eu acho que toda moça deveria aprender porque mais tarde ela vai precisar, né? Quando ela tiver a sua própria casa, ela vai precisar fazer, se ela não sabe fazer nada, ela dança na certa, tem que saber fazer tudo mesmo e desde arrumar a casa, lavar prato, roupa, até fazer almoço, ela tem que saber fazer mesmo, que se ela tem um marido, eu acho que ele vai gostar de ver tudo limpo, tudo bem arrumado, tudo pronto, não vai gostar que ela queime a comida, né? Eu acho que ela deveria aprender mesmo.

(Neide Rejane - Rua 15)

"Quando a pessoa quer casar, sempre deve saber as coisas, saber, para que o marido, quando deixar, dizer que essa mulher é relaxada, não sabe fazer nada e ela só quer não cuidar de nada, não cuida do filho, da casa, não sabe fazer nada."

(Ane Lúcia - Rua 8)

O cotidiano de suas vidas está ligado à preparação para o casamento: passam a adolescência se preparando, habilitando-se às funções domésticas, treinando para um bom desempenho no futuro, quando casarem. A maior preocupação das jovens é com o aprendizado das funções domésticas e o significado que elas têm para seu futuro - ser moça prendada, para saber cuidar da casa e do marido.

Ao serem interrogadas sobre qual é a obrigação da mulher (7), 43 jovens entre as 45 entrevistadas - o que equivale a dizer 96% - afirmaram ser essa sua obrigação: "cuidar da casa, dos filhos e do marido." Duas jovens (4%) não responderam coisa alguma. Ainda manifestaram que gostam de fazer essas obrigações 93% das jovens e 7% não se expressaram. Nas entrevistas, indaguei se viam essa "obrigação de mulher" como uma situação imposta por alguém; nas respostas obtive uma apreciação de que ela é "inerente" e essencial à mulher.

"Eu acho que é essencial à mulher. Ela nasceu para fazer isso mesmo, tomar conta de casa... Foi Jesus, né? Que deu essa

obrigação a ela, ela arrumar a casa, ter seu marido, tomar conta da casa, agora também ter liberdade, não deixar ficar só em casa, se dasandando. Ficar desleixada."

(Maria de Jesus - Rua 12)

"Obrigada, não; bem dizer, obrigada, não. Ela deve fazer o necessário dela. É o dever dela, né?"

(Sônia Regina - Rua 15)

"Gosto, gostaria de aprender mais e mais, porque quando casar não tá dependendo de ninguém."

(Alba Maria - Rua 15)

Casar é o sonho das jovens, mas, para que isso aconteça, faz-se necessário o saber desempenhar as funções de dona-de-casa. Com o casamento, a jovem adquire o "status" de casada, o rito de casamento pode existir ou não, mas o ritual preparatório se faz necessário: "o aprendizado cotidiano dos afazeres domésticos". Esse

aprendizado é que vai habilitá-la para a função de dona-de-casa e para o casamento.

O ritual preparatório para o casamento, o aprendizado dos afazeres domésticos, inicia-se por volta dos 11, 12 e 13 anos em sua maioria, conforme se vê na Tabela 01, devendo a adolescente estar preparada ao chegar aos 15, 16 anos. Com esta idade ela estará habilitada para o casamento que pode acontecer assim que se sinta preparada ou mais tardiamente, por causa dos estudos ou pela necessidade do trabalho para a aquisição de algum dinheiro para a preparação do enxoval.

A idade "ideal" para casar, na concepção das jovens, é muito variada: 16, 17 anos para umas, depois dos 18 anos ou na faixa de 29, 30 anos para outras; algumas acham que em qualquer idade se pode casar, sem especificar a idade ideal.

Algumas jovens gostariam de poder adquirir um enxoval melhor e criticam aquelas que não o preparam, chamando-as de vagabundas. Outras afirmaram ainda que é

bom, ao se casar, ter um emprego, pois ajudariam ao marido nas despesas.

TABELA - 01

Idade em que iniciou os afazeres domésticos
(n= 45)

IDADE (anos)	QUANTIDADE (%)
6	4
7	2
8	2
9	8
10	8
11	14
12	25
13	20
17	2
s/ Informação	13
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

Em estudo com meninas e adolescentes (7 a 14 anos) em Salvador, MACHADO NETO (1984:220-249) detectou que o trabalho infantil, às vezes, se iniciava até por volta dos 4 a 5 anos de idade. Esta pesquisa balana foi realizada em favelas incrustadas em bairro de classe média. Mas afirma a autora (op. cit.:235) que é a partir dos 10 anos que a menina tem como definidos os seus afazeres domésticos. Na pesquisa realizada em Águas Compridas, como se vê na Tabela - 01, só 17% dos casos iniciaram os afazeres domésticos antes dos 10 anos (2). Esses afazeres lhes são ensinados e reensinados na adolescência, como explicou uma jovem:

"Ela [a mãe] ficava fazendo e eu olhando, depois de outra vez que ela ia fazer de novo, aí eu é que faço e ela fica olhando, quando assim não, ela vai, bota comida, aí ela tira, aí eu fico fazendo, depois que faço, boto no fogo e fico perguntando a ela se tá bom de tirar; aí ela vai lá, olha; aí sai, aí eu fico sozinha, agoniada na cozinha. Pego, tiro assim mesmo. Quando ela chega, aí diz: tá bom; aí ela diz: já tá aprendendo. Aí eu fico lá fazendo o resto sozinha."

(Efigência Rosa - Rua 15)

Aqui também foi verificado que é a partir dos 10 anos que a jovem é levada pela mãe a executar as tarefas

domésticas: antes dessa idade essas tarefas podem ser vistas como "brincadeira" de cuidar-de-casa.

"Olhe, com 6 anos minha mãe me botava no banco para ver ela lavando os pratos, para ver ela fazendo comer, para ver ela lavando roupa, aí eu fui olhando, fui botando na minha cabeça, fui olhando, com os tempos eu fui aprendendo as coisas, a fazer bolo, mesmo: ela fazendo bolo na mesa, aí eu ia olhando, aí quando foi no outro dia eu fui tentar fazer o bolo e fiz, ela foi quem me ensinou... Comecei a fazer tudo com 11 anos: 11 anos eu já sabia fazer tudo, quando ela sai ela nem se preocupa, eu faço comer, lavo roupa, lavo prato, faço tudo."

(Ane Lúcia - Rua 6)

As jovens relataram que as mães sempre as chamavam para que elas presenciassem a confecção da comida, a lavagem da roupa e a arrumação da casa, diariamente. No discurso das jovens, a mãe é a pessoa que deve prepará-las para se habilitarem aos afazeres domésticos (tabela D2), desenvolver nelas o gosto pelas "coisas de casa", ter paciência para que elas possam aprender tudo certo. A mãe deve repetir todos os dias na frente da filha os "afazeres domésticos", até que ela aprenda.

A avó pode ensinar também, quando a mãe está muito ocupada ou ausente, dizem elas. Uma das jovens aprendeu com a "patroa", pois sua mãe já havia morrido, quando era ainda bem pequena e outra aprendeu com a irmã, devido ao falecimento da mãe. O caso mais incomum é de uma jovem que aprendeu os "afazeres" com a "empregada" da sua casa, pois seus pais trabalhavam o dia inteiro (são funcionários públicos) e ela é a única moça da família: os seus irmãos são mais velhos e todos rapazes.

TABELA - 02

Especificação da pessoa que ensinou os afazeres domésticos
(n= 4)

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (%)
Mãe	81
Avó	4
Patroa	2
Irmã	2
Empregada	2
s/ Informação	9
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

O que se pode inferir no discurso das jovens é que cabe à "mulher iniciar outra mulher, para que aprenda a ser mulher"; é a transmissão de um "ritual feminino" para a continuação de uma tradição: a de ser dona-de-casa. É passada às jovens como uma função "inerente" à mulher:

"A mãe da gente tem obrigação de ensinar as coisas à gente; a fazer dentro de casa."

(Angélica Souza - Rua 12)

"Ela pegava na vassoura e me dava e eu ia e varria a casa, ela dizia: não tá certo, não, tá errado, tá cheio de lixo ali, varra direito, eu ia e varria direito, varria 3, 4 vez, depois quebrava muito prato, muito copo, aí ela ficava irritada: não sabe fazer direito, não quer fazer, aí eu saía nas carreira, ficava chorando, aí ela olha pra mim e diz: que bicha mole, fica chorando pelos cantos. O feijão, quem me ensinou foi minha avó, agora eu vivo com ela, vou de manhã, chego de tarde, faço lá o comer, ela me ensina assim, ensina a fazer bolo, pastel, tudo."

(Efigênia Rosa - Rua 15)

Vale ressaltar que as mães das jovens pesquisadas são em sua maioria donas-de-casa ou trabalham dentro de casa, conforme se vê na Tabela - 03. Assim, as

mães podem dar a assistência necessária para o aprendizado dos "afazeres domésticos" e preparar as suas filhas mais adequadamente para o casamento, segundo suas próprias convicções.

TABELA - 03

Caracterização das atividades das mães das jovens

(n= 45)

ATIVIDADES		QUANTIDADE (%)
Exercidas no lar: (exclusivamente)	dona-de-casa	58
	costureira	19
	lavadeira	5
	SUB-TOTAL	80
Exercidas fora: do lar	professora	2
	empregada doméstica	2
	caixa de mercadinho	2
	manicure/cabeleleira	5
	merendeira	2
	Func. pública	2
	SUB-TOTAL	15
s/ informação		5
TOTAL		100

Fonte: Pesquisa da autora

As mães também são um modelo para suas filhas: elas estando dentro de casa, em sua maioria, influenciam as filhas para as atividades domésticas e para o papel de dona-de-casa, que necessariamente se cumpre dentro de casa, pois lugar de homem é na rua, trabalhando; lugar de mulher é em casa, com seus "afazeres domésticos". Outros autores (SCOTT, 1988, QUINTAS, 1986) encontraram afirmações semelhantes em suas pesquisas: a mulher valoriza e é valorizada por estar dentro de sua casa e o homem é valorizado como provedor, estando na rua, trabalhando.

"O homem deve trabalhar para sustentar a sua esposa, né? Quando ele é solteiro, sustenta a mãe, dá alguma despesa na casa."

(Serafina Helena - Rua 15)

"O homem deve trabalhar pra fora, pra sustentar sua mulher."

(Ana Josefa - Rua 15)

"As obrigações do homem são trabalhar, né? Trabalhar e manter a casa sempre certinha, né? Viver com sua esposa, respeitar a esposa, criar os filhos, educar os filhos."

(Neide Maria - Rua 12)

Um aspecto que chama a atenção é que mesmo com essa expressão do cotidiano dos "afazeres domésticos", as jovens aspiram a trabalhar fora de casa, ter uma profissão e desempenhar alguma função remunerada: poucas, no entanto, escolheram ser donas-de-casa exclusivamente, como mostra a Tabela - 04. As jovens têm noção de que nos dias de hoje, "com a carestia", as mulheres têm que ajudar nas despesas da casa. O que o marido possa ganhar, dificilmente cobrirá todas as despesas.

TABELA - 04

Caracterização da aspiração profissional das jovens pesquisadas
(n= 45)

ATIVIDADES	QUANTIDADE (%)
dona-de-casa	2
empregada doméstica	6
professora	29
secretária	12
profissões de nível superior	22
outros tipos de profissões: (comerciária, bancária, telefonista, etc)	27
s/ informação	2
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

Verifica-se que seus sonhos, seus desejos são tanto no sentido de uma profissão definida, como também de um trabalho certo e adequado às suas aspirações. Contudo sabem o quanto é difícil para elas fazerem um curso universitário ou mesmo um curso técnico, em que possam adquirir uma formação especializada.

"Eu é de computação, minha irmã fez curso de computação, datilografia e fez muito curso por aí, aí por isso que ela foi para São Paulo e, quando chegou lá, minha prima arranhou muito emprego para ela, está vivendo bem e manda presente pelo correio. Aí, por isso que eu quero ter pelo menos assim: 3 cursos pra mim, de computação, datilografia e muito, muito mais. É pra quando eu for pra algum lugar eu arranjar algum trabalho."

(Valéria Maria - Rua 12)

"Eu pretendo, quando terminar o 1. grau, para o ano, fazer magistério e depois entrar na Marinha para ser Engenheira Naval... Eu sempre pretendi seguir a carreira de Engenharia, Arquitetura, mas, como na Engenharia há possibilidade de nós exercermos essa engenharia, então me veio isso à memória. Sei lá, porque eu acho bonito, é

uma profissão bastante emocionante, a gente criar e depois que está ali criado e plantado, nossa criação, eu acho bonito... Eu pretendo mesmo é ingressar na Marinha para ser Engenheira."

(Circe Faustino - Rua 15)

"Eu pretendo fazer o magistério, eu adoro crianças, desde pequena que eu tenho uma cisma de juntar as meninas assim pequenininha e começar a explicar as coisas. Eu adoro fazer isso, eu quero ser professora."

(Cristiana Vera - Rua 8)

Frente à necessidade premente de terem algum tipo de trabalho, elas se dobram à realidade dos dias atuais e assumem o primeiro trabalho que lhes é oferecido ou o único que podem assumir, mesmo que não seja o desejado. A falta de perspectiva de empregos adequados às suas aspirações torna as jovens muito reticentes e desesperançosas. A oferta de empregos em "casas de famílias" continua sendo sua única saída, não só pela quantidade de oferta, mas também pela precariedade de uma preparação adequada para desempenhar outra função que não aquela de "empregada doméstica" (9). Como "empregada doméstica" se desempenham dentro do contento, pois já se

habilitaram nas tarefas de uma casa, iniciadas pelas mães.

"Eu trabalhava numa casa de família, mas agora não tô trabalhando, não; ainda não arrumei trabalho."

(Leda Maria - Rua 15)

"Deixei de estudar pra trabalhar, porque realmente eu tava tendo dificuldade, eu tava pretendendo casar esse ano e eu tava faltando muita coisa, sabe? Aí eu tava querendo, né? Trabalhar pra comprar minhas coisas direitinho, pra poder casar organizada; aí, realmente, eu tive que parar o estudo pra trabalhar."

(Maria Francisca - Rua 12)

Quanto aos estudos, as jovens encontram-se, em sua maioria, no 1. grau, conforme nos mostra a Tabela 05. Apresentam um desânimo relacionado às tarefas escolares, ao colégio e aos professores. Algumas confessaram que não gostam de estudar e que gostariam, no entanto, de se formar, adquirindo uma profissão de nível médio ou superior, como se fosse possível atravessar a fase dos estudos sem estudar; como se isso pudesse acontecer num passe de mágica, bem a gosto da fantasia adolescente.

TABELA - 05

Nível de escolaridade das jovens

(n= 45)

ANO EM QUE SE ENCONTRAM ESTUDANDO	QUANTIDADE (%)
3º ano do 1º grau	2
4º " " " "	16
5º " " " "	16
6º " " " "	20
7º " " " "	11
8º " " " "	11
1º ano do 2º grau	2
não estudam	20
s/ informação	2
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

Nesta Tabela - 05 , verifica-se que o item "não estudam" é um pouco elevado: essas jovens se mostram com dificuldades em se referir ao assunto "estudo". Algumas até não desejaram expressamente falar sobre o assunto. Algumas, ainda, afirmaram que deveriam voltar a estudar, mas que não gostam dos estudos.

"Estudava lá em Beberibe, né? Aí eu não gostei muito, não, daquele colégio, eu peguei e saí: eu não terminei, não, direito o 3. ano, só fiz metade, 6 meses, né?"

(Josefina Claudia - Rua 12)

"Já era pra tá no 7o. ano, mas a falta de estudo...não gosto muito, não, de estudar, nunca gostei de estudar demais, não, só um pouco."

(Lúcia Marina - Rua 8)

Nas três ruas pesquisadas foram entrevistadas todas as jovens que se encontrassem entre os 13 e os 17 anos, como estava estabelecido na reformulação do Projeto de Pesquisa. A idade média encontrada foi de 14, 8 anos, conforme a Tabela - 08 mostra a frequência das idades das jovens. Como o propósito da pesquisa é estudar a fase adolescente, como já havia sido mencionado anteriormente no capítulo terceiro, essa faixa de idade escolhida se insere no campo da pesquisa.

TABELA - 06

Distribuição de frequência das idades das jovens

(n= 45)

IDADE	QUANTIDADE (%)
13	20
14	33
15	16
16	13
17	18
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

As jovens provêm de famílias com muitos filhos; em média 5,8 filhos e demonstram gostar do convívio familiar. Elas falaram que em algum momento da juventude (algumas desde a infância) ajudaram suas mães ou irmãs mais velhas a cuidar dos irmãos menores ou sobrinhos, respectivamente, ou até mesmo irmãos de criação, pois o fato da adoção é comum entre suas famílias: crianças abandonadas ou de mães que não possam criá-las por trabalharem fora de casa ou ainda por se encontrarem doentes são, via de regra, criadas por famílias vizinhas.

Não me detive nesse assunto - adoção de crianças -, por não ser esse o objeto do meu estudo.

"Parei de trabalhar porque ela [irmã] se operou e precisou de mim. Aí eu saí e fiquei com ela e os meninos [sobrinhos]."

(Neide Maria - Rua 12)

TABELA - 07

Caracterização da quantidade de irmãos

(n= 45)

QUANTIDADE DE IRMÃOS	QUANTIDADE (%)
0	4
1 a 3	38
4 a 6	31
7 a 9	20
10 a 14	7
s/ informação	2
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

Vale salientar que as Jovens provêm de famílias em que, em sua maioridade, a estrutura familiar é estável: pais vivendo juntos em casa, tendo o pai trabalho certo e definido (ver Tabela 8). A percentagem de desempregados é muito reduzida, o que me causou surpresa, pois o desemprego é alarmante atualmente. (Ver Tabela 9), principalmente no Estado de Pernambuco que tem a mais alta taxa de desemprego verificado no Brasil, segundo os "Indicadores do I.B.G.E." (1988).

Nesse momento faz-se necessária uma reflexão em torno dessa população pesquisada. Mesmo vivendo na pobreza, elas estão inseridas em famílias privilegiadas, frente à situação de desemprego: não vivem na miséria, não passam fome. Seus pais têm emprego certo e definido e, em sua maioria, vivem com as famílias, contribuindo assim para que as regras familiares permaneçam estáveis sem produzir conflitos. O que foi encontrado nessa pesquisa é diferente do que foi encontrado por outros autores (SCOTT 1988, QUINTAS, 1988, SALEM, 1981, MOTTA E SCOTT, 1983), cujas pesquisas não apontam para famílias que vivem estáveis e compostas por pai, mãe e filhos. Não tenho, nesse momento presente, elementos explicativos que possam fornecer uma análise maior da situação encontrada, pois foge ao objetivo do que foi proposto pela pesquisa. Caberia, no entanto, no futuro, estudo sobre o encontrado.

TABELA - 08

Caracterização da situação conjugal dos pais das jovens
(n= 45)

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (%)
pais vivendo juntos	80
pais separados	17
pai ou mãe falecidos	18
s/ informação	7
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

As famílias das jovens cujos pais estão separados, tiveram seus lares recompostos, seja pela figura de um novo marido para a mãe ou de uma nova mulher para o pai. As jovens geralmente ficam com o cônjuge abandonado (pai ou mãe), integram-se na nova família constituída por ele ou se inserem na família de algum irmão ou irmã casados. O mesmo pode acontecer quando o pai ou a mãe falecem: os filhos ou se integram à nova família criada pelo sobrevivente ou à família de um dos

Irmãos já casados, ou então são criados pelos avós.

"Meus pais são separados, ela foi embora para São Paulo, nós ficou com pai. Nós vive com pai e nossa madrasta [...] A casa é de pai, nós mora nela."

(Sônia Regina - Rua 15)

"Apesar que ela tá morta, né? Mas a gente sempre tem a mãe da gente como viva, nos nossos corações. Ela morreu vai fazer 7 anos em Dezembro. Apesar que minha madrasta, como ela não tem filha mulher, ela gosta muito de mim, mas o que é que eu posso fazer, eu sempre digo a ela que não sou filha dela, mas ela diz: a gente sente como filha. Eu sinto que ela gosta muito de mim; eu também gosto dela, mas nossa mãe é mais como minha mãe, quando ela morreu eu fiquei com minha avó, né? Minha avó ficou me criando como uma segunda mãe."

(Lurdes Mateus - Rua 12)

TABELA - 09

Caracterização das atividades profissionais do pai das jovens
(n= 45)

ATIVIDADES	QUANTIDADE (%)
ligadas à construção civil	21
ligadas ao comércio	21
ligadas ao setor de serviços	33
ligadas à indústria	10
aposentados	3
desempregados	2
s/ informação	10
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora - 1987/88

Não me foi possível nessa pesquisa (talvez por não privilegiar o enfoque do trabalho e família) detectar quais os pais que vivem juntos ou separados e relacionar essa informação com as atividades exercidas por eles. Como a busca dessa correlação não foi objeto dessa pesquisa, não me detive nela. A preocupação que me dirigiu na pesquisa foi sobre se os pais trabalham ou não, sobre o tipo de trabalho que desempenham, sobre como

conduzem economicamente a família e sobre quais os princípios educacionais que podem transmitir às suas filhas, evidentemente sob o ponto de vista das jovens.

A presente pesquisa tem a preocupação teórico-metodológica também voltada para o conceito de pobreza. "Pobreza" é aqui representada por uma população de baixa renda, com orçamento restrito, que não está incluída numa faixa considerada de miséria, onde a fome é a principal meta a ser ultrapassada (CALDEIRA, 1984: 72 - 75)

Procuro com essa pesquisa focalizar jovens que vivam em um bairro reconhecidamente pobre, mas que se encontrem morando há algum tempo no local (Ver Tabela 10) e seus processos de vida em relação com o seu grupo. Como se processa a passagem de uma fase de vida (adolescência) à outra (adultícia) e que rituais vivenciam como jovens. O tempo de moradia pode ser um dado que seja significativo para que os indivíduos criem laços de amizades e regras sociais de conviência. Estabeleçam, assim, regras a serem seguidas e eduquem seus filhos na observância delas; dando formação a uma comunidade com deveres e direitos a serem cumpridos por todos, conforme se vê no "discurso" do Sr. Israel Brás, um dos "historiadores".

TABELA - 10

Distribuição de frequência de tempo de moradia da família das Jovens

(n = 45)

TEMPO (anos)	QUANTIDADE (%)
até 5 anos	7
6 a 10 anos	20
11 a 15 anos	31
16 a 19 anos	15
mais de 20 anos	20
s/ informação	7
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

A religião é um dado que pode ter alguma significação para as Jovens, principalmente quanto à preservação de costumes, crenças e tradições. Desde os primórdios do bairro a religião Católica se caracteriza por ser a predominante. Mais recentemente, de uns 20 anos para cá, é que surgiram outros credos religiosos

como: a Assembléia de Deus, a Presbiteriana, a Batista, entre outras. As jovens não se referiram aos Xangôs, apesar de pesquisas realizadas anteriormente no bairro (MENDONÇA, 1975; BRANDÃO, 1986) terem situado que em Águas Compridas existiam diversos xangôs. Ao serem interrogadas sobre a existência de terreiros de Xangôs, sabiam de suas existências, mas nunca os haviam frequentado. As jovens que se apresentaram como sem ter credo religioso, também não fizeram alusão à frequência a Xangôs.

TABELA - 11

Classificação das jovens quanto à religião

(n= 45)

RELIGIÃO	QUANTIDADE (%)
Católica	54
Assembléia de Deus	15
Presbiteriana	2
S/ religião	22
s/ informação	7
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

"Eu era da Assembléia de Deus, mas saí: só quem tá é minha mãe e meu irmão mais velho. Saí porque gostava de dançar, de brincar, de usar roupa curta, sem manga; agora eu posso fazer tudo isso."

(Alba Maria - Rua 15)

"Minha religião é católica mas eu não vivo na igreja, não, sabe? Qualquer religião assim eu admiro, tanto faz eu ir para uma igreja Católica como pra igreja de crente."

(Rosa Amélia)

As jovens pesquisadas revelaram, em sua maioria, sentir algumas modificações em suas vidas a partir do surgimento da menarca. Boa parte delas já sabia das modificações físicas que ocorrem com as moças na idade que estão vivendo. Mas desconheciam as mudanças psicológicas que poderiam advir dessas modificações físicas. O surgimento da menarca não demonstra ter maior repercussão para as jovens que foram preparadas para as mudanças físicas. No entanto, para outras, a menarca é muito esperada e é vivida com mudanças de comportamento e de percepção de si mesmas. É certo que as adolescentes de 13 a 14 anos, que ainda não tiveram a menarca revelam um

desejo de que este "fato" ocorra de imediato, pois sentem-se diferentes do seu grupo de pares. A religião não parece ter maiores influências sobre a socialização da menarca nas jovens e algumas delas sequer mencionaram esta situação. A Tabela - 12 mostra a idade em que as jovens tiveram sua primeira menstruação e é a partir dos 12 anos (10) que as jovens, em sua maioria, têm a menarca.

TABELA - 12

Especificação da idade da menarca

(n= 45)

IDADE (anos)	QUANTIDADE (%)
9 anos	4
10 anos	0
11 anos	4
12 anos	25
13 anos	40
14 anos	12
s/ menarca	11
s/ informação	4
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

"Sei lá, é uma coisa mais desenvolvida assim quando uma moça deixa de ser menina pra ser moça, né? Torna mais adiantada, mais desenvolvida. Agora tem certas meninas que continua a mesma coisa. Eu acho que eu mudei demais, eu era muito menina, gostava de brincar; agora não eu não gosto mais de brincar; é melhor namorar do que brincar."

(Iraci das Neves - Rua 15)

"Eu era menina, não era? Nesse dia eu nem pensava o que era isso, sabia que vinha um dia, mas eu nem pensei que era assim, eu me senti já moça, sei lá, uma adolescente."

(Carmem Verônica - Rua 6)

Nas entrevistas as Jovens não revelaram qualquer coincidência do surgimento da menarca com o início dos "afazeres domésticos". Apesar de ambos acontecerem nas mesmas idades, não foi citado por elas, haver correlação

alguma entre esses dois fatos. Algumas Jovens, no entanto, revelaram que com o surgimento da menarca deixaram de ser consideradas criança e puderam ter mais liberdade, para sair com as colegas.

Apesar de as Jovens terem se expressado sobre a menarca sem demonstrar maiores preocupações, ela surge repleta de conotações agradáveis e desagradáveis, como: a de ser reconhecida socialmente pelo seu grupo de pares como uma moça, a de conseguir dos pais maior liberdade em sair com colegas; contudo, devem-se encerrar suas brincadeiras infantis e ela deve saber conviver com os dias da menstruação, com a higiene pessoal e suportar as cólicas menstruais que possam surgir. A menarca parece trazer para algumas Jovens (entre as citadas) a possibilidade de ser vista como moça, o que facilitaria a autorização dos pais para sair com amigos e se divertirem. Para elas o surgimento de menarca autorizaria uma passagem de um estado de menina para o de moça, configurado na possibilidade de sair para divertir-se. Essas Jovens revelaram, entretanto, que as saídas com amigas para se divertirem é um fato raro em suas vidas, pois não dispõem de dinheiro suficiente para que esta situação aconteça

regularmente, o que torna um acontecimento raro em suas vidas de adolescentes.

"Depois que eu fiquei moça mudou muita coisa, mudou, que eu vi que era moça mesmo porque eu era criança, quer dizer, eu ainda sou, mas eu fiquei moça assim mesmo, sem eu ser moça. Antes eu acreditava que era moça, mas assim que minha menstruação veio eu tive minha liberdade para namorar, para me divertir, dançar."

(Ane Lúcia - Rua B)

A instrução das jovens sobre a menstruação parece ser também uma função feminina, sendo realizada pelas mães, por uma amiga, pela professora, pela avó e pela irmã, Tabela 13. A mãe em sua maioria é quem "instrui", quem explica à filha o que é menarca, como deve proceder quanto à higiene pessoal, como deve se comportar de agora em diante. As amigas também têm um papel importante nessa socialização, não só de "instrução", em alguns casos, mas sobretudo, com as "conversas de moça", sobre os aspectos agradáveis e desagradáveis da menstruação. Ainda surgem as professoras; irmãs e avós

como informantes sobre as mudanças que vão ocorrer na jovem quanto ao seu físico. Não houve menção por parte delas de que tenham recebido essa informação por parte de algum homem, como: pai, irmão ou avô. Algumas jovens (20%) não informaram sobre quem as havia instruído sobre a menstruação e não foram conseguidas maiores informações nas entrevistas.

TABELA - 13

Especificação da pessoa que instruiu a jovem quanto à menarca
(n= 45)

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (%)
mãe	47
irmã	4
amiga	17
professora	8
avó	2
ninguém	2
s/ informação	20
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

"Ah, no dia, né? Eu fiquei super insegura, minha mãe nunca me explicou nada disso a mim. Ela tem uma cabeça muito aberta mas ela nunca me explicou nada de sexo que eu sei hoje, eu sei através de livros, através de amiguinhas porque a gente gosta muito de conversar, sempre, na adolescência. Há, né? Um grupinho que adora conversar isso. Aí no dia eu tava no colégio quando eu vi aquilo aconteceu, aí em umas meninas amigas minhas que já eram moça, né? Aí elas começaram a me explicar: olha, Cristiana, isso é assim mesmo. Aí eu falei para a supervisora e ela mandou pra casa. Quando eu cheguei em casa, aí a empregada que trabalha lá em casa, falou assim: olha, Cristiana, você vai comprar absorvente. Tudo bem, aí comecei a usar, mas ainda passei aqueles três dias na minha vida, aqueles três dias foram de horror porque eu não sabia o que era aquilo, eu não tinha noção do que era aquilo, o que era pra fazer. Quando eu olhava pra mim eu dizia: meu Deus, o que foi que eu fiz, por que meu Deus, que eu tô assim, aí eu falei com minha professora de Ciências, aí ela foi, me deu uns livros, aí eu li e entendi tudo direitinho."

(Cristiana Vera - Rua 8)

A menarca ora demarca para as jovens modificações no comportamento sexual, (como é o caso de Lúcia), ora não. Algumas jovens revelaram que tinham namorado antes mesmo de ter a primeira menstruação e outras, que já tinham tido a menarca não demonstraram interesse por iniciar um namoro. Neste item a variação refere-se mais ao conceito da idade em que a jovem se percebe: as que se percebem com mais idade geralmente têm namorado; as que se consideram ainda crianças retardam esse acontecimento. A Tabela 14 apresenta como a jovem se percebe.

Ao ser perguntada sobre se tinha namorado, Albertina Aurea, de 13 anos e que menstruou com 9 anos respondeu:

"Não, agora não, eu quero primeiro seguir meus estudos depois de tudo eu penso nisso [...] Nessa época até menina de 12 anos tem namorado, mas eu mesma acho que depois dos meus estudos eu vou tá com uns 19 anos; aí, é que vou pensar, né?

(Albertina Aurea - Rua B)

TABELA - 14

Percepção das Jovens sobre suas idades

(n= 45)

ESPECIFICAÇÃO DE COMO PERECEBEM	QUANTIDADE (%)
com sua idade	36
com mais idade	33
com menos idade	16
S/ Informação	15
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

A percepção de sua idade parece estar relacionada com a percepção que a mãe tem da jovem, taxando-a de muito criança ainda para fazer determinados serviços, enquanto outras não só se consideram mais velhas e são consideradas assim também pelas mães, como se sentem mais responsáveis pelas tarefas domésticas. Algumas mães dizem que suas filhas aos 11, 12 anos ainda são muito criança para serem responsáveis por tarefas em casa. Outras mães, no entanto, já a partir dos 9, 10 iniciam suas crianças na execução de pequenas tarefas e acreditam que elas possam cumpri-las.

O namoro para as jovens pesquisadas não leva necessariamente às relações sexuais propriamente ditas; elas revelaram que suas intimidades não passam de beijos e abraços. No entanto algumas revelaram já ter tido relações sexuais com o namorado. Uma das jovens é casada e vive com o marido na casa de sua mãe; outra é mãe solteira, está grávida do segundo filho e mora em casa dos pais e uma terceira, que já teve um aborto espontâneo, e mora com a irmã, mas vai casar em breve com o namorado, com o qual teve o relacionamento sexual. As outras não quiseram entrar em detalhes sobre as relações sexuais com os namorados.

A tabela 15 mostra a existência de namorados entre elas.

TABELA - 15

Caracterização da existência de namorado

(n= 45)

EXISTÊNCIA	QUANTIDADE (%)
sim	85
não	29
s/ informação	4
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

Ser virgem, não ter tido relações sexuais, tem significado especial para a maioria delas, como explica Nelde Rejane:

"O que eu acho da virgindade, sei lá, eu acho uma coisa importante, principalmente para uma moça pobre, que ela, por ser pobre, tem mais ainda que se guardar porque hoje em dia, do jeito que esse mundo está difícil... As coisas estão difícil; eu acho que fica pra uma moça pobre é uma coisa mais importante que tem, porque hoje em dia um homem não vai querer uma moça, além de pobre, desonrada, como diz o povo, né? Eu acho importante na vida de uma moça."

(Nelde Rejane - Rua 15)

Ao responder à pergunta sobre se já tinha tido relações sexuais (transado) uma jovem respondeu:

"Não, nunca tive, já tive oportunidade, mas nunca quis, não. É aquele lance de chegar em casa, aí o pai diz: o que foi que aconteceu? Não, eu não sou mais virgem. Aí vai atrás do homem, mata o homem isso e aquilo. Aí eu

acho melhor esperar, vai casar, pronto,
noiva, casa, do que transar antes"...

(Cristiana Vera - Rua 8)

As jovens são educadas pelas mães para permanecerem virgens até o casamento, com o que a maioria delas concorda, o que é ressaltado na Tabela 16.

TABELA - 16

Ocorrência de relações sexuais

(n= 45)

OCORRÊNCIA	QUANTIDADE (%)
sim	9
não	82
s/ informação	9
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

A maioria das jovens demonstram que o "transar" com o namorado desagradaria os pais. Algumas afirmaram que só não transaram ainda por este motivo. Se os pais (principalmente a mãe) não fizessem questão, elas gostariam de "transar" com os namorados. Outras, contudo,

falam que transar é para o casamento e não gostariam que "isso" acontecesse antes da data prevista.

Como já vimos anteriormente, elas têm a aspiração do "casamento idealizado", que nem sempre pode existir.

TABELA - 17

Caracterização quanto ao gosto por festas

(n= 45)

GOSTO	QUANTIDADE (%)
sim	89
não	9
s/ informação	2
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

As festas são para as jovens pesquisadas, praticamente, as únicas diversões. A grande maioria gosta de festas, como mostra a Tabela - 17, independente da sua religião (que pode proibir a frequência a festas) e gosta de dançar. Elas preferem as festas em casa de amigos

conhecidos ou em sua própria casa talvez pela dificuldade em se locomoverem para festas em clubes ou gafieiras (Tabela 18). No bairro de Águas Compridas inexistem clubes e gafieiras, tendo as jovens que se locomoverem para outros bairros nas proximidades ou até mais longínquos (11).

Poucas são as jovens que falam em frequentar praias ou realizar passeios, geralmente ficam em casa o dia todo, mesmo nos fins de semana; no bairro as alternativas de diversão para as jovens são poucas.

"Adoro festa, agora mesmo vai ter uma festa na casa da minha amiga que ela mandou me chamar, vai ter um assustado, ali a gente vai pra lá."

(Ane Lúcia - Rua 6)

"Gosto de festa de aniversário, baile assim eu nunca fui, não, mas eu gosto porque minha mãe não deixa a gente ir, sabe? Às vezes a gente vai pro Fina Flor (12), já ouviu falar? Pronto, é o lugar que eu gosto, mas minha mãe não deixa."

(Josefina Cláudia - Rua 12)

TABELA - 18

Tipos de festas frequentadas

(n= 45)

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (%)
festa em clube	21
festa em casa	63
festa em gafieira	13
s/ informação	3
TOTAL	100

Fonte: pesquisa da autora

As festas em casa podem ser do tipo "assustado" onde cada pessoa leva alguma comida ou bebida e o dono da casa oferece o local da festa. Mas pode ser também uma festa de aniversário, onde o dono da casa oferece comida e bebida e os convidados levam um presente para a aniversariante. Algumas jovens revelaram nas entrevistas que, quando não tinham presente para levar para o aniversariante, preferiam não ir à festa: "era muito feio" não levar uma lembrancinha para ela.

As jovens referem-se ainda às festas de "calendário", como algo muito bom que acontece durante os períodos demarcados para essas festas. O Ano Novo aparece

(Tabela - 19) como a festa de maior preferência e é tida como a mais alegre e bonita, talvez pelo próprio significado de ser promissor o "Ano Novo", com novas perspectivas e novas esperanças a uma juventude sem muita diversão.

TABELA - 19

Preferência quanto à festa de calendário

(n= 45)

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (%)
Ano Novo	48
Natal	15
Carnaval	18
São João	21
s/ informação	3
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

As outras festas de calendário são nomeadas mas sem a ênfase da festa de Ano Novo. Elas não parecem traduzir a alegria que as jovens precisam ter para sua

animação. Mesmo o Carnaval parece levar a elas um misto de alegria e medo da violência, tão comum nessa época.

"A festa do ano, eu gosto de Carnaval porque é festa animada e colorida, mas por uma parte só existe mais morte, essas coisas, e Ano Novo também, nós temos."

(Regina Lúcia - Rua 6)

"Eu gosto de Carnaval, mas não é a minha predileta, não, porque dá muita maldade, muito assassinato, muita gente já brinca pensando na maldade, quando a gente brinca sem maldade tudo bem, mas quando a gente tá com maldade: É isso. O mundo tá cheio de gente com maldade, eu gosto mais é de Ano Novo."

(Sideria Augusta - Rua 15)

Algumas jovens pesquisadas não se referiram à participação em grupos de jovens, seja na igreja, na rua, ou no colégio, como se vê na Tabela - 20. Entretanto, revelam sua insatisfação por não estarem ligados de alguma forma a um grupo, o que poderia representar uma forma de diversão. Em alguns casos, os pais proíbem as jovens de se ligarem a algum grupo, acreditam que deturpariam a

educação que eles lhes dão. Outras, no entanto, expressam que sua timidez as impede de se relacionarem com outras jovens.

TABELA - 20

Ocorrência de participação em algum tipo de grupo

(n= 45)

OCORRÊNCIA	QUANTIDADE (%)
sim	58
não	22
s/ informação	20
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

O percentual de 58% de jovens que revelou participar de algum grupo encontra-se dividido em grupos de rua, no colégio e na igreja, como mostra a Tabela 21. Dizem gostar dos grupos a que pertencem e percebem esta participação no grupo como algo divertido e que as ajuda a viver a sua adolescência.

"Algun grupo de Jovens, só na escola mesmo, que tem o grêmio de Escola e eu sou a tesoureira do grêmio, sabe?

(Rosa Amélia - Rua 8)

"Na Igreja eu pertenco à mocidade de lá; é mocidade de Beberibe [...] A gente, quando vai sair, a gente se reúne todo mundo na Igreja, sai, vai para outros cantos, vai para outras Igrejas, passear e quando fica na Igreja mesmo é que faz os ensaios dos hinos ou tem reunião ou faz culto assim só pra gente, tipo social, que é brincadeira, assim, sabe?

(Neide Rejane - Rua 15)

Os grupos, na própria rua em que residem, têm a preferência das Jovens, que se deslocam para a casa de uma delas e ficam conversando umas com as outras. Nisto são muito influenciadas pelas mães que preferem que elas se reúnam na casa de alguma jovem de sua rua. Elas não são impedidas de se agruparem com as Jovens de outras ruas, mas as mães preferem que fiquem mais perto de casa. Entretanto, duas Jovens se deslocaram até São Paulo, viajando de carona, com o consentimento das mães, mas a viagem não logrou êxito, pois as migrantes pretendiam arranjar um emprego lá e, não conseguindo, voltaram.

"Anda as duas juntas, eu e Josefina Cláudia foi viajar. [...] A gente foi pra São Paulo, a minha madrinha chamou: vamos lá pra minha casa! Chegou lá não tinha casa nenhuma, a gente ficou pela casa das colegas dela, aí eu telefonei pra meu irmão, aí ele me mandou buscar." (13)

(Angélica Souza - Rua 12)

TABELA - 21

Especificação do tipo de grupo que a jovem frequenta
(n= 45)

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (%)
grupo na rua	54
" " no colégio	22
grupo na igreja	24
s/ informação	24
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

As jovens em seu discurso dizem gostar do bairro, em sua maioria, conforme Tabela 22, apesar de se sentirem atualmente muito incomodadas com a violência que

se tem feito presente nas ruas onde moram, bem como por todo o bairro. Saliaram o fato de inexistir no bairro, qualquer forma de distração, como : clubes, praças para se reunirem, locais que possibilitem a prática de esportes, como quadras e campos apropriados. Nem sempre têm condições de se locomoverem para outros locais para se divertirem, como: praia, parques (foi citado o Parque 13 de maio, que fica no centro de Recife e, o Horto de Dois Irmãos), cinema, teatros e clubes. Poucas falaram que vão à praia regularmente ou a passeios; mesmo assim acham que é necessário que essas diversões se façam com maior frequência, o que quase sempre não acontece.

TABELA - 22

Percepção das jovens sobre o bairro

(n= 45)

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (%)
gosta	60
não gosta	29
s/ informação	11
TOTAL	100

Fonte: Pesquisa da autora

O gostar do bairro parece estar ligado mais ao tempo em que moram com suas famílias do que a outro fator qualquer. As jovens não foram capazes de falar dos aspectos positivos do bairro, apesar de dizerem que gostam de lá. Ressaltam os aspectos negativos, os aspectos que tornam o bairro carente: ressaltando que, se existissem praças, clubes, etc, e menos violência, o bairro seria ideal para elas.

As jovens pesquisadas mostram no discurso sobre o seu cotidiano o desempenho de um comportamento acima de tudo desejado por suas mães e geralmente aceito por elas como o melhor e o desejável para si mesmas.

As dúvidas e incertezas apresentadas se referem ao seu crescimento e desenvolvimento como adolescente, tão comuns nessa fase, como mostram os autores que tratam do desenvolvimento bio-psico-social (ABERASTURY, 1980; ABERASTURY E KNOBEL, 1981; ADAMO, 1987; BLOS, 1985; ERIKSON, 1976, LEVISKY, 1979; entre outros).

O ponto em comum em todo o discurso das jovens é a "preparação para o casamento". Sinto que nesse momento deve-se perceber nitidamente "a preparação para o casamento" como um ritual por que todas as jovens devem

passar e de outro lado o "rito do casamento" por que nem todas poderão passar - a situação idealizada do casamento na "Igreja e no Juiz". Mas esse fato é contornado pela situação de começar a viver com o namorado como se fossem casados.

As Jovens, ao falarem da "preparação para o casamento", referiam-se aos "afazeres domésticos", vivência que possuem no seu cotidiano, como o elemento básico para essa preparação e que as habilitaria a assumir um casamento. O cotidiano das Jovens seria então uma preparação para o casamento, um ritual por que teriam que passar todas as Jovens. As Jovens tomam como seus os "conceitos" que são referenciados por suas mães, mas com que elas concordam plenamente. Existe uma "identificação" com o papel desempenhado pelas mães e a função de dona-de-casa. Essas funções são vistas pelas Jovens como adequadas, mesmo quando as mães trabalham fora de casa, pois a função de dona-de-casa jamais é desprezada. As Jovens vêem a necessidade do trabalho fora de casa, mas sabem que, como as suas mães, devem se tornar donas-de-casa.

Nesse trabalho imaginou-se, a princípio, que as variáveis que se apresentaram pudessem vir a interferir na questão da "idade dos afazeres domésticos". As variáveis

analisadas com esse fim foram: religião, atividade da mãe, existência de namorado, gosto por festas, nível de escolaridade e quantidade de irmãos. Essas variáveis foram selecionadas por um critério qualitativo, onde são levados em consideração o discurso das jovens e de suas mães sobre os afazeres domésticos.

Foi realizado o teste de χ^2 (qui-quadrado) de independência, considerando de um lado a variável "idade" com que iniciou os afazeres domésticos e de outro lado as variáveis acima mencionadas, formando, assim, seis tabelas de Contingência. O intuito é de verificar se os critérios de classificação são ou não independentes, quando aplicados a um mesmo conjunto de indivíduos.

Para tanto definiu-se a seguinte hipótese de nulidade - H_0 : os dois critérios de classificação são independentes. Para cada um dos testes, e considerando um nível de 95% de confiança, a conclusão foi de que a "idade" de início dos afazeres domésticos independe de qualquer uma das demais variáveis estudadas.

As tabelas de contingência utilizadas nos testes são as que passo a demonstrar:

TABELA - C1

Idade em que iniciou os afazeres domésticos (ANOS)	RELIGIÃO			
	Católica	Protestante (Assemb. de Deus)	Sem Religião	TOTAL
6 a 9	5	1	2	8
10 a 13	14	6	7	27
mais de 13	1	0	0	1
TOTAL	20	7	9	36

$$X^2_{obs} = 1,11 < X^2_4 = 9,488$$

Com os dados da Tabela - C1, aplicando-se o teste χ^2 de independência, com as variáveis idade em que iniciou os afazeres domésticos (anos) e tipo de religião, conclui-se pela aceitação da hipótese H_0 : as variáveis são independentes, ou seja, a "idade" em que iniciaram os afazeres não está ligada à influência religiosa ou, ainda, as religiões não interferem nesse "início". Essa conclusão foi possível visto que o valor de χ^2 observado foi menor que o tabelado.

TABELA - C2

Idade em que iniciou os afazeres domésticos (ANOS)	ATIVIDADES DA MÃE		
	exercidas no lar	exercidas fora do lar	TOTAL
8 a 9	8	2	8
10 a 13	28	2	28
mais de 13	0	1	1
TOTAL	32	5	37

$$X^2_{\text{obs}} = 2,84 < X^2_{\frac{2}{2}} = 5,99$$

Na Tabela - C2, as variáveis idade em que iniciou os afazeres domésticos e atividade da mãe, apresentam-se independentes frente ao teste do X^2 de independência, sendo a hipótese H_0 aceitável. As atividades exercidas pelas mães no lar ou fora dele não interferem na idade em que as jovens iniciaram os afazeres domésticos. O valor do X^2 observado é menor que o X^2 tabelado.

TABELA - C3

Idade em que iniciou os afazeres domésticos (ANOS)	EXISTÊNCIA DE NAMORADO		
	SIM	NÃO	TOTAL
6 a 9	3	4	7
10 a 13	21	8	29
mais de 13	1	0	1
TOTAL	25	12	37

$$X^2_{obs} = 2,61 < X^2_{2} = 5,991$$

Os dados encontrados na Tabela - C3 mostram que as variáveis idade em que iniciou os afazeres domésticos e existência ou não de namorado são independentes. Foi aplicado o teste do X^2 de independência e a hipótese H_0 foi aceita. Logo não existe relação de dependência entre essas duas variáveis, pois o teste mostrou que o X^2 observado é menor do que o tabelado.

TABELA - C4

Idade em que iniciou os afazeres domésticos (ANOS)	GOSTO DE FESTAS		
	SIM	NÃO	TOTAL
8 a 9	8	0	8
10 a 13	27	3	30
mais de 13	1	0	1
TOTAL	36	3	39

$$X^2_{obs} = 0,99 < X^2_{2} = 5,991$$

Observando-se os dados da Tabela - C4, foi possível aplicar o teste do X^2 de independência e verificou-se que as variáveis idade em que iniciou os afazeres domésticos e o gosto ou não por festas são independentes, sendo a hipótese H_0 aceitável, pois o valor do X^2 observado é menor do que o tabelado. Em sendo assim, não existe influência alguma de uma variável na outra.

Com os dados da Tabela - C5, aplicando-se o teste X^2 de independência, com as variáveis idade em que iniciou os afazeres domésticos e a escolaridade, conclui-

se pela aceitação da hipótese H_0 : as variáveis são independentes, pois o valor do X^2 observado é menor do que o tabelado. Donde conclui-se também que o dado escolaridade não influiu na idade em que as jovens iniciam ou não os afazeres domésticos.

TABELA - C5

Idade em que iniciou os afazeres domésticos (ANOS)	ESCOLARIDADE			TOTAL
	3. e 4.	5. e 6	Acima da 7ª	
8 a 9	4	1	2	7
10 a 13	4	13	7	24
mais de 13	0	0	1	1
TOTAL	8	14	10	39

$$X^2_{obs} = 2,33 < X^2_4 = 9,488$$

Nota da Tabela - C5:

A classificação da escolaridade precisou ser agrupada para o nível acima da sétima série, em vista de algumas restrições para o uso do teste X^2 , relacionadas às pequenas frequências observadas.

TABELA - C6

Idade em que iniciou os afazeres domésticos (ANOS)	QUANTIDADE DE IRMÃOS				TOTAL
	0 a 3	4 a 6	7 a 9	10 a 14	
8 a 9	1	4	1	1	7
10 a 13	3	11	13	4	31
mais de 13	0	1	0	0	1
TOTAL	4	16	14	5	39

$$X^2_{obs} = 3,52 < X^2_8 = 12,59$$

Tomando-se os dados da Tabela - C6 foi possível aplicar o teste do X^2 de independência e verificou-se que as variáveis idade em que iniciou os afazeres domésticos e a quantidade de irmãos são independentes, sendo a hipótese H_0 aceitável, pois o valor do X^2 é menor do que o tabelado. Logo, não existe influência entre as variáveis.

A idade em que se iniciaram os afazeres domésticos como foi visto pelas tabelas de contingência e respectivos testes, apresenta-se nessa análise totalmente independente das variáveis analisadas. No próximo capítulo será apresentado um cotejamento entre a teoria apresentada e os discursos das jovens e das mães.

NOTAS

- (1) Trabalhei mais sistematicamente com estas entrevistas gravadas com as mães. Na Rua 12 de Dezembro, conversei com uma irmã-mãe - desde a morte de sua mãe ela cria duas irmãs adolescentes, que foram entrevistadas também - que, infelizmente, não permitiu que sua "conversa" fosse gravada.
- (2) Raramente o marido envia algum dinheiro, pois ele constituiu outra família.
- (3) Não é comum nessas ruas do bairro as crianças terem responsabilidade de trabalhos domésticos; quando o fazem é mais por brincadeira do que por obrigação. No entanto existem jovens que só vão aprender os trabalhos domésticos com 13, 14, 15 ou mais idade. E a partir dessa idade que podem vir a se empregar em casa de família.
- (4) Em todas as quatro entrevistas, as mulheres afirmaram que seus maridos têm profissão definida e trabalham: um em técnico em refrigeração e possui uma pequena oficina; outro é marceneiro; outro é pasteleiro e trabalha numa panificadora e outro é encanador, empreitando

serviços a treceiros e não possui emprego fixo.

- (5) Os colégios do bairro funcionam em expedientes de aulas em três turnos com horários de aula pela manhã, à tarde e à noite. As jovens entrevistadas estudam umas pela tarde, outras á noite.
- (6) O Sr. Israel Brás é o primeiro morador da Rua 15 de Outubro.
- (7) Na pesquisa Piloto as entrevistas sempre se referiam "a cuidar da casa, dos filhos e do marido". Resolvi colocar a questão daí por diante nas outras entrevistas.
- (8) Não foi mencionado pelas adolescentes que tenham iniciado os afazeres domésticos antes dos seis anos.
- (9) Ao término da pesquisa, nos últimos dias de entrevistas, soube que pelo menos cinco jovens tinham se empregado em casa de família como "domésticas" e apenas uma tinha conseguido o

emprego que desejava, de bancária.

- (10) Em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro, em camadas de baixa renda, MARULIA GUIMARÕES (Tese de Doutorado) verificou que as adolescentes têm em média a menarca com 12,6 anos (Jornal do Brasil, 2ª feira, 14/03/88 - 1º caderno). A autora verificou ainda que na camada de média renda, a menarca é antecipada em um ano, nas jovens, em comparação a camada de baixa renda.
- (11) Em minhas últimas visitas ao bairro, tendo já terminado todas as entrevistas, fui informada que inaugurou-se uma gafieira, numa rua perpendicular á Rua 6 de Janeiro.
- (12) "Fina Flor" é uma gafieira, situada entre os bairros de Beberibe e Sapucaia de Fora, próximo a oguas Compridas.
- (13) Josefina Cláudia e Angélica de Souza só andam juntas e foram a convite de uma amiga procurar emprego em São Paulo. Viajaram de carona em caminhão, demorando 13 dias para chegar. Ao

chegarem, não conseguiram qualquer emprego e pediram ás suas famílias para mandarem-nas buscar: não gostaram da experiência.

V - Capítulo
OS RITUAIS DAS JOVENS

5- OS RITUAIS DAS JOVENS

O estudo da juventude e seus rituais, nesse trabalho, se configura pela adolescência vivida pela moça pobre e pelo processo de passagem à vida adulta. Este capítulo é desenvolvido no sentido de realizar o cotejamento das teorias sobre a adolescência, os ritos de passagem e os rituais vividos no cotidiano pelas jovens pesquisadas.

Imaginei inicialmente encontrar no grupo de jovens pesquisadas "ritos festivos" que marcassem a fase

adolescente ou a passagem à vida adulta, como é encontrada em camadas de média renda (OLIVEIRA E SILVA, 1985; LARAIA e MELO, 1980; LEVISKY 1979). Imaginava ainda que a participação em alguma festa especial ou a frequência à gafleira pudesse vir a ser o "rito de passagem" dessas jovens.

Na pesquisa piloto que foi realizada com algumas jovens (1), percebi a "ênfase" dada por elas ao desempenho dos "afazeres domésticos". Este desempenho foi se apresentando como o ponto comum a todas elas. Ao ser considerada "adolescente" pelas mães, a moça deve aprender a fazer os "afazeres domésticos": algumas já em criança se ocupavam com essas funções, mas é a partir da adolescência que são consideradas responsáveis para assumirem as tarefas domésticas. As jovens deverão se habilitar para, no futuro, terem condição de assumir suas próprias casas, quando casarem. Algumas jovens expressaram que em criança já ajudavam as mães nessas tarefas domésticas, mas a responsabilidade para assumir as tarefas só surgia na adolescência, como um fato que servia para adquirir uma habilitação à sua futura vida de mulher casada.

O dado que mais me chamou a atenção foi que as jovens se preocupam em "adquirir a habilidade para cuidar

de uma casa" e revelam que a principal atividade da mulher é "cuidar de uma casa, do marido e dos filhos". É uma atividade "inerente" à mulher, todas têm que aprender essas tarefas. As festas ou a frequência à gafeira são um dado de pouca importância, para o aprendizado em se tornar uma mulher, e também para a preparação ao casamento.

A preparação da jovem nessa época da adolescência é realizada dentro de casa e não é só voltada para a habilitação aos afazeres com a casa, mas também para o aprendizado do cuidado com os filhos e o saber cuidar do marido. É um aprendizado em se tornar uma mulher habilitada para sua vida futura de casada e respeitada por seu comportamento doméstico. Aqui, nessa pesquisa, encontrei situação semelhante à que SCOTT (1988:11) ao referir: "A casa perdura como um espaço que privilegia a mulher." É na casa que a jovem se prepara para assumir futuramente sua vida de mulher casada e é valorizada pelo seu grupo de referência.

O sentir-se "adolescente", verificado nessa pesquisa, leva a jovem a procurar desempenhar funções ligadas à atividade doméstica e a adquirir a habilitação para tornar-se dona-de-casa, preparando-se, assim, para o casamento. Diferentemente do que se verifica na camada de

média renda (MONTEIRO, 1978), onde a maior preocupação reside nos estudos e na preparação ao vestibular para o ingresso na universidade, a jovem revela pouca preocupação com o aprendizado escolar.

Ao mesmo tempo essas jovens manifestam um sentimento de ser "adolescente" bem semelhante ao de outras camadas sócio-econômicas. Elas gostam de festas, de dançar, de passeios, de se reunirem em grupos seja na rua, na escola ou mesmo nas igrejas. Os seus interesses são comuns aos encontrados em qualquer outra jovem: expressam vontade de se vestirem na moda, de se maquiar, e de ter ídolos em artistas de televisão e rádio (LEVISKY, 1979; SPRANGER, 1970; OSÓRIO, 1983; MORIN, 1984).

A aparente contradição do sentir-se "adolescente" faz parte da própria organização psicológica vivida pelas jovens nessa fase de vida, em todas as camadas sócio-econômicas. O procurar desempenhar as funções domésticas, nas jovens pesquisadas, não invalida o sentimento de necessidade de distração e de validade consigo mesma. Esses sentimentos são vividos como complementares e não como excludentes.

Elas manifestam ainda dificuldades em aceitar as regras de educação que seus pais lhes impõem, taxando-

as de pouco adaptadas aos dias de hoje. Sentem-se muitas vezes incapacitadas para compreenderem as modificações físicas por que passam, sentimento semelhante ao de jovens de outros estratos sociais. Vivem os "lutos" da adolescência, como o sentimento da perda do corpo infantil, a perda da identidade infantil e a perda dos pais compreensivos que tinham em criança (ABERASTURY, 1980; ABERASTURY e KNOBEL, 1981; KALINA, 1976; KUSNETZOFF, 1980). Os "lutos" vividos por essas jovens são semelhantes aos vividos por jovens de outros estratos sociais.

As jovens falam de dificuldades que tiveram, às vezes, de aceitar o seu crescimento físico, querendo permanecer ainda criança. Algumas afirmam (16% = Tabela - 14) que se percebem com menos idade do que possuem, a que se explica como uma negativa ao seu desenvolvimento. Outras, no entanto (33% = Tabela - 14) percentagem e Tabela), em se percebendo com mais idade do que possuem, encontram a dificuldade em os pais aceitarem as mudanças de comportamento, como: sair com amigas, ir a festinhas, namorar. Verifica-se, finalmente, que a identidade de ser "adolescente" é ora aceita, ora negada pelas próprias jovens.

O "novo" traz a essas jovens os receios que traz a qualquer moça, a incerteza do futuro está presente entre

todas as adolescentes, sejam elas ricas ou pobres. O "medo" de suas reações está presente entre as jovens de todas as camadas sociais. O desejo de ser querida, amada pelos pais e pelo grupo social em que vivem é notado nas moças aqui pesquisadas, também.

O sentir-se "adolescente" leva-as também a vivenciar um sentimento de insegurança de si e é comum acionarem o mecanismo de defesa do ascetismo (A. FREUD, 1977; BLOS, 1985), quando muitas adolescentes são acusadas pelas mães de "demente", "sonhadora", "indiferente" ou "alheia" a tudo. São acusadas ainda de não prestarem atenção ao que estão fazendo, quebrando pratos, copos ou outros utensílios domésticos.

Apesar de criticarem as mães em suas exigências e incompreensões, as jovens buscam na mãe uma identidade do papel de mulher (ERIKSON, 1976; BLOS, 1985), para fugirem da angústia que sentem com a insegurança da vida. Buscam a segurança e a realidade, imitando a mãe nos afazeres domésticos. O imitar o cotidiano das mães é uma forma que encontram de se identificarem com elas, fugindo, assim, da insegurança e da angústia.

O imitar o cotidiano das mães nos cuidados dos afazeres domésticos lhes permite viver a sua "moratória":

(ERIKSON, 1978), vivência de fase em que podem errar na execução dos afazeres, pois a mãe estará por perto para corrigir e mostrar como devem fazer as suas atividades.

A adolescência é uma fase de vida, onde se descortina uma série de sentimentos novos, surgidos de mudanças estruturais de personalidade. São as reestruturações da personalidade, são os antagonismos, são as dúvidas, como mostram alguns autores que seguem a teoria psicanalítica (2), que traduzem para a moça o sentir-se "adolescente". São essas mudanças, sentidas em seu psiquismo, que a fazem diferente de seu comportamento anterior, de menina. São as novas sensações que a levam a opções de comportamentos diferentes; isto independe da jovem ser pobre ou rica.

Quando MEAD (1978) mostrou a diferença da adolescência samoana para a adolescência ocidental, ressaltou que a intranquilidade da vida moderna leva a jovem ocidental a ter problemas em seu processo adolescente e a se sentir insegura pela "descontinuidade" do processo de desenvolvimento da infância para a adolescência, em contraposição ao processo "contínuo" em que é educada a jovem samoana, cuja cultura permite-lhe desde a infância, a vivência de todos os momentos da sua

comunidade. Acima de tudo, MEAD mostrou que a jovem ocidental é intranquila devido às exigências educacionais, inadequadas ao processo adolescente e impostas por uma sociedade preocupada unicamente com o mundo produtivo adulto.

Apesar dessa insegurança vivida pelas jovens, elas têm nos "afazeres domésticos" a compreensão da atividade feminina como algo agradável e inerente à sua condição de mulher, bem semelhante ao verificado por MEAD (1978, 1979) nas jovens samoanas e arapech, que têm na preparação doméstica a sua ritualização para a habilitação à vida adulta. Durante o tempo em que estive com as Jovens de Águas Compridas (3), percebi o quanto a atividade doméstica era valorizada por elas como uma função feminina agradável e portadora de "um certo poder".

As mães incentivam muito a tradição da habilitação aos serviços domésticos, transmitindo às suas filhas que a função primordial das mulheres é ser dona-de-casa, ter o "controle da casa" (SCOTT, 1987, 1988; QUINTAS, 1988). A mulher cabe o comando da casa, o sustento (dinheiro) cabe ao homem providenciar. A casa é da mulher, a rua é do homem. As Jovens aprendem ainda em criança que devem permanecer dentro de casa: não é bem visto que as moças estejam "batendo pernas" pelas ruas. A

Jovem deve permanecer dentro de casa aprendendo a ser mulher, habilitando-se ao serviço doméstico.

SCOTT (1988) mostra o quanto a casa é um "recurso" controlável numa relação de poder. O discurso sobre a casa, empreendido pelas mães, é fundamentalmente um discurso feminino. A casa é para as mulheres um espaço feminino que lhes confere identidade cultural em contraposição à dualidade da vida da rua.

As atividades ligadas aos "afazeres domésticos" por jovens de baixa renda já tinham sido constatadas também por RODRIGUES (1984), QUINTAS (1986), SCOTT (1987, 1988), MACHADO NETO (1984), como uma atividade da função feminina, cabendo às jovens, por vezes, assumirem o lugar da mãe na execução desses "afazeres". De maneira semelhante, esta pesquisa encontrou os "afazeres domésticos" como uma atividade inerente à mulher, mas de uma forma ritualizada de preparação à vida futura de mulher. A colocação por parte das jovens e de suas mães é que "toda moça tem que aprender os afazeres domésticos", "toda moça tem que passar por esta fase", são constatações de situações que são ritualizadas. As mães são iniciadoras no processo ritual, as jovens são iniciadas. O processo ritual perdura por alguns anos da adolescência

(10 a 15 anos, geralmente), devendo a jovem ser considerada habilitada entre os 15, 16 anos, podendo, a partir dessa idade, estar habilitada ao casamento. O que habilita a jovem ao casamento não é a idade pré-estabelecida, mas a condição de estar preparada para casar, que se estabelece na aquisição do saber fazer os afazeres domésticos: cuidar da casa, dos filhos e do marido.

O aprendizado dos afazeres domésticos torna-se, assim, um ritual preparatório ao casamento, um ritual de passagem da idade adolescente à vida adulta. Esse ritual é desempenhado durante os anos vividos na adolescência dentro do cotidiano em que vivem. As mães iniciam suas filhas no cotidiano da casa, no arrumar, lavar roupa e passá-las, cozinhar, cuidar das crianças (irmãos menores ou sobrinhos em determinados casos). As jovens imitam as suas mães e se preparam para a sua vida futura. A imitação (HELLER, 1985) e a repetição (MAFFESOLI, 1984) são dados fundamentais para a ritualização na vida cotidiana. A jovem repete tudo aquilo que aprendeu, transformando no trivial (MATTA, 1983) o próprio ritual. Para MAFFESOLI (1984) o ritual é um fato social, repetitivo, que é utilizado na preservação dos costumes e isto foi verificado na presente pesquisa.

As jovens têm na habilitação da função doméstica uma forma de identificação com o papel feminino, que serve também para a transmissão e conservação do papel feminino (LINCOLN, 1981; LARAIA e MELO, 1980; OLIVEIRA E SILVA, 1985, 1985a) tradicional e alimentado pela sociedade como um reconhecimento do "status de mulher". "Status de mulher doméstica" em oposição ao "status de homem da rua", duas posições antagônicas dentro de um grupo social - o cotidiano das mulheres domésticas, rivalizando com o cotidiano do homem na rua (CALDEIRA, 1984).

O ritual vivido pelas jovens pesquisadas é uma situação social reconhecida pelo seu grupo de referência e pela comunidade; não é um "rito" como estudou VAN GENNEP (1977), mas caracteriza-se pela repetição e imitação do cotidiano de suas mães. GLUCKMAN (1966) mostra que os rituais modernos urbanos não podem obedecer à estrutura ritual estudada por VAN GENNEP. Exceção feita ao "rito do casamento", que, no entanto, não é vivido por todas as jovens, mas visto como uma situação idealizada pelas jovens.

As jovens buscam no casamento (4) a realização de um ideal: ter a casa, marido e filhos. Acreditam que a habilitação dos "afazeres domésticos" lhes abra as portas ao casamento, tornando-as moças casáveis. Para que isso

aconteça, preparam-se durante alguns anos na adolescência, adquirindo toda uma instrumentalização de dona-de-casa.

A falta de diferenciação entre "rito" e "ritual" na literatura estudada fez-me tomar um posicionamento semelhante ao de MATTA (1983), que os distingue um do outro, caracterizando-os diferentemente. Na presente pesquisa verifiquei que a existência do ritual nas jovens é vivido no seu cotidiano e o rito, apesar de desejado, não é vivido obrigatoriamente por elas como algo indispensável. Existe um afrouxamento no cumprimento dos ritos (MORIN, 1984), bem diferente do que é definido por VAN GENNEP (1977) e AUGRAS 1984, onde o rito seria uma "passagem", "uma ponte", que liga dois segmentos. Para elas o "rito do casamento" é uma situação idealizada e que nem sempre poderá existir. O que é considerado mais importante é o ritual, situação vivida no cotidiano, mas que representa a aquisição a uma passagem ao "status adulto". É todo um "processo ritual" (TURNER, 1974), vivenciado numa fase "adolescente" no sentido da preparação para assumir uma nova vida a de mulher casada.

O ritual representa para as jovens pesquisadas uma provável mudança de "status", de adolescente para moça casável, dentro do seu grupo social, mas, como mostra

LINCOLN (1981), essa aquisição de "status" só tem representatividade dentro da atividade doméstica, não modificando em nada sua participação político-social para o seu grupo. No entanto as jovens, ao mesmo tempo que procuram se habilitar nas funções domésticas, sonham também com uma profissão em que consigam algum tipo de trabalho que lhes forneça não só o dinheiro, aqui na pesquisa explicado por uma ajuda na despesa de casa, mas, acima de tudo, uma valorização social como conquista pessoal, dentro do seu grupo.

O discurso de Circe Faustino, jovem da Rua 15 de Outubro, mostra-nos como planeja sua profissão:

"Mamãe me apóia, naturalmente; papai, eu estou começando a conversar com ele um pouco sobre o assunto [estudar para Engenharia Naval], ele me apóia também. Ele tem muito gosto de me formar, diz que quer que eu seja uma grande pessoa futuramente - [...] Acho que mais ou menos comecei a preparar meu futuro, planejar, mais ou menos de 13 para 14 anos, e agora estou aperfeiçoando bem, porque acho que já está bem próximo né? Este ano termino o 1º grau, para o ano que vem o magistério, então quando eu terminar o

magistério vai ser exatamente o tempo que completo minha idade, 18 anos, para entrar na Marinha."

Essa posição das jovens parece bem contraditória a tudo que foi visto até agora. Mas essa aparente contradição faz parte da própria vida da adolescente, onde as aspirações são elevadas, como vimos no capítulo quarto, quanto às escolhas profissionais. Elas desejam e aspiram profissões de nível superior mas sabem que nem sempre esse sonho poderá se tornar realidade: o de conseguir entrar na faculdade e de se formar. Numa atitude conformista se dobram às evidências da sua realidade, talvez pela consciência dos seus limites e pelas poucas chances de que dispõem na sociedade. As jovens se voltam então para cumprir a função doméstica para a qual foram habilitadas: a de ser dona-de-casa, com esperança de, cumprida a sua missão de "mulher doméstica", adquirirem o seu "status".

NOTAS

- (1) A pesquisa piloto foi realizada com três jovens da Rua 15 de Outubro.
- (2) Os autores são ABERASTURY e colaboradores, (1980); ABERSTURY e KNOBEL, (1981); ADAMO, (1987); BLOS, (1985); ERIKSON, (1976); A. FREUD, (1977); KALINA, (1978); KNOBEL, (1976); KUSNETZOFF, (1980); LEVISK, (1979); OSÓRIO, (1981, 1983).
- (3) A pesquisa se desenvolveu no período de um ano e meio, de - abril de 1987 a julho de 1988. As entrevistas com as jovens só se iniciaram em julho de 1987, terminando em julho de 1988.
- (4) "casamento" é considerado aqui não só ao pé da palavra, mas como numa união entre uma mulher e um homem.

VI - Capítulo
CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O estudo dos rituais e seus significados para o processo adolescente pode levar à compreensão do comportamento juvenil e da interação com a sociedade, não só no plano individual como também no social. A adolescência é uma faixa de idade bem menos estudada do que a infância e a adultícia. Por sua vez, os rituais que marcam a passagem da adolescência à vida adulta têm sido desprezados pelos estudiosos das Ciências Sociais, nos dias atuais.

Afirmar que não existem mais rituais característicos da adolescência é negar o próprio processo adolescente e não levar em consideração que os rituais podem mudar sua expressão social. O homem como ser social necessita ritualizar suas passagens de uma fase de vida para outra. O ritual é um processo que auxilia o homem em sua compreensão das relações e interações sociais; não é mais um marco a ser cumprido, é uma vivência que facilita a sua interação com a sociedade (MATTA, 1983).

Sinto-me mais inclinada, neste final de trabalho, para valorizar o desafio que me foi proposto pela Profa Judith Hoffnagel no sentido de estudar os rituais de passagem da adolescência na sociedade atual, do que para concluir algo semelhante à colocação de TÂNIA SALEM em sua afirmação sobre a inexistência da adolescência na pobreza. Não desejo nem posso contrapor este trabalho ao de SALEM, no entanto posso refletir em cima de tudo que ouvi e vivi na comunidade pesquisada, neste quase um ano e meio de convivência: existe adolescência e existe ritual que prepara a passagem à vida adulta. Tanto existe, que as "mulheres pesquisadas" por SALEM faziam referência à adolescência e ao fato de que foram privadas desse momento, pelas exigências de uma educação rígida ou pela falta de condições econômicas. A minha reflexão se baseia em que "essas mulheres" sentiram

o desejo de se comportar como adolescente, o que vem a validar um dos pontos que ressaltar: o sentimento de ser "adolescente". Ser "adolescente" é sentir as transformações físicas próprias à idade, é também perceber as mudanças estruturais em sua personalidade. Não é o comportamento "adolescente", conhecido pelas jovens de camada de média renda, que legitima a existência da "adolescência". A "adolescente" pobre tem comportamento específicos da sua fase adolescente" como se vê no quarto capítulo.

As adolescentes pesquisadas apresentaram comportamentos juvenis característicos ao seu grupo, mas apresentaram também um comportamento tido tradicionalmente como adolescente: de revolta, oposição, de procura de identidade, desejo de se agruparem, desejo de se divertirem, a busca de ídolos. Elas sentem e percebem suas modificações físicas e reestruturações de personalidade.

O modelo existente de adolescência da camada mais privilegiada é em parte também encontrado na pobreza aqui pesquisada. As jovens apresentam um comportamento característico de sua fase. Quando são levadas a ritualizar os "afazeres domésticos" têm a oportunidade

de se identificarem com suas mães em busca do papel feminino. Elas constroem para si um modelo de mulher-dona-de-casa, talvez, quem sabe, pela impossibilidade de uma reflexão maior sobre a importância da mulher nos dias atuais, ou pela impossibilidade de enfrentar a sociedade. Assim se dobram às evidências da sua realidade. As jovens têm um modelo de mulher, construído dentro das exigências da sua comunidade. Contudo se faz necessária uma maior compreensão, não só das regras da comunidade, como também do processo da adolescência vivido pelas jovens.

A dificuldade na vivência adolescente não reside unicamente na precariedade da situação financeira, mas também numa escolarização deficiente, na falta de programas educacionais e de saúde que atinjam essa população necessitada de informação. A precariedade de cursos técnicos e de trabalhos especializados são apontados pelas jovens como fatores desestimuladores em seu processo de vida. A falta de perspectiva de futuro, comum a todos os adolescentes, é reforçada nessas jovens, pela falta de perspectivas mais amplas, frente à situação caótica em que se encontra o contexto nacional.

A impossibilidade atual dos pais assumirem um posicionamento diferente frente à educação, à saúde pode em muito contribuir para essa desmotivação das jovens no

planejamento das opções futuras que são apenas objeto de sonho. As condições ambientais precárias do bairro - sem praças ou logradouros em que as jovens possam se reunir para conversarem, trocarem experiências (situação tão necessária na adolescência), se divertirem - prejudica em muito a socialização das jovens nessa faixa de idade. Apesar dessa precariedade ambiental, conseguem desenvolver, às vezes, um sentimento de solidariedade grupal, de luta por melhores condições de vida. As jovens criam formas alternativas de socialização, improvisando festinhas em casas de amigos, festinhas de rua, como as de São João e Carnaval, mas são pegas de surpresa pela violência da sociedade atual, que as leva, por vezes, a uma negação do sentimento de participação.

As afirmações de que a adolescência inexistente na pobreza levam-me a uma reflexão sobre a existência de um preconceito de que pobre não é gente, de que pobre pode viver sem condições básicas de sobrevivência. A minha constatação é que existe "adolescência" na pobreza pesquisada e que existem rituais de passagem da jovem à idade adulta, mas os rituais existem como uma forma de se manter a mulher ligada à função doméstica tradicional, através de uma mensagem conservadora das exigências da comunidade, (LARAIA e MELO, 1980; OLIVEIRA E SILVA, 1985). A falta de condições de um modo geral faz com que a jovem

se submeta às exigências de uma sociedade cruel e enganadora, que afirma que a mulher é submissa e inferior e que tem como sina cumprir os desígnios de Jesus, como afirmou uma das jovens.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABERASTURY, A e Colaboradores - Adolescência - Editora
1980 Artes médicas, Porto Alegre, 1980. (1ª ed.
1978)

ABERASTURY, A e KNOBEL, M - Adolescência Normal, Editora
1981 Artes Médicas, Porto Alegre, 1981. (1ª ed.
1970)

- ABRAMOVICH, FANNY - Do laço de fita ao pretinho, In
1985 Ritos de Passagem - de nossa infância e
adolescência - Antologia - São Paulo - Summus
Editorial - 1985.
- ADAMO, FÁBIO - O problema da Juventude não é a juventude,
1987 mas os Fenômenos Políticos, Econômicos e
Sociais que a condicionaram, In Juventude,
Trabalho, Saúde e Educação, Rio de Janeiro.
Forense Universitária, 1987.
- AGUIAR, N - Hierarquia em classes: uma introdução ao
1974 estudo da estratificação social, In
Hierarquias em Classes - Zahar Editores, Rio
de Janeiro, 1974.
- ALVES, DENISE - O desencontro marcado - A velha mulher
1985 nova e o machão moderno. Editora Vozes,
Petrópolis, 1985.
- AKOUN, ANDRÉ - Dicionário de Antropologia - Viseu -
1983 Editora Verbo, 1983.
- ARIES, PHILIPPE - História Social da Criança e da Família
1978 Rio de Janeiro - Zahar Editores, 1978 (1ª ed.
1973).

- AUGRAS, MONIQUE - Passagem: morte e renascimento - in O
1984 Imaginário e a Simbologia de Passagem
Recife, Editora Massangana da Fundação
Joaquim Nabuco, 1984.
- AURÉLIO, B.H. FERREIRA - Novo Dicionário da Língua
1975 Portuguesa - Rio de Janeiro - Editora Nova
Fronteira, 1975.
- AZEVEDO, THALES - Namoro à Antiga: Tradição e mudança.
1981 In Família, Psicologia e sociedade - Editora
Campos, Rio de Janeiro, 1981.
- AZEVEDO, THALES - As regras do namoro à antiga, São Paulo,
1986 Editora Ática, 1986.
- AZEVEDO, THALES - Ciclo da Vida - ritos e ritmos, São
1987 Paulo, Editora Ática - 1987.
- BEE, HELEN - A criança em Desenvolvimento - Editora
1977 Harper e Row - São Paulo - (1ª ed. 1977,
1975).
- BETTELHEIM, BRUNO - Heridas Simbólicas - Los ritos de la
1977 pubertad y el macho envidioso - Barcelona,
Barral Editores, 1974 (1ª ed. 1954).

- BLOS, PETER** - Adolescência - São Paulo - Livraria Martins
1985 Fontes Editora - 1985 (1ª ed. 1962).
- BOUVOIR, S** - Segundo Sexo - Editora Fronteira - Rio de
1980 Janeiro, 1980.
- BRANDÃO, M^a DO CARMO T.** - Xangôs Tradicionais e Xangôs
1986 Umbandizados do Recife: Organização
Econômica, São Paulo Tese de Doutaramento, U
S P - 1986 (mimeo).
- BRIHL, DIETER** - A família pobre na mudança do campo para a
1988 cidade: experiências nordestinas, in **Ciência
e Cultura**, vol. 40 nr. 1, Janeiro de 1988.
- CALDAS, AULETE** - Dicionário Contemporâneo da Língua
1958 Portuguesa - Editora Delta - Rio, 1958.
- CALDEIRA, TERESA PIRES DO RIO** - A política dos outros -
1984 O cotidiano dos moradores da Periferia e o
que pensam do Poder e dos Poderosos - São
Paulo - Editora Brasiliense, 1984.

- CAVALCANTI, CLÓVIS - Viabilidade do setor informal - a
1983 demanda de pequenos serviços no grande Recife
- 2ª edição - Editora Massangana, Sudene -
1983.
- DAMIANI, D e SETIAN, N - Crescimento e Desenvolvimento
1979 Físico do Adolescente Normal In Adolescência
- Setian, Colli e Marcondes - Monografias
Médicas - Série Pediatria vol XI - São Paulo,
Sarvier - 1979.
- D'AVILA NETO, MARIA INÁCIA - O Autoritarismo e a mulher -
1980 Editora Achiamé, Rio de Janeiro - 1980.
- DOUGLAS, MARY - Pureza e Perigo - São Paulo - Editora
1976 Perspectiva, 1976.
- DRUMONT, MARY PIMENTEL - O machismo como sistema de
1982 representações ideológicas recíprocas, In O
lugar da mulher: estudos sobre a condição
feminina na sociedade atual/organização Madel
T. Luz - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- DUARTE, SÉRGIO GUERRA - Dicionário de Educação Rio de
1986 Janeiro: Edições Autares, Nobel - 1986.

ERIKSON, E. H - Identidade, Juventude e Crise - Zahar
1976 Editora - 2a. edição - Rio de Janeiro, 1976.
 (1ª ed. 1968).

EUDERLE, CARMEM - Psicologia da Adolescência - uma
1988 abordagem pluridimensional - Porto Alegre -
 Artes Médicas - 1988.

FLITMER, ANDREAS - Os problemas sociológicos nas primeiras
1968 pesquisas sobre a Juventude, In *Sociologia da*
 Juventude I, organizado por Sulamita Brito -
 Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

FRANK, ANNE - O diário de Anne Frank - Rio de Janeiro -
 Editora Record, 12ª edição.

FREIRE, PAULO - Criando Métodos de Pesquisa Alternativa:
1985 aprendendo a fazê-la melhor através da ação,
 In *Pesquisa Participante*, Org.: Carlos
 Rodrigues Brandão. São Paulo - Editora
 Brasiliense, 1985.

FREYRE, GILBERTO - Casa Grande e Senzala - Livraria José
1984 Olímpio - 23a. edição - Rio de Janeiro, 1984.

- FREUD, A** - O ego e os Mecanismos de Defesa - Ed. 1977
civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977
(1ª ed. 1946).
- GALLATIN, JUDITH** - Adolescência e Individualidade - São 1978
Paulo - Editora Harper e Row do Brasil -
1978.
- GILDENS, A** - Normas Regras do Método Sociológico, Rio de 1977
Janeiro - Zahar Editores, 1978 (1ª ed. 1976).
- GIORDANENGO, ANDRÉ e Autores** - Dicionário de psicologia do 1981
adolescente - Lisboa / São Paulo - Editora
Verbo, 1981.
- GLUCKMAN, MAX** - Les Rites de Passage, In Essays on the 1966
ritual of social relations - Manchester
University Press, 1966 (1ª. ed. 1962)
- GRINDER, R.E e STRICKLAND, CH.E** - A significação social 1968
da obra de G. S. Hall In Sociologia da
Juventude I, organizado por Sulamita Brito -
Rio de Janeiro - Zahar Editores, 1968.
- GRUPO CERES** - Espelho de Venus - Identidade Social e 1981
Sexual da Mulher - Editora Brasiliense -
São Paulo, 1981.

- HELLER, AGNES - O Cotidiano e a História - Rio e São Paulo
1985 Editora Paz e terra, 2ª edição - 1985.
- JERSILD, ARTHUR T. - Psicologia da Adolescência - São
1976 Paulo - Editora Nacional, 1976. (1ª ed. 1963)
- JUNQUEIRA, CARMEM Em trânsito: preparando a mudança, In
1985 Ritos de Passagem de nossa infância e
adolescência - Antologia - São Paulo - Summus
Editorial - 1985.
- KALINA, E. - Psicoterapia de Adolescentes: Teoria,
1976 técnica e casos clínicos. Livraria Francisco
Alves - Rio de Janeiro, 1976.
- HELLER, AGNES - O Cotidiano e a História - São Paulo, ed.
1985 Paz e Terra - 1985 (1ª ed. 1970).
- KNOBEL, M. - Adolescência e a Família atual - Rio - São
1981 Paulo, Livraria Atheneu, 1981.
- KOSMINKY, E - Pesquisas qualitativas - atualização de
1986 técnica de história de vida e de depoimentos
pessoais em sociologia - In **Ciência e
Cultura**, vol. 38, nr. 1, janeiro/86 -
Sociedade Brasileira para o Progresso da
Ciência, 1986.

- KUSNETZZOF, J. C. - *Psicanálise e Psicoterapia Breve na Adolescência* - Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1980.
- LANGNESS, L. L. - *História de Vida na Ciência Antropológica*, Coleção Antropológica e Sociológica. São Paulo - E.P.U. 1973 (1ª ed. 1965).
- LARAIA, R. e MELLO, M. Z. - *Chá de Panela, análise de um rito social* in *Anuário Antropológico 78* - Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1980.
- LEACH, E. R. - *O tempo e os Narizes Falsos*, In *Repensando a Antropologia* - São Paulo - Editora Perspectiva - Coleção Debates - 1974.
- LEACH, E. R. - *Cultura e comunicação - A lógica pela qual os símbolos estão ligados* - Rio de Janeiro - Zahar Editores - 1978 (1ª ed. 1976).
- LE BOTERF, GUY - *Pesquisa Participante: propostas e reflexões metodológicas*, In *Repensando a Pesquisa Participante*, org.: Carlos Rodrigues Brandão, São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

- LEVISKY, DAVID L. - Desenvolvimento Psicossocial do
1979 Adolescente, in Adolescência - Setian, Colli
e Marcondes - Monografias Médicas - Série
Pediatria vol XI - São Paulo - Savier - 1979.
- LINCOLN, BRUCE - A festa da Moça Nova - The Cosmic
1981 Tour, in Emerging from the Chrysalis -
Studies in Rituals of Women's Initiation -
Harvard University Press - Cambridge,
Massachussets and London, England, 1981.
- LUZ, MADEL T - O lar e a maternidade: instituições
1982 políticas in O lugar da mulher: estudos sobre
a condição feminina na sociedade
atual / organização Madel T. Luy - Rio de
Janeiro: Edição Graal, 1982.
- MACHADO NETO, Z - As meninas: Sobre o trabalho da criança
1984 e da Adolescente em família proletária in
Mulheres na Força de Trabalho na América
Latina: Análises Quantitativas - coordenação
Neuma Aguiar, Petrópolis, Editora Vozes,
1984.
- MAFFESOLI, MICHEL - A conquista do presente, Rio de
1984 Janeiro, Editora Rocco - 1984.

- MANNHEIM, KARL** - O problema da juventude na sociedade
1968 moderna, in **Sociologia da Juventude I**,
organizado por Sulamita Brito - Rio de
Janeiro, Zahar Editores, 1968.
- MARCONDES, EDUARDO** - Introdução ao Estudo da Adolescência
1979 In **Adolescência** - Setian, Colli e Marcondes -
Monografias Médicas - Série Pediatria vol XI
São Paulo - Sarvier - 1979.
- MARX, KARL** - Trabalho, Juventude e Educação Politécnica
1968 In **Sociologia da Juventude I**, Rio de Janeiro,
Zahar Editores, 1968.
- MATTA, ROBERTO A. DA** - O Carnaval como rito de passagem In
1977 **Ensaos de Antropologia estrutural** -
Petropolis, Vozes, 1977 - 2a. edição.
- MATTA, ROBERTO A. DA** - Carnavais, Malandros e Heróis - Rio
1983 de Janeiro - Zahar Editores, 4a. edição -
1983.
- MEAD, MARGARET** - Adolescência y Cultura em Samoa -
1978 Editorial Paidós - Buenos Ayres, 6a edição,
1978.
- MEAD, MARGARET** - Sexo e Temperamento - Editora Perspectiva
1979 2a edição, São Paulo, 1979.

- MELATTI, J. C. - Ritos de uma Tribo Timbira - Editora
1978 Ática, São Paulo, 1978.
- MELATTI, J. C. - Índios do Brasil - Editora Hucitec - São
1980 Paulo, 1980.
- MENDONÇA, J. H. - O crescimento e a localização dos
1973 centros e Terreiros de Xangôs no grande
Recife (interpretação Sociológica) In Ciência
e Trópico (vol 1, nr. 1, 1973) Recife -
Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas
Sociais, 1973.
- MONROY DE VELASCO, A - Pubertad, Adolescencia y cultura,
1985 In la Salud del adolescente y el jovem en las
Américas - Publicação Científica nr. 489 -
Organizacion de la Salud - Washington, 1985.
- MONTEIRO, T. M. - Necessidade Básicas do Adolescente
1978 Recifense - In I Seminário Regional sobre
Adolescência - Região Nordeste - Patrocinado
pela O.M.S. - Recife, 1978 (anais).
- MONTEIRO, T. M. e MONTEIRO, A. M. B. - O adolescente e a
1978a família In I Seminário Regional sobre
Adolescência - Região Nordeste - Patrocinado
pela O.M.S. 1978 (anais).

- MORAES, JOÃO DE MELO** - Topônimos do Município de Olinda,
1962 separata da Revista Brasileira de Geografia
nr. 3 - ano XXIV julho-setembro de 1962 -
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Conselho Nacional de Geografia - 1962.
- MORIN, EDGAR e Colaboradora** - Cultura de massa no século
1984 XX Editora Forense Universitária, 6ª edição,
1984, I e II vol.
- MOTTA, R e SCOTT, R. P.** - Sobrevivência e Fontes de Renda
1983 - Estratégias das Famílias de Baixa Renda no
Recife - Série População e Emprego, 16
(SUDENE) série Estudos e Pesquisas, 28
(FUNDAJ) - Fundação Joaquim Nabuco - Editora
Massangana, Recife, 1983.
- MUSS, ROLF** - Teorias da Adolescência - Belo Horizonte -
1976 Editora Interlivros, 1976.
- MUSSEN, P. CONGER, J. KANGAN, J** - Desenvolvimento e
1977 personalidade da criança, São Paulo - Editora
Harper e Row, 1977, 1977 (1ª ed. 1956)
- NAGERA, HUMBERTO** - A sexualidade feminina e o complexo de
1983 Edipo, Imago, 1983.

- OLIVEIRA E SILVA, A. I.** - A pedagogia do feminino: análise
1985 de um ritual de Apresentação da menina à
sociedade - in **Cadernos de Pesquisa** nr. 54,
Fundação Carlos Chagas, 1985.
- OLIVEIRA E SILVA, A. I.** - Rendas, Babados, Bilros e Crochês
1985a - A construção social da mulher de prendas
domésticas - Campinas - São Paulo - Tese de
Mestrado em Antropologia Social -
Apresentando a UNICAMP - 1985a.
- OSÓRIO, L. C.** - Evolução Psíquica da Criança e do
1981 Adolescente - Editora Movimento - 2ª edição,
Porto Alegre, 1981.
- OSÓRIO, LUIZ CARLOS** - Crise de Identidade no adolescente
1983 contemporâneo - in **A criança e o adolescente**
da década de 80 - 1. volume - Temas do 7.
Congresso da ABENEPI - Porto Alegre - Editora
Artes Médicas - 1983.
- PAPALIA, D. OLDS, S** - O mundo da criança - São Paulo - Ed.
1981 McGraw-Hill - 1981 (1ª ed. 1975)

- PAULA, R. F. e SCOTT, R. P. - Terapia Familiar no
1981 atendimento psiquiátrico: Considerações
iniciais sobre o tratamento de famílias
pobres do Recife, In *Jornal Brasileiro de
Psiquiatria*, 30 (3):283-288, 1981.
- PAULA, R. F. e SCOTT, R. P. - Terapia Familiar. Duplo
1985 Vínculo e o Contexto Sociocultural do Recife,
In *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 34 (5)
327-336, 1985.
- PERES DA COSTA, M. L. B. de M. - Família Pobre / Família
1982 de Rico, Família de Jovem / Família de velho:
estudo de relações primárias de casais em um
contexto urbano. Dissertação de Mestrado em
Antropologia Cultural da UFPE, Recife, 1982.
- PIAGET, J. e INHELDER, B. - A psicologia da criança, São
1968 Paulo, Difusão Europeia do Livro - Coleção
Atual - 1968.
- PITANGUI DE ROMANI, JACQUELINE - Mulher: Natureza e
1982 Sociedade, In *O lugar da mulher: estudos
sobre a condição feminina na sociedade atual*
organização Madel T. Luz - Rio de Janeiro:
Edições Graal, 1982.

- PITTA, DANIELLE, P. R. - O Imaginário e a simbologia de
1984 Passagem - organizado por Danielle P. R.
Pitta - Recife, Editora Massangana da
Fundação Joaquim Nabuco, 1984.
- POWER, D. e BOROBIO, D. - Ritos de Passagem e Cristianismo
1972 - Editora Vozes, Petrópolis, 1972.
- PRANDI, J. R. - A mulher e o papel da dona de casa,
1981 representações e estereótipos, In Revista de
Antropologia, vol. 14, 1981.
- QUEIROZ, M. I. P. - Variações sobre a Técnica do gravador
1983 no registro da informação viva - São Paulo -
CERU e FFLCH/USP - 1983. (vol. textos, 4)
- QUINTAS, F. - Sexo e Marginalidade - um estudo sobre a
1986 sexualidade feminina em camadas de baixa renda
- Editora Vozes, Petrópolis, 1986.
- RASCOVSKY, A. - O filicídio - Rio de Janeiro, Ed.
1974 Artenova, 1974.
- REGASÉNS SICHES, LUIS - Tratado de Sociologia - vol I e
1970 vol II - Porto Alegre - Editora Globo - 1970.

- REGO, RUI G. e CAVENDISH LUCIA** - Aplicações de Tecnologias Alternativas em Pernambuco, In **Alternativas Tecnológicas para Habitação e Saneamento - Seminário Latino Americano** Olinda-Pe - Editado por M.H.H./PNUD Projeto BRAZ005 Brasília, 1988.
- 1987
- RIBEIRO, D.** - **Kadiveu** Editora Vozes, Petrópolis, 1980.
- 1980
- ROCHEBLAVE-SPENLE, ANNE-MARIE** - **O adolescente e seu mundo** São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1975.
- 1975
- RODRIGUES, A. M.** - **O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias,** In **A mulher na força de trabalho - na América Latina: Análises Qualitativas** org. - Neuma Aguiar, Petrópolis, Editora Vozes, 1984.
- 1984
- ROSALDO, M. F. e LAMPHERE, L** - **A mulher, a Cultura, a Sociedade** - Rio de Janeiro - Paz e terra, 1979.
- 1979

- ROSENMAYR, LEOPOLD - A situação sócio-econômica da
1968 juventude de hoje, In Sociologia da Juventude
I, organizado por Sulamita Brito - Rio de
Janeiro, Zahar Editores, 1968.
- SAFFIOTI, H.I.B. - A mulher na Sociedade de Classes: Mito
1979 e Realidade, Petrópolis, ed. Vozes, 1979 -
2ª edição.
- SALEM, T. - O velho e o novo: um estudo de papéis e
1980 conflitos familiares. Editora Vozes,
Petrópolis, 1980.
- SALEM, T. - Mulheres Faveladas: Com a Venda nos olhos,
1981 In Perspectivas Antropológicas da Mulher I -
Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981.
- SCOTT, R. P. - O homem na matrifocalidade - Relatório de
1985 Pesquisa - Mestrado de Antropologia Linha de
Pesquisa, Recife, 1985 (mimeo)
- SCOTT, R. P. - Estratégias de Formação de Unidades
1985a Domésticas, Mulheres e Fecundidades em
Regiões de Emigração Latino-Americanas: O
Nordeste Brasileiro - Relatório de Andamento
da Pesquisa - Bolsa de Pesquisa, ANPOCS.
Recife, 1985 (mimeo).

- SCOTT, R. P. - Economia, Gênero e controle sobre a casa -
1987 Apresentado no Seminário: Economia e
Organização Familiar no Joaquim Nabuco - 1987
(mimeo).
- SCOTT, R. P. - O homem na matrifocalidade: gênero,
1988 percepções e experiências do domínio
doméstico. Trabalho apresentado no
Seminário Família nos anos 80: Dimensões
sociais do novo regime Demográfico -
Campinas, agosto, 1988 - (mimeo).
- SEABRA, Z. e MUZKAT, M. - Identidade Feminina - Editora
1985 Vozes, Petrópolis, 1985.
- SHACHDEN, E. - Aspectos fundamentais da cultura Guarani,
1962 Editora Difusão Européia do Livro - São
Paulo, 1962.
- SIMMEL, G. - Cultura Feminina - Alfragide, Portugal,
1969 Editora Galeria Panorama, 1969.
- SPRANGER, E. - Psicologia da Juventude - Rio de Janeiro
1970 Ed. Bloch, 1970 (1ª ed - 1948).

- SOAREZ OJEDA, E. N. e Autores - Adolescência y Juventud:
1985 aspectos demográficos y epidemiológicos, In
la Salud del adolescente y el joven en las
Américas - Publicação Científica nr. 489 -
Organizacion Panamericana de la Salud -
Organizacion Mundial de la Salud - Washigton,
1985.
- TEVES, A.C. - A mulher tribal brasileira: aspectos
1978 objetivos e educacionais - Embraesp Editorial
- São Paulo, 1978.
- THIOLLENT, MICHEL - Notas para o debate sobre a pesquisa -
1985 ação, In Repensando a pesquisa Participante,
org.: Carlos Rodrigues Brandão, São Paulo,
Editora Brasiliense, 1985.
- TRAUTVETTER, JOANNA e Autores - Caracterização das Áreas
1988 carentes o município de Olinda - Secretaria
de Planejamento - Prefeitura de Olinda -
maio de 1988 (mimeo).
- TRIGO, Ma H. B. - Histórias da Vida: questões de método -
1983 Trabalho apresentando no VII Encontro Anual
da Associação Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Ciências Sociais, 24 a 27.10.83 -
Águas de São Pedro - São Paulo.

- TURNER, V. M. - O processo ritual - Estrutura e Anti-
1974 estrutura Editora Vozes, Petrópolis, 1974.
- ULHOA, M. J. C. - Características do comportamento do
1972 Adolescente Brasileiro, Vozes, Petrópolis,
1972.
- VAN GENNEP, A. - Os ritos de passagem, Editora Vozes,
1978 Petrópolis, 1978.
- VIANNA, W. - Síndrome de migração - fundamentos
1978 psicanalíticos, sociológicos e terapêuticos
Iprusan Editora, Campinas, São Paulo, 1978.
- VIANA, W. - Prevenção dos desajustamentos na infância e
1979 adolescência - Imago Editora, Rio de Janeiro,
1979.
- VITIELLO, NELSON e Autores - Adolescência Hoje - Comissão
1988 Nacional de Estudos sobre a Adolescência.
São Paulo - Editora Roca - 1988.

Códigos, Publicações e Revistas

Código Civil Brasileiro - Decreto-Lei nr. 4.657 de 1942
In Novíssimo Vade-mecum Forense coletânea de
leis do Brasil - Rio de Janeiro - José
Konfino Editor, 1952.

Consolidação das Leis do Trabalho - In Novíssimo
Vade-mecum Forense - Coletânea de leis do
Brasil - Rio de Janeiro - José Konfino
Editor - 1952.

Dados do censo de 1980 sobre a Região Metropolitana do
Recife - Fundação de Desenvolvimento da
Região metropolitana do Recife - FIDEM
(mimeo) 1988.

Dicionário de Ciências Sociais - Fundação Getúlio Vargas,
Instituto de Documentação: Benedito Silva -
Coordenação geral: Antônio Garcia de Miranda
Netto .../et al. 2ª edição - Rio de Janeiro -
Fundação Getúlio Vargas 1987.

Indicadores I.B.G.E - vol 7, número 8, agosto de 1988 -
Publicação Mensal.

Revista Psicologia Ciência e Profissão - Conselho Federal
de Psicologia - Brasília, ano 8 nr. 01/88 -
1988.

Publicação Científica nº 489, da O.M.S e O.P.A.S.
Organizacion Panamericana de La Salud -
Organizacion Mundial de la Salud -
Washington, 1985. La Salud Del Adolescente y
el Joven las Americas.

ANEXOS

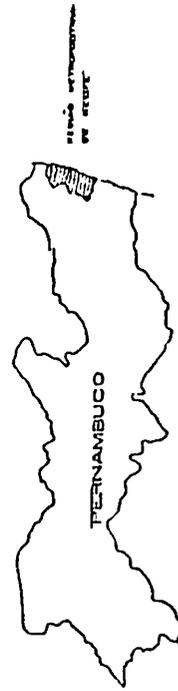
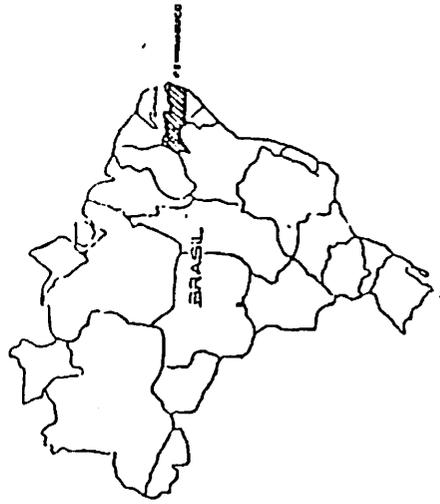
ANEXOS

- 1a Mapa Geral de Localização.
- 2a Caracterização do Município de Olinda.
- 3a Mapa do bairro de Águas Compridas.
- Riacho Águas Compridas
Estrada de Águas Compridas
Rua 15 de outubro
Rua 12 de dezembro
Rua 6 de janeiro
- 4a Riacho Águas Compridas (Lava-Tripas), ao fundo vê-se a parte lateral da Escola Raimundo Diniz.
- 5a Escola de 1. Grau - Raimundo Diniz, situado na Estrada de Águas Compridas.
- 6a Escola de 1. Grau Capitão Luiz Reis, situado na Ladeira do Alto da Bondade.
- 7a Igreja Matriz da Assembléia de Deus, situada na Estrada de Águas Compridas.

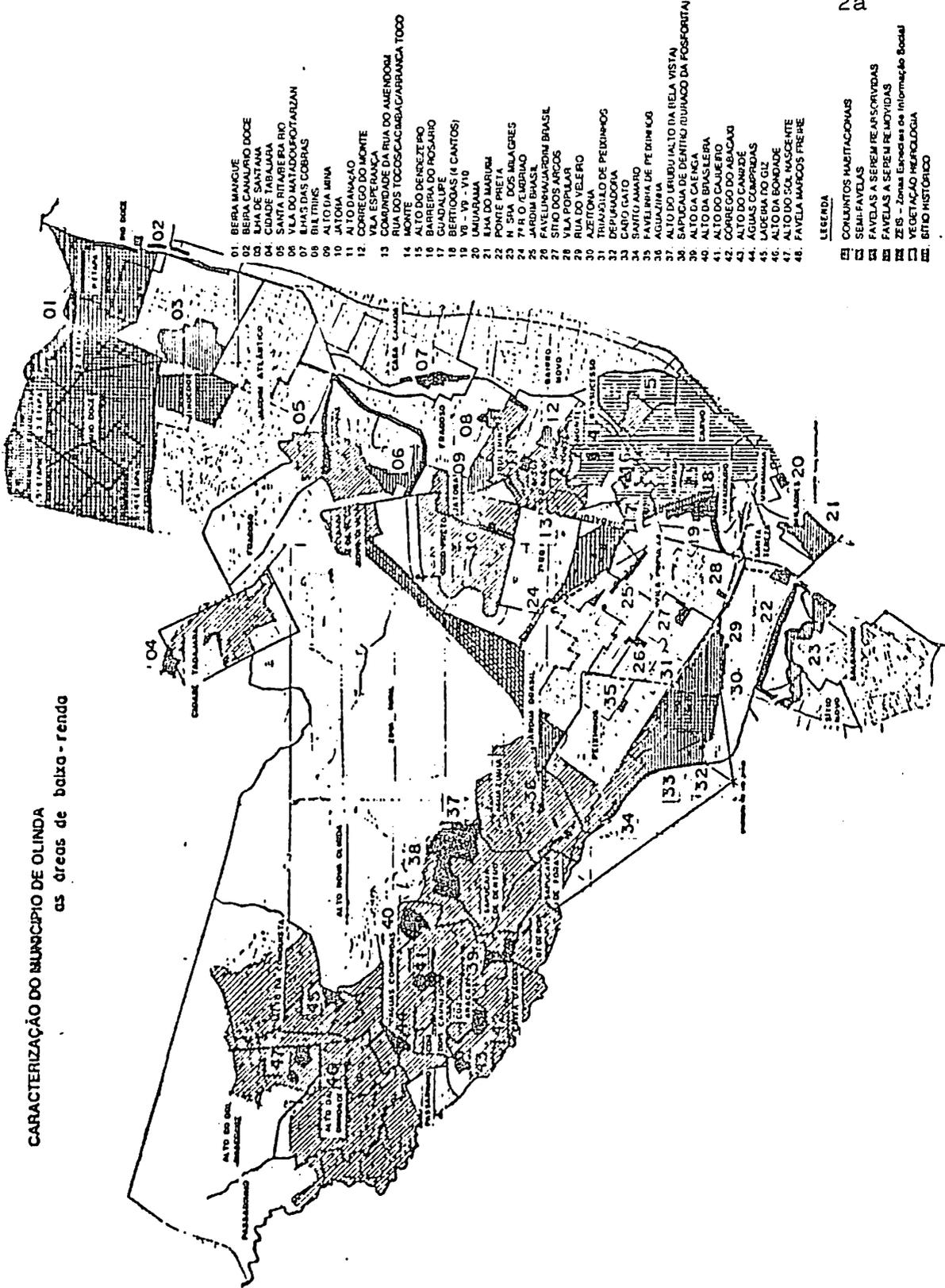
- 8a Clube das Mães e ao lado a Igreja Presbiteriana, situada na Estrada de Águas Compridas.
- 9a Igreja Batista, situada na Estrada de Águas Compridas (terminal).
- 10a Igreja Adventista, situada na Rua 6 de Janeiro.
- 11a Igreja Matriz - Católica, situada na Rua 12 de dezembro.
- 12a Rua 15 de outubro, área sem pavimentação.
- 13a Rua 15 de outubro área com pavimentação.
- 14a Residência de duas adolescentes entrevistadas, a parte frontal da casa é utilizada para a exploração de um "boteco".
- 15a Uma das jovens entrevistadas Rua 15 de outubro.
- 16a Rua 12 de dezembro.

- 17a Rua 12 de dezembro, vê-se ao lado direito a Igreja Católica.
- 18a Rua 6 de janeiro.
- 19a Residência de D. Silvina ("historiadora") - Rua 6 de janeiro.
- 20a Uma das mães entrevistadas, ao fundo sua filha, também entrevistada - Rua 6 de janeiro
- 21a Três adolescentes da Rua 6 de janeiro.
- 22a Crianças brincando
- 23a Gafieira, situada na Estrada de Águas Compridas, inaugurada após as entrevistas.
- 24a Gafieira, situada na Travessa 6 de janeiro, ao fundo vê-se a Rua 6 de janeiro, inaugurada após o término das entrevistas.

MAPA GERAL DE LOCALIZAÇÃO

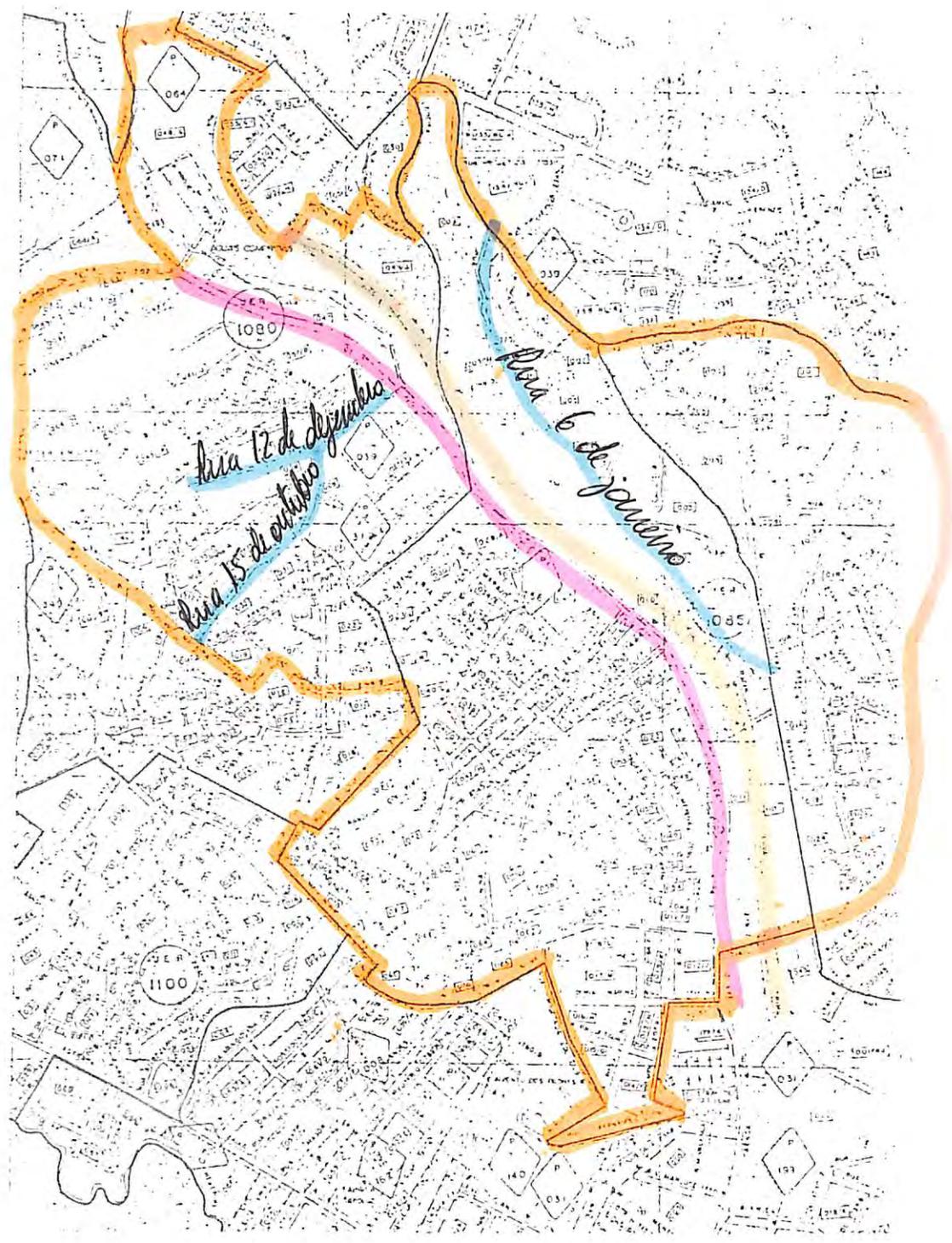


CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE OLINDA
as áreas de baixa-renda

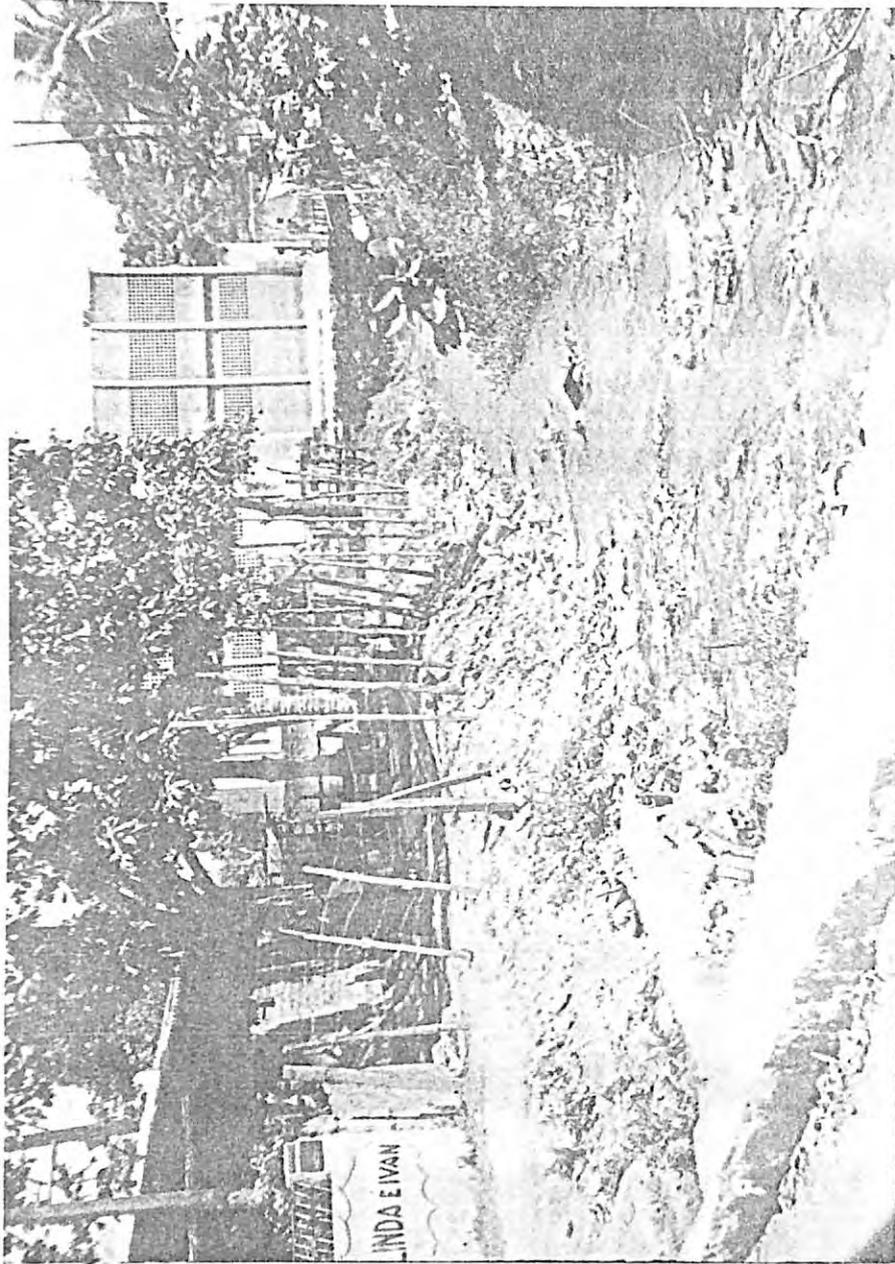


- 01. BEIRA MARQUE
- 02. BEIRA CANALARIO DOCE
- 03. LHA DE SANTANA
- 04. CIDADE TABAJARA
- 05. SANTA RITA RUA RIO
- 06. VILA DO MATADOURO/PORTALAN
- 07. BARRIO DOS COBRAS
- 08. ALTO DA MINA
- 09. JATONA
- 10. ALTO DANCAO
- 11. CORREGO DO MONTE
- 12. VILA ESPERANCA
- 13. COMUNIDADE DA RUA DO ALENDOUM
- 14. RUA DOS TOCOS/CACABA/CARRANCA TOCO
- 15. MONTE
- 16. ALTO DO DEBREZEIRO
- 17. ARRIO DO ROSARIO
- 18. GUARATE
- 19. BERTIÇOLAS (4 CANTOS)
- 20. V8 - V9 - V10
- 21. LAMARAMA
- 22. LHA DO MARUM
- 23. PONTE PRETA
- 24. N. SRA. DOS MILAGRES
- 25. 74 R O / EMBRIO
- 26. JARDIM BRASIL
- 27. ATELAR/JARDIM BRASEL
- 28. VILA POPULARES
- 29. RUA DO VELEIRO
- 30. AZEITONA
- 31. TRIANGULO DE PERIJANOG
- 32. DEP. UADORA
- 33. CARO GATO
- 34. SANTO AMARO
- 35. FAVELINHA DE PERIJANOG
- 36. AGUINHA
- 37. ALTO DO URUBU/ALTO DA BELA VISTA
- 38. RUA DE DENTIN/ROUINAO DA POSSORTA
- 39. ALTO DO CARREIRO
- 40. ALTO DA BRASILEIRA
- 41. ALTO DO CARREIRO
- 42. CORREGO DO ABACAÇ
- 43. ALTO DO CANDE
- 44. AGUAS COMPRIDAS
- 45. LADEIRA DO GLZ
- 46. ALTO DA BONHADE
- 47. ALTO DO SOL NASCENTE
- 48. FAVELA MARCOS FREIRE

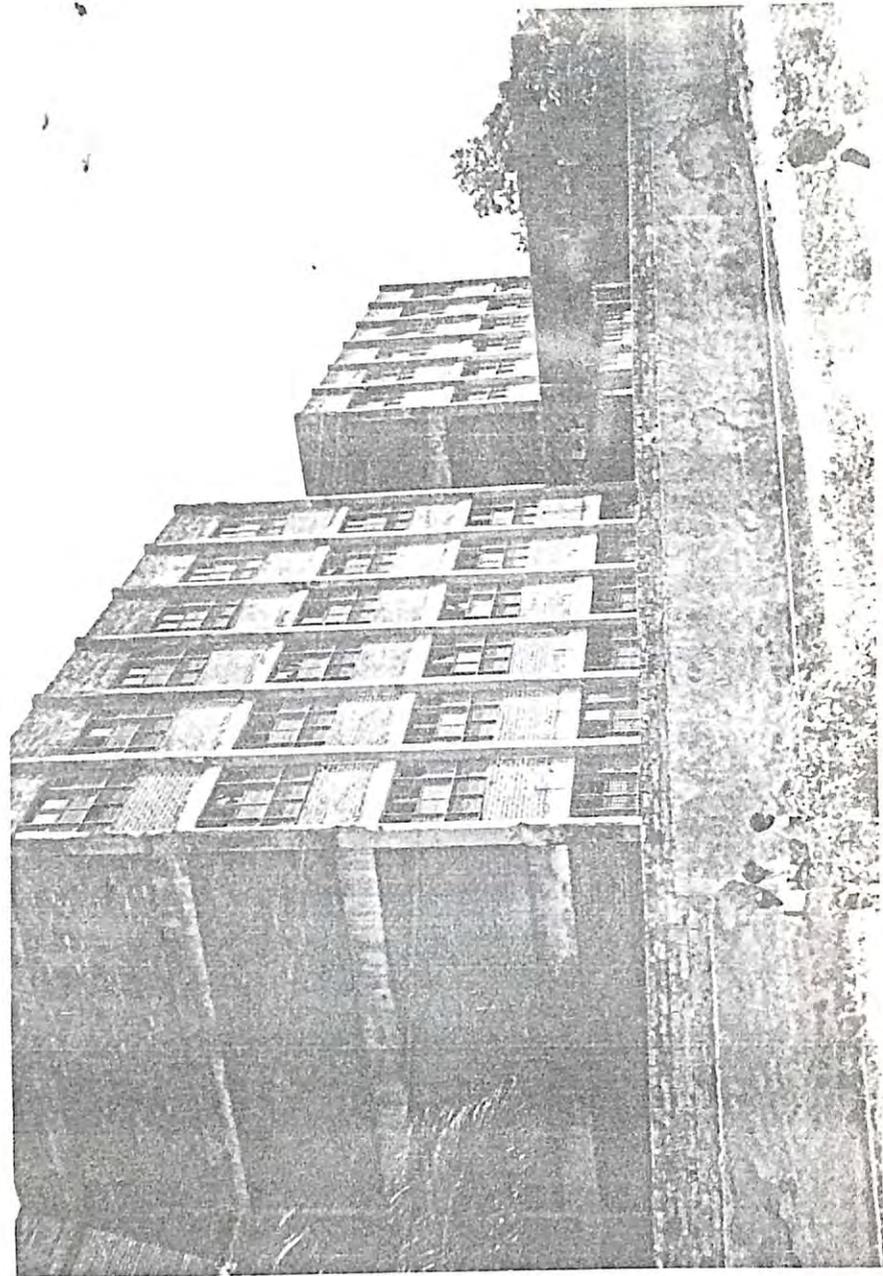
- LEGENDA**
- [diagonal lines] CONJUNTOS HABITACIONAIS
 - [cross-hatch] SEMIFAVELAS
 - [horizontal lines] FAVELAS A SEREM REABILITADAS
 - [stippled] ZEPIS - Zonas Especiais de Informação Social
 - [vertical lines] VEGETAÇÃO NEOLÓGICA
 - [dotted] BÍLIO HISTÓRICO

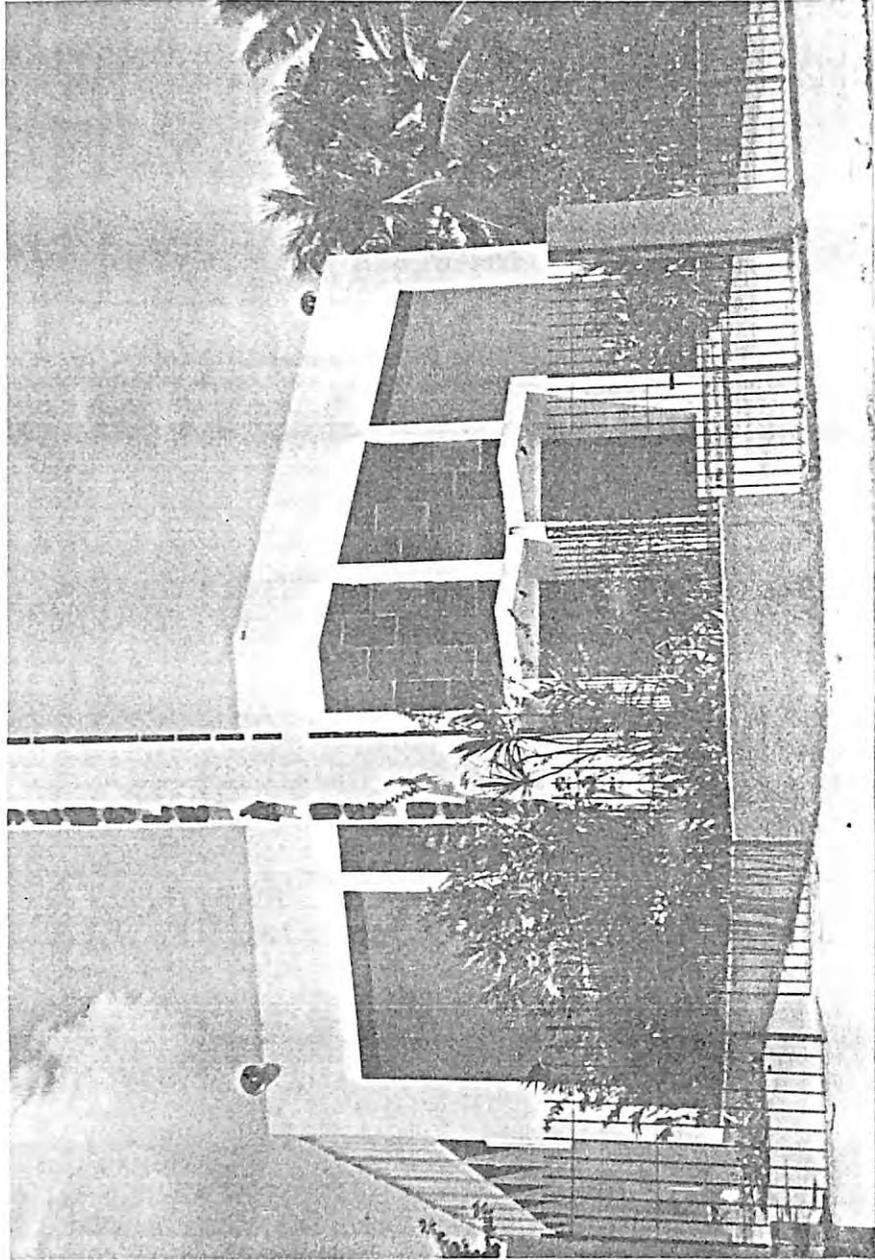


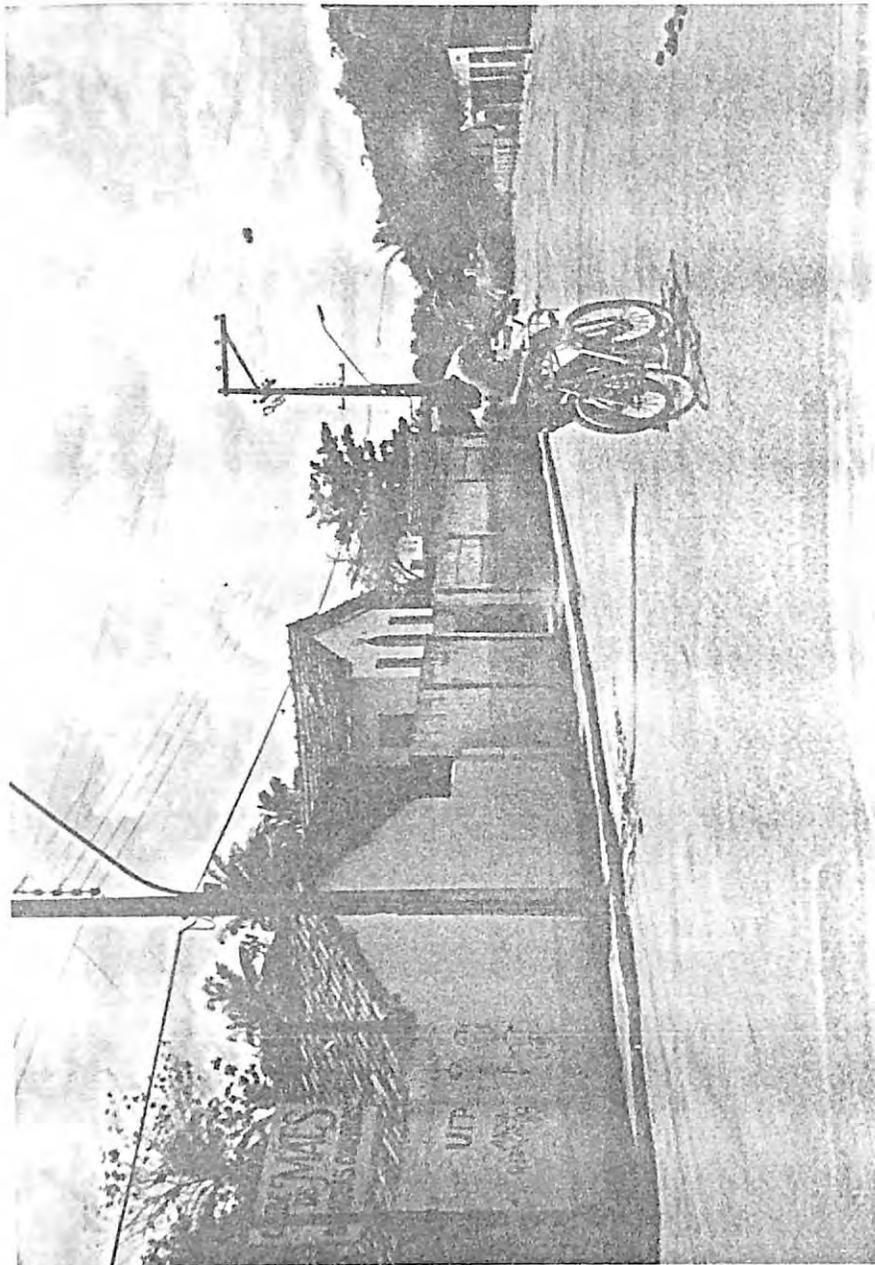
-  Riacho Aguas Compridas (Lava-Tripas)
-  Estrada de Aguas Compridas
-  Ruas pesquisadas
-  Limite do Bairro

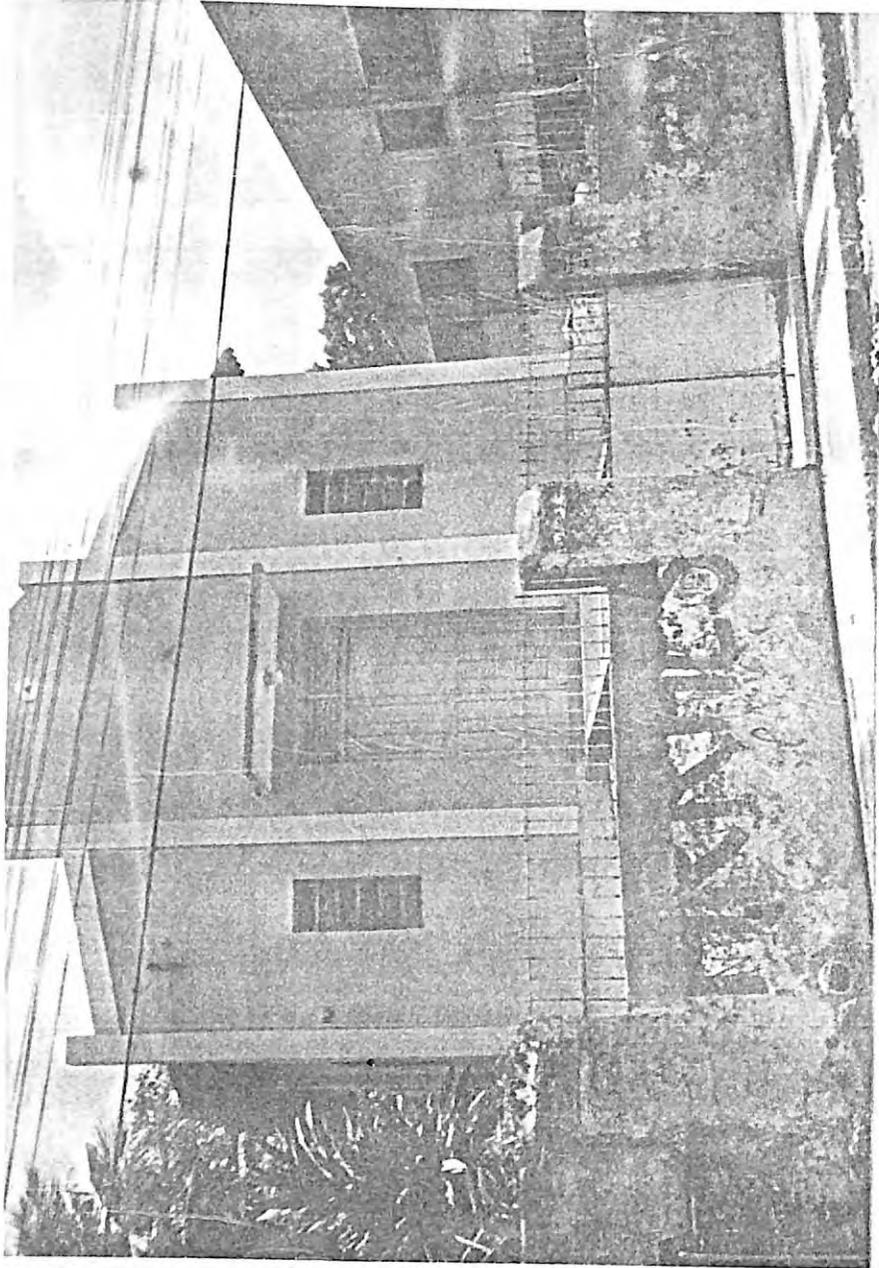


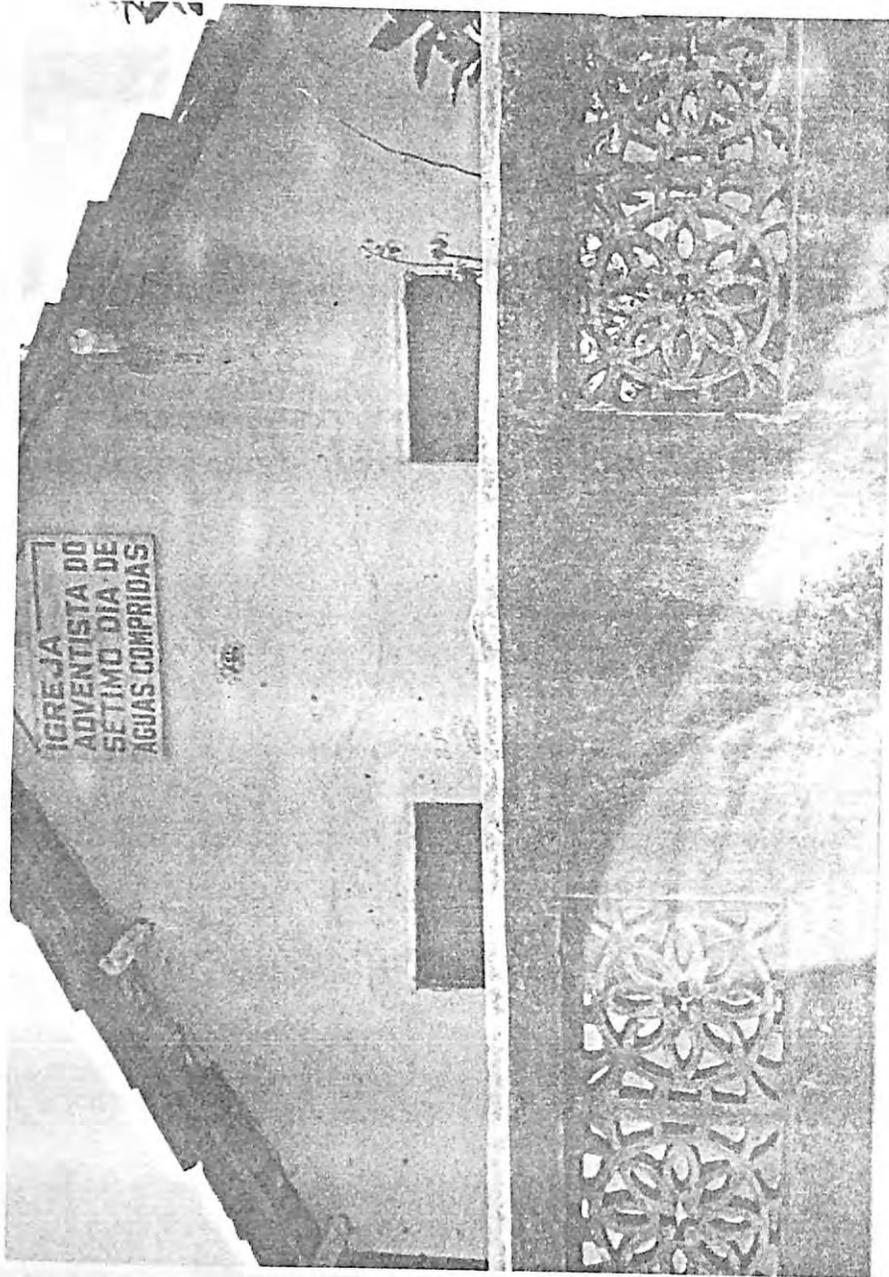


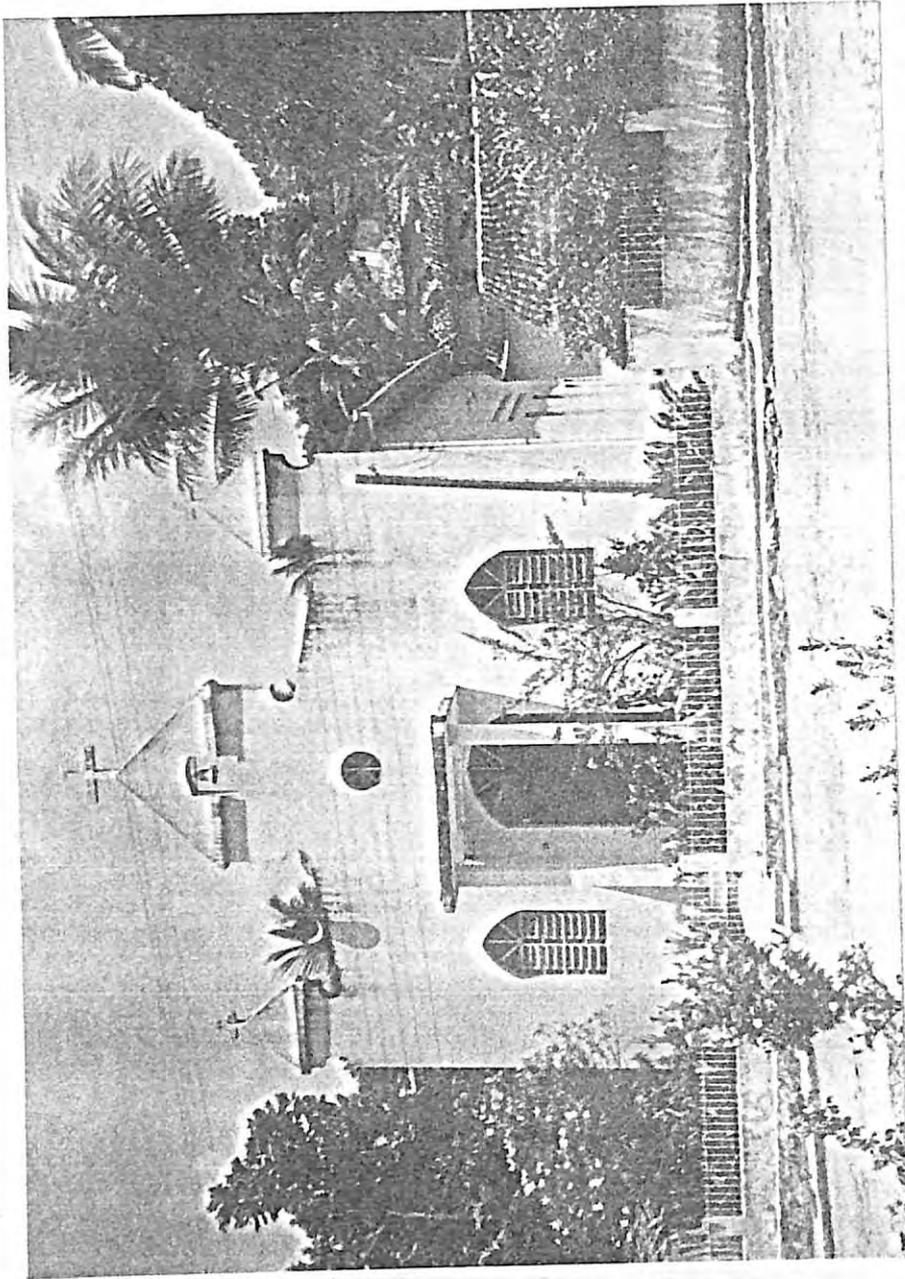


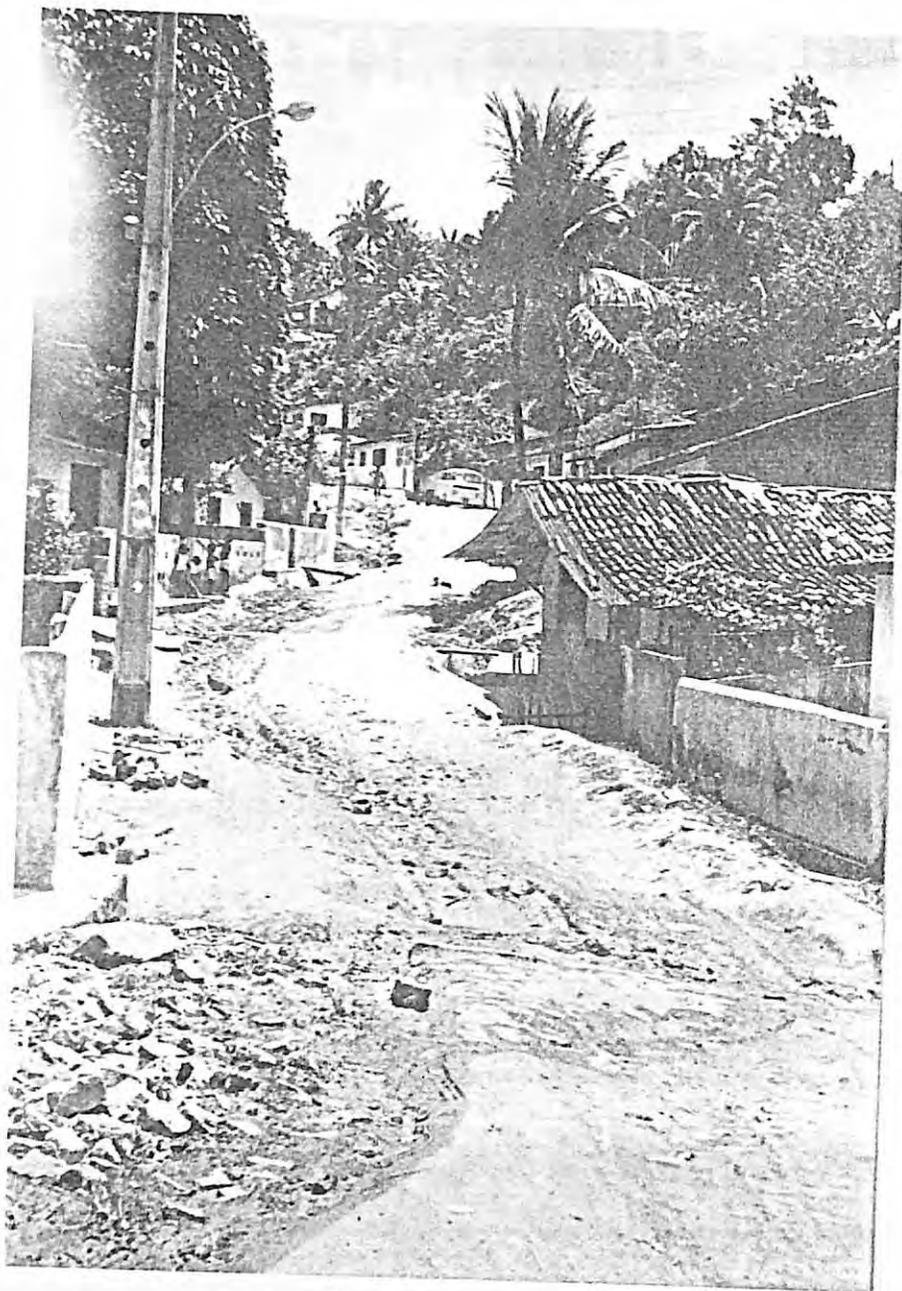


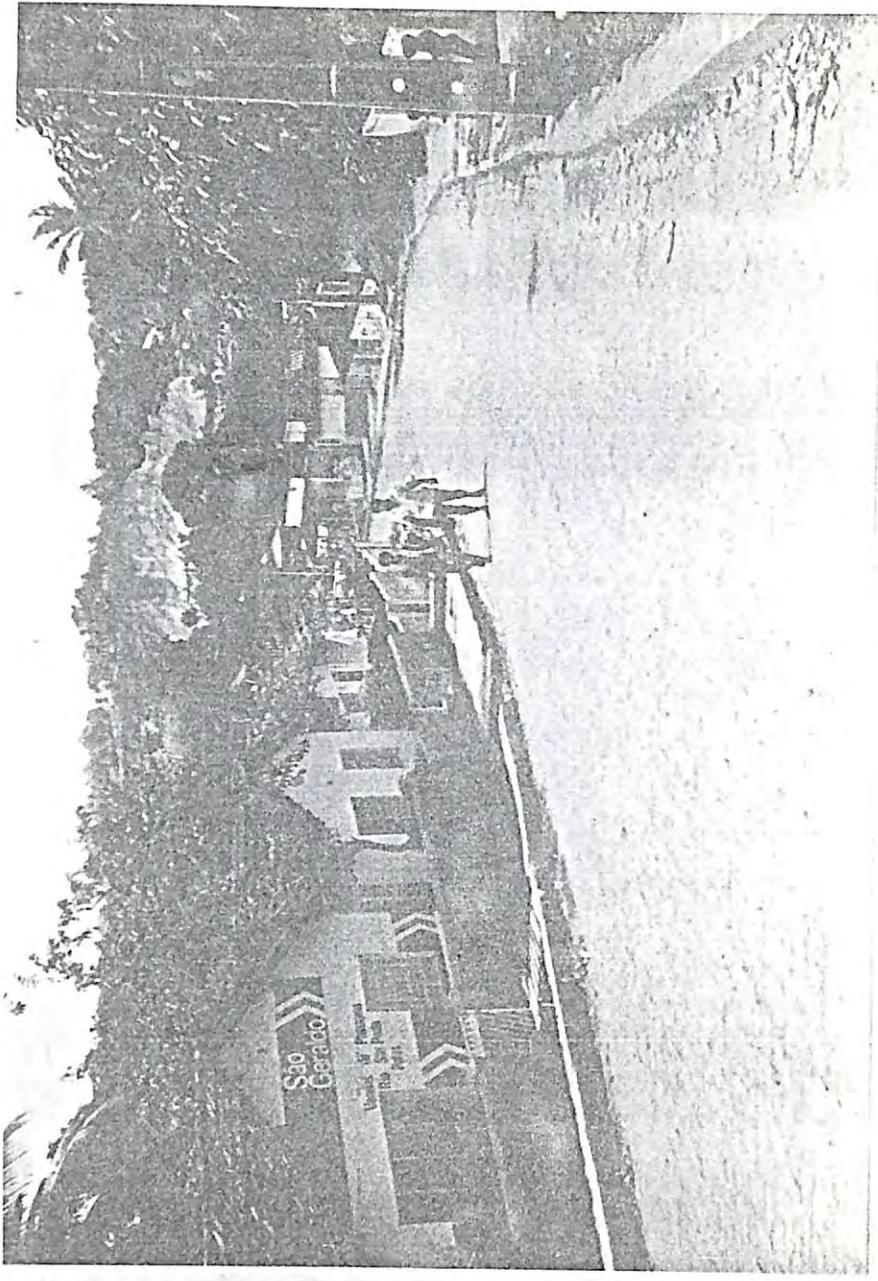


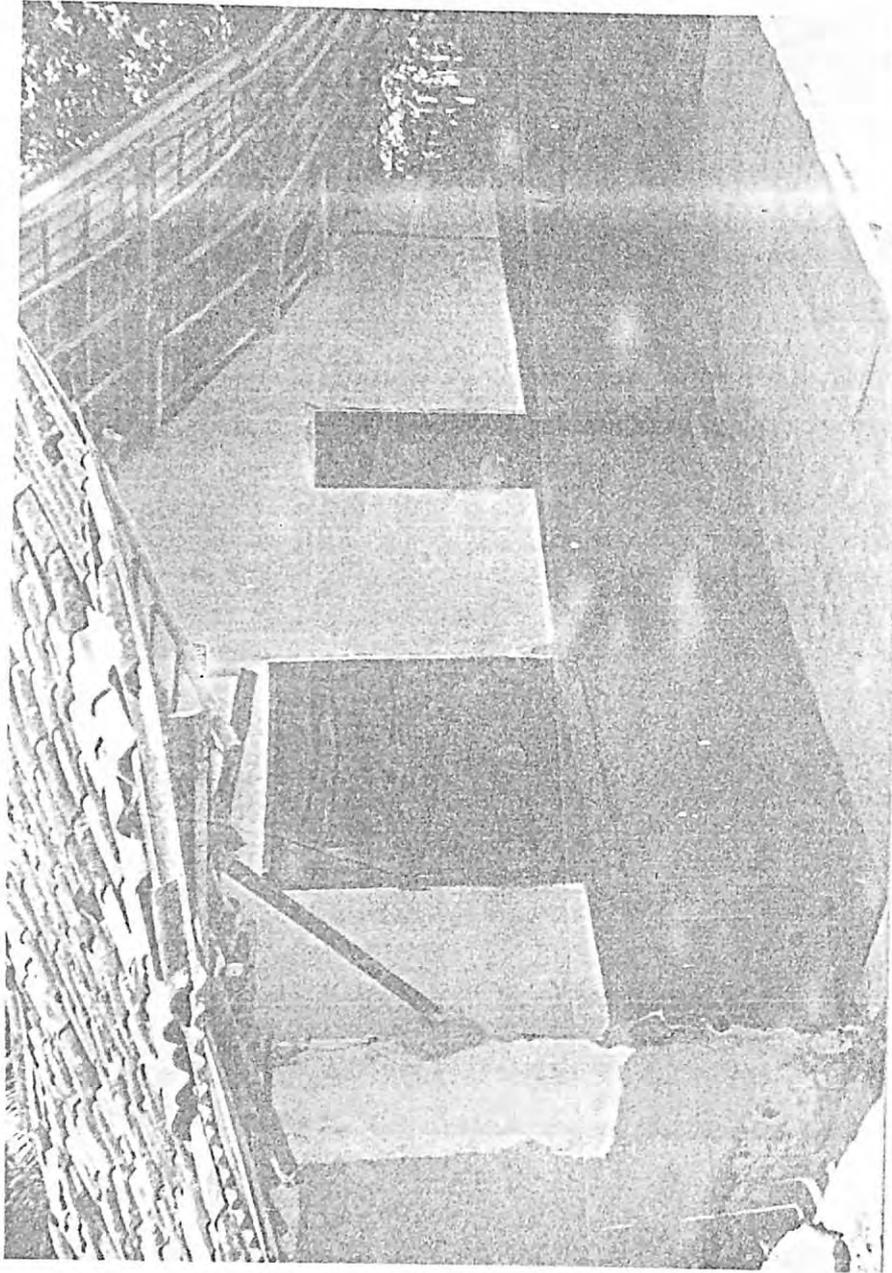


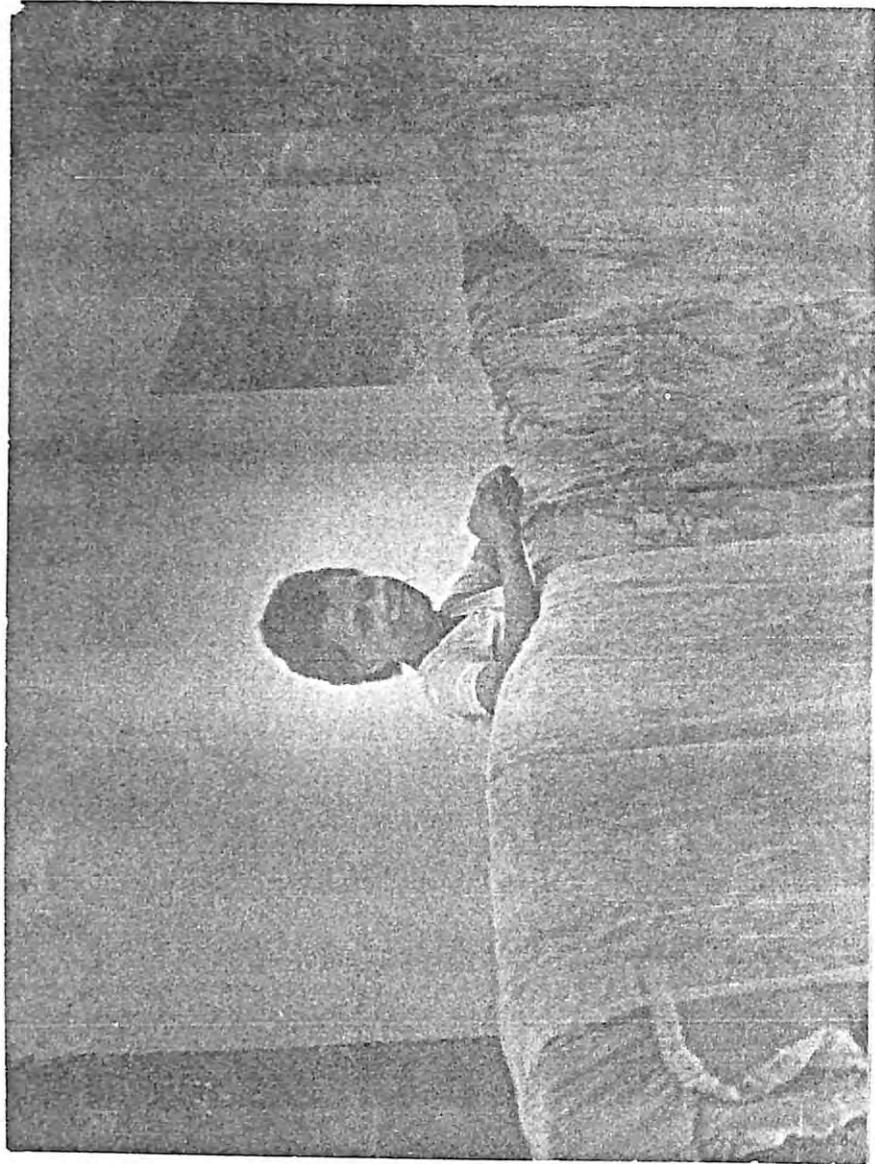


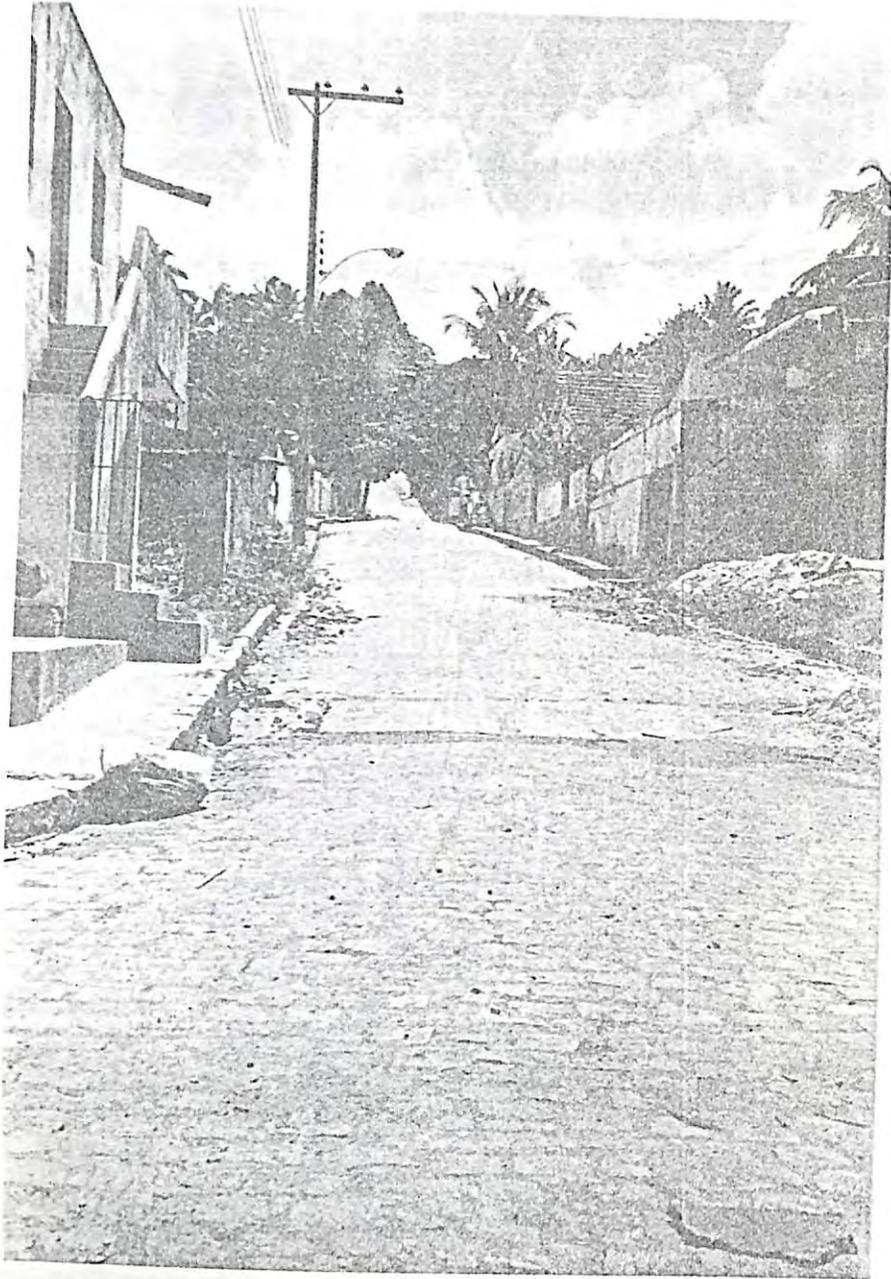


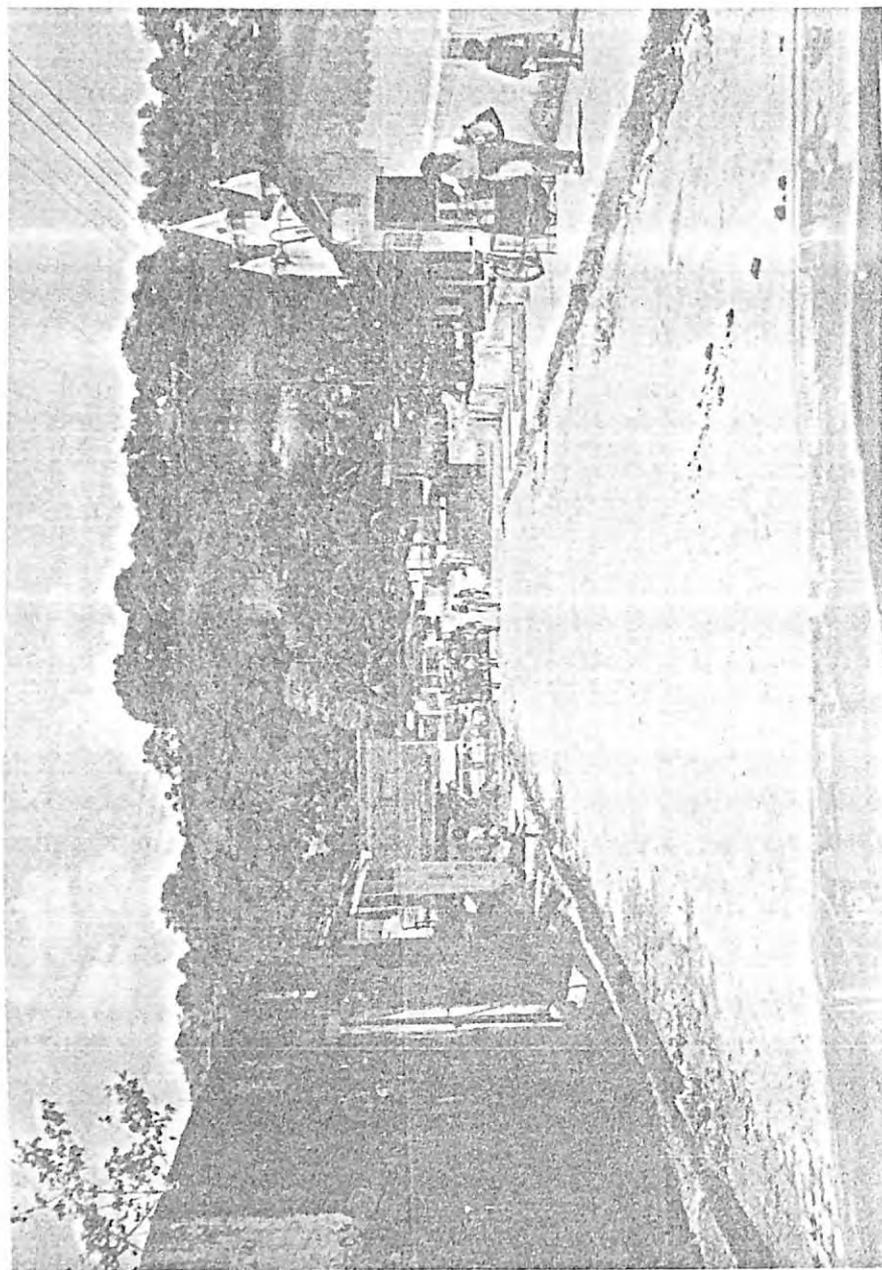


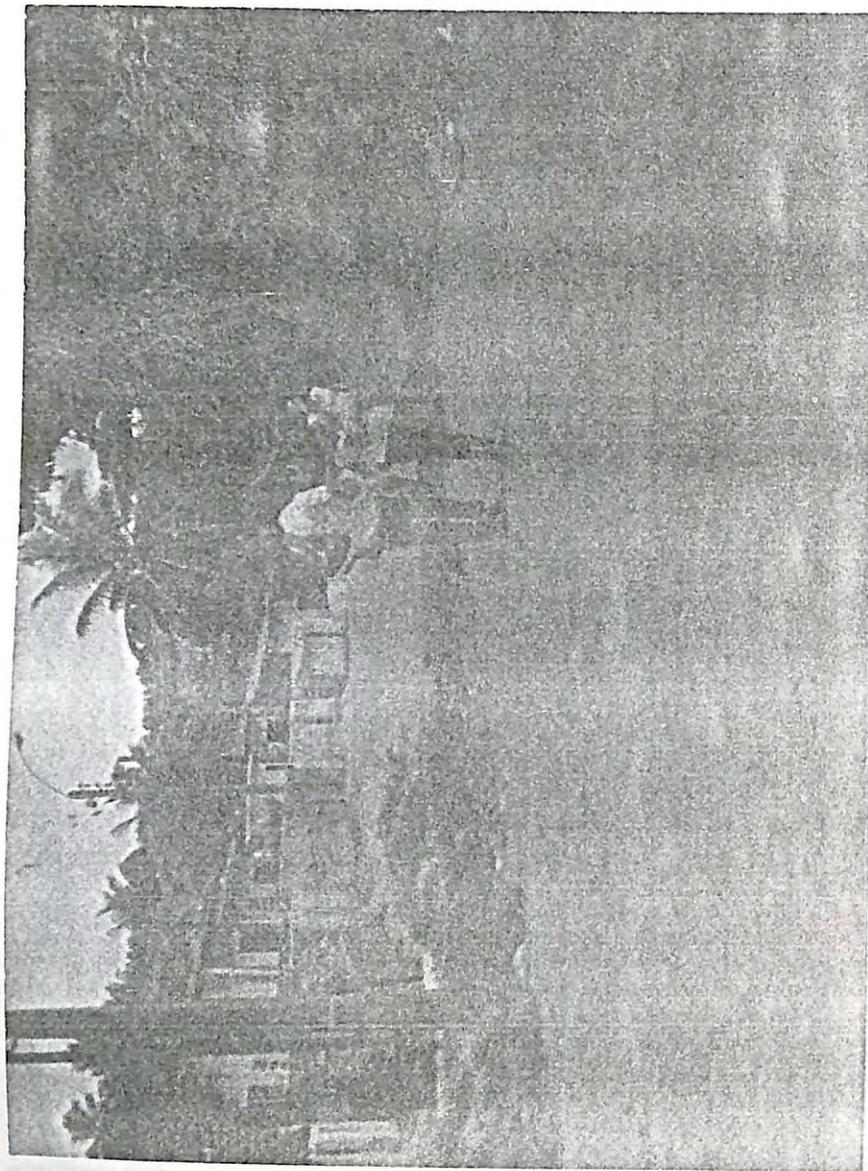


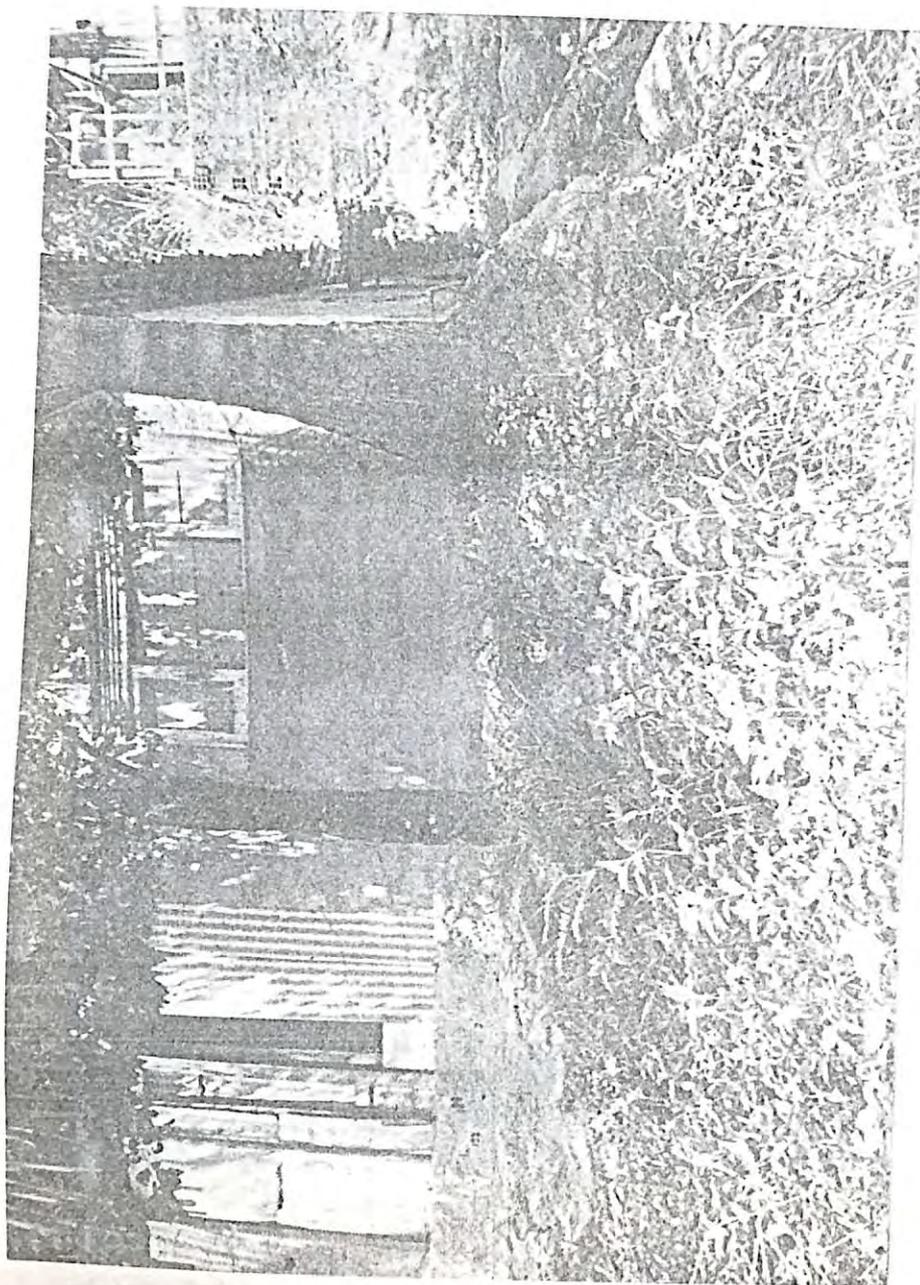






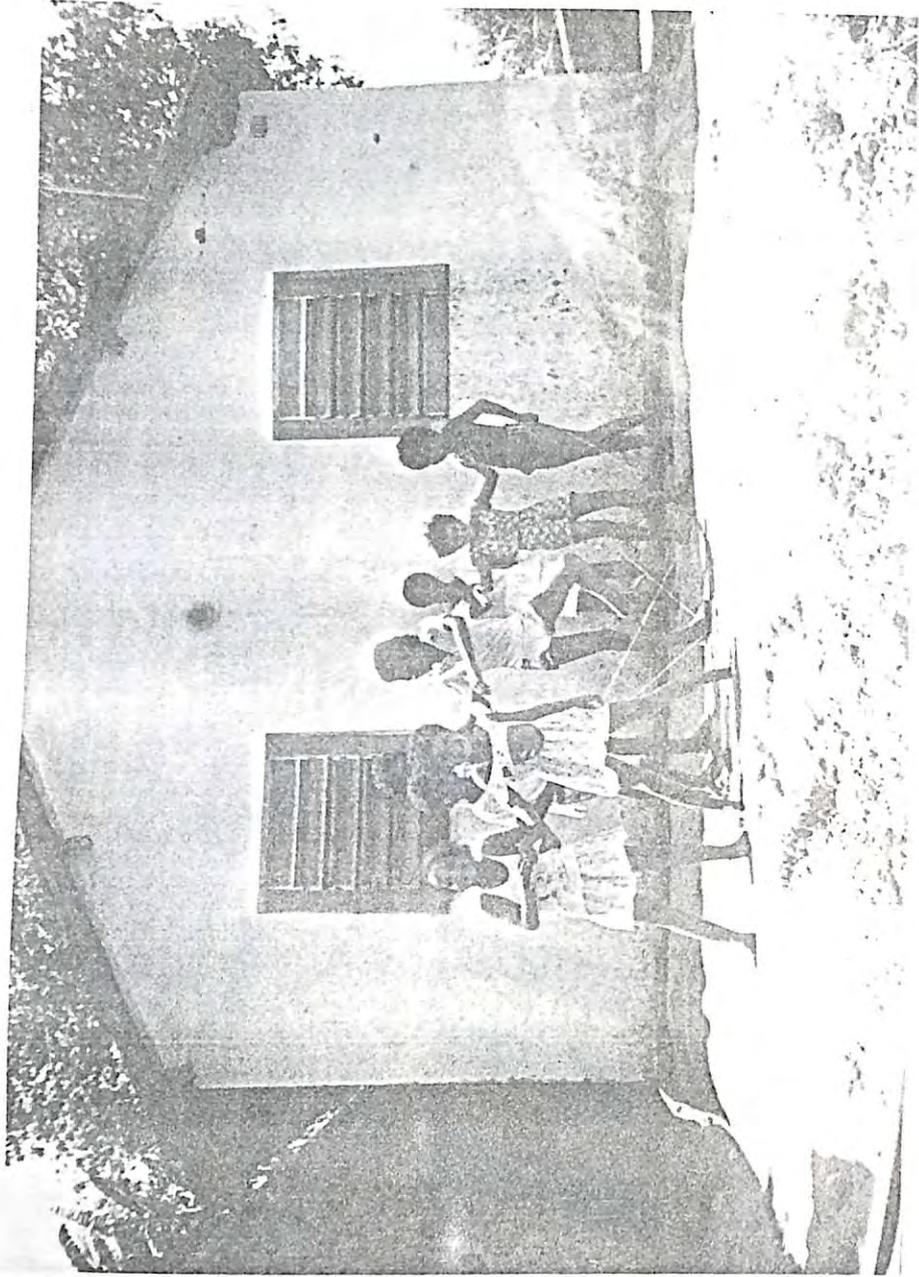


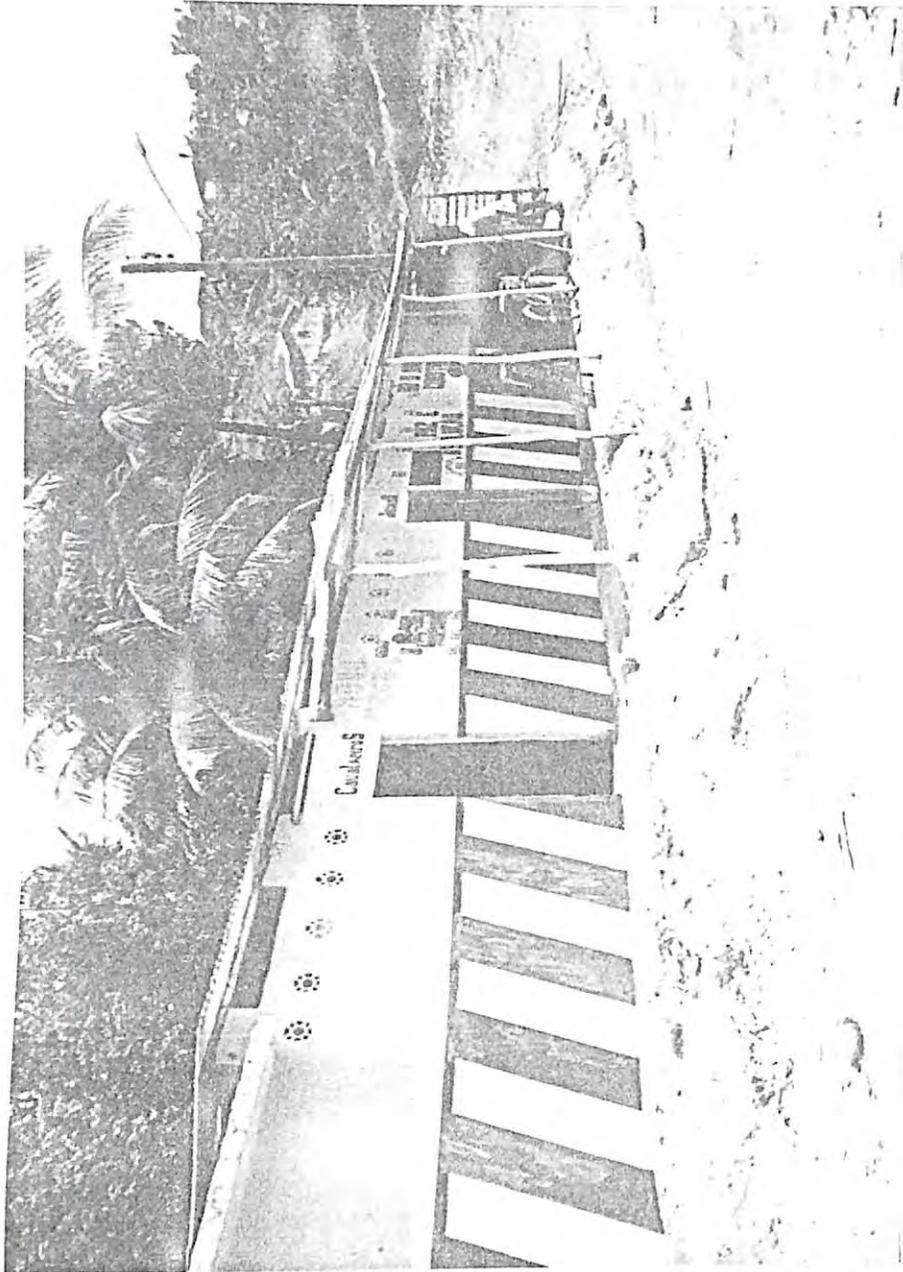


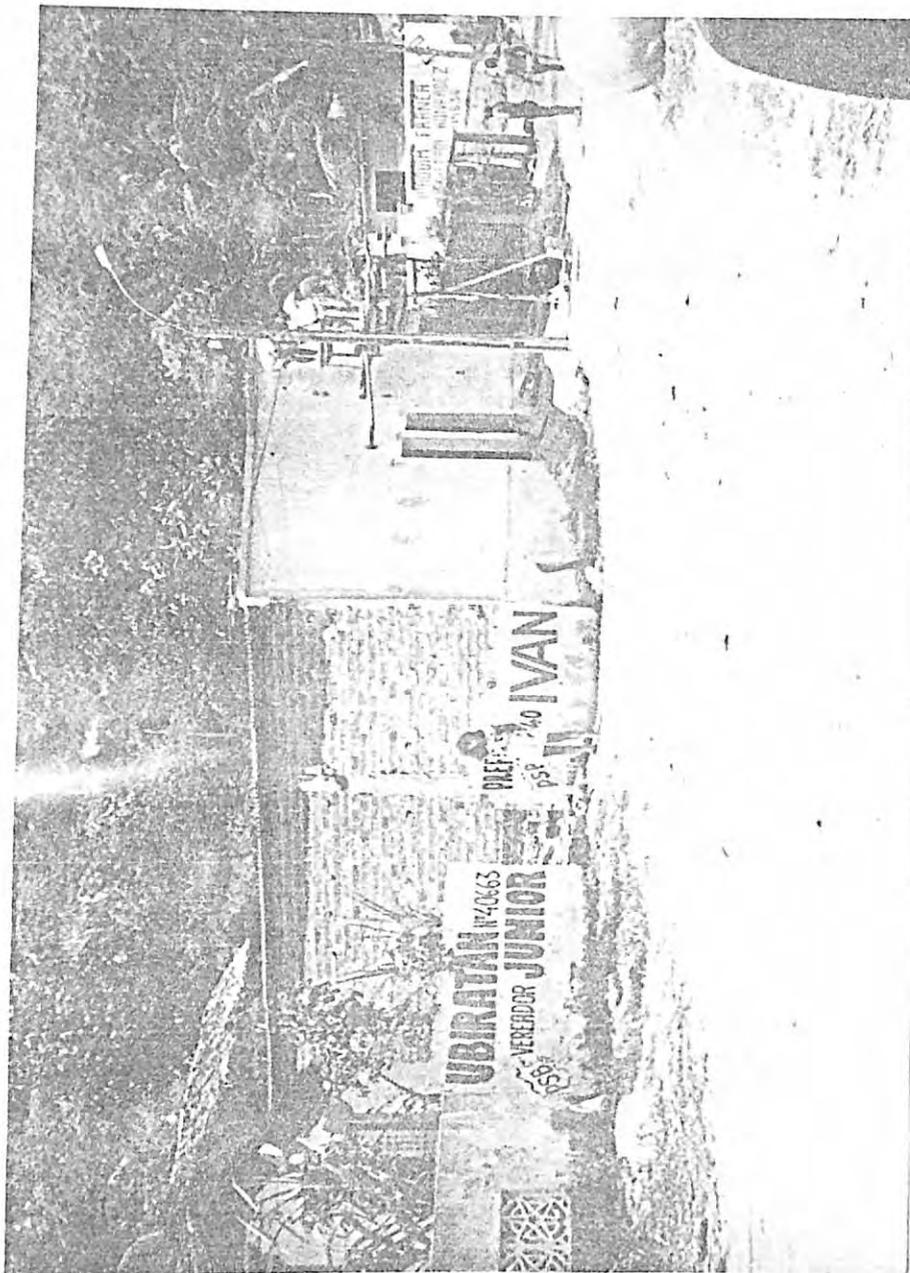












39

M 791 p

Doação/PC-FIU (3)

02/89

NCZ# 3,00

R\$ 30,00.

PCF-UFPA/FIU

PC 89-465